UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE ESTADUAL PAULISTA DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E TECNOLOGIA

O RACISMO RELIGIOSO COMO PRÁTICA DE ANIQUILAMENTO AO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO

GABRIEL HENRIQUE VITORINO ALVES DE JESUS

BAURU
2025

GABRIEL HENRIQUE VITORINO ALVES DE JESUS

O RACISMO RELIGIOSO COMO PRÁTICA DE ANIQUILAMENTO AO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO

Dissertação de Mestrado Acadêmico apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho (UNESP), para obtenção do título de Mestre em Mídia TecnologiIa.Sob a orientação do: Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier.

BAURU

2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE GABRIEL HENRIQUE VITORINO ALVES DE JESUS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E TECNOLOGIA, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN.

Aos 21 dias do mês de março do ano de 2025, às 20h, no(a) Sala 2A e Sala Virtual do Google Meet: meet.google.com/whi-jpnn-tgi, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de GABRIEL HENRIQUE VITORINO ALVES DE JESUS, intitulada **O RACISMO RELIGIOSO COMO PRÁTICA DE ANIQUILAMENTO AO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Doutor JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Jornalismo / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Unesp Bauru, Professor Doutor BRUNO JARETA DE OLIVEIRA (Participação Presencial) do(a) Departamento de Audiovisual e Relações Públicas / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Unesp Bauru, Professor Doutor HÉDIO SILVA JÚNIOR (Participação Presencial) do(a) JusRacial do Brasil LTDA. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professor Doutor JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER

J58r

Jesus, Gabriel Henrique Vitorino Alves de

O racismo religioso como prática de aniquilamento ao Estado democrático de direito / Gabriel Henrique Vitorino Alves de Jesus. -- Bauru, 2025

178 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),

1. Aniquilamento. 2. Racismo. 3. Racismo Religioso. 4. Candomblé. I. Título.

Banca Examinadora

Presidente e Orientador

Prof. Doutor Juarez Tadeu de Paula Xavier

(UNESP-Bauru)

Membro Titular

Prof.Dr Bruno Jareta de Oliveira

(UNESP-Bauru

Membro Titular

Prof.Dr. Hédio Silva Junior

(JusRacial do Brasil LTDA)

Membro Suplente

Prof.Dra Viviane Lindsay Cardoso

(UNESP-BAURU

Membro Suplente

Prof.Dra. Ronilda Iyakemi Ribeiro

(USP-São Paulo)

[...]Que o mesmo raio em trajetória insana, rompa o grilhão que ao porão me atém. Que possa, braços soltos da corrente morrer aqui feliz com minha gente. Babalawo Ifakele

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus ancestrais que me sustentaram até aqui.

Aos meus Pais, irmã e namorada, que me apoiaram.

Ao Terreiro de Umbanda Cipriano do engenho pela firmeza.

A CREIA-Osogiyan por ser ar ao meu ori(cabeça).

Ao homem branco de número um, que disse que eu não terei sucesso.

O Homem Branco de número dois, que me perguntou se eu era de fato aluno regular da Unesp e que a Unesp era uma bagunça.

AGRADECIMENTOS

A presente pesquisa foi fruto de muito suor, inseguranças, desdobramentos e alegrias, início agradecendo a meu pai Ogum, que se tornou trilho para que eu pudesse caminhar nessa jornada e as entidades que me incentivaram e tornaram possíveis com boas palavras Seo Tranca Rua, Exu Gargalhada e Jaguarema pela volta a realidade e apoio, ao Exu 7 Campinas pela inspiração e as damas da madrugada que enxugaram minhas lágrimas no processo. Laroye!

Agradeço aos meus pais, que me deram a base de estudo e o referencial ancestral religioso que compõe este trabalho e a Ana Luíza Caricati que aguentou todos os melindres possíveis para essa escrita e a Heloisa Ferracioli que ouviu exaustivamente o quanto meu Ori estava cansado das vicissitudes da vida e me incentivou a seguir e ao Carlos Eduardo Marques que segurou as pontas em diversas homenagens que o terreiro realizou e ele se colocou a frente, orientando a todos na minha ausência.

Ao Terreiro de umbanda Cipriano do engenho pela compreensão e a seus filhos que me ajudam a enegrecer com conceito e referência a umbanda em Bauru, inclusive os brancos presentes, que se aplicam e letram criticamente contra as práticas de preconceito e marginalização, a constante evolução espiritual, material e descolonizadora.

Ao meu Babalorixá Professor Daniel Pereira, por me ensinar todos os dias a ser uma atori de Pai Osogyian, pelo incentivo, boas palavras, exemplo e fé por não largar a minha mão em nenhum momento dessa nossa trajetória e a meu Humbono Michael de Oxóssi, que é minha inspiração de Egbon, professor e acadêmico na luta contra o racismo(Carolina Maria de Jesus, vive!), A minha irmã marta de Oxum que me abraçou assim que cheguei na casa de axé, juntamente com Denise de Oxum pelas trocas e lágrimas do futuro, a Mãe buba de ogum por me mostrar sempre o melhor caminho e todos meus irmãos da CREIA-O

A Carina Cristina do Nascimento, que acreditou em mim, que confiou em um jovem negro, que acabara de formar na faculdade de Direito, tenho certeza que Esú possibilitou esse encontro e me guiou, por todas as trocas, palavras de incentivo, alegrias e tristezas que compartilhamos, orixá é conosco.

Aos Melhores amigos do meu Instagram, que presenciaram dias e mais dias de escritas, desabafos, reclamações e me apoiaram, com dicas, força, e boas palavras, sem julgamentos ou apontamentos.

Por fim, aquele que eu considero a representação de ogum na terra, meu orientador Juarez Tadeu de Paula Xavier por ter me dado a oportunidade, quando mais ninguém o fez, agradeço por ter me dado o ferro necessário para que eu pudesse arar a terra no plantio dos meus inhames, para no futuro colher.

Mojuba aos meus Pais Ogans e Mães Ekedji
Mojuba Aos meus Agbas, Egbon, Iyawo e Abian
Mojuba a baba mi Esu, Osogyian, Ogum e Ori
Mojuba iya deta, iya kala e iya nassô
Mojuba ao Candomblé

Ogun yé! Mo yé! Axé!

JESUS, Gabriel Henrique Vitorino Alves de. O racismo religioso como prática de aniquilamento ao Estado democrático de direito, 2025. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós- Graduação em Mídia e Tecnologia) - FAAC- UNESP, orientação do Prof. Juarez Tadeu de Paula Xavier, 2025.

RESUMO

A aniquilação racial no Brasil é um elemento fundamental das estruturas racistas nas quais a subjetividade negra e a vida afro-religiosa estão inseridas. O Candomblé e seus membros sofrem com o racismo religioso, que é parte de um processo de extermínio liderado pelo Estado que afeta vários aspectos da vida negra no país. A democracia está em risco devido à falta de aplicação legal e proteção da legislação existente que visa coibir a violência racial. Este estudo examina os mecanismos usados pelo Estado para alienar indivíduos de sua comunidade religiosa, permitindo o racismo religioso, a necropolítica, a repressão e a coerção, levando, em última análise, à aniquilação.

Palavras-Chave: Aniquilamento; Racismo; Racismo Religioso; Candomblé

JESUS, Gabriel Henrique Vitorino Alves de. O racismo religioso como prática de aniquilamento ao Estado democrático de direito, 2025. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós- Graduação em Mídia e Tecnologia) - FAAC- UNESP, orientação do Prof. Juarez Tadeu de Paula Xavier, 2025.

ABSTRACT

Racial annihilation in Brazil is a fundamental element of the racist structures within which Black subjectivity and Afro-religious life are embedded. Candomblé and its members suffer from religious racism, which is part of a state-led extermination process affecting various aspects of Black life in the country. Democracy is at risk due to the lack of legal enforcement and protection of existing legislation aimed at curbing racial violence. This study examines the mechanisms used by the state to alienate individuals from their religious community, allowing for religious racism, necropolitics, repression, and coercion, ultimately leading to annihilation.

Keywords: Annihilation; Racism; Religious Racism; Candomblé.

SUMARIO

1APRESENTAÇÃO 14

2AUTOETNOGRAFIA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA. 18

3PORTÃO DO NÃO RETORNO 25

4RACISMOS 29

4.1 Racismo biológico. 29

4.2 Racismo Estrutural. 32

4.3 Racismo Religioso 35

5PROCESSO DE SUBJETIVIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA 37

5.1 A destruição da Subjetividade do Negro, causa o espaço do não ser. 37

5.2 Epistemicidio 44

5.3 Apartheid e Subcidania negro-humana 46

5.4 Descartabilidade Humana e Necropolítica. 54

5.5 O Candomblé 56

6“DEMOCRACIA” 62

6.1 Liberdade Religiosa 67

6.2 Liberdade Religiosa nas Constituições 69

6.3 Liberdade religiosa na Constituição Federal da República 1988 73

6.4 LEI 7.716/89 e 14.532/23 74

6.5 Estatuto da Igualdade Racial 79

7DISPOSITIVOS DE COERÇÃO 84

7.1 Repressão Física do negro 84

7.2 Aniquilamento Físico 89

7.3 A Falta de Dados No Território 99

7.4 Encarceramento negro no brasil 102

8DISPOSITIVOS DE PERSUASÃO-NEGAÇÃO DO DIREITO 105

8.1 Criminalização- pela Mídia- 106

8.2 Criminalização pelo Sistema Educacional-Necro Educação 110

8.3 Criminalização pelo sistema de Organização e Cultura- Etnocídio 113

8.4 Criminalização Cultural: 116

9CONSIDERAÇÕES FINAIS 119

10 REFERÊNCIAS 122

11 ANEXOS 127

11.1 CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- SACERDOTES/SACERDOTISAS RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA-CANDOMBLÉ 127

11.2 Entrevista babalorixá 1 128
11.3 Entrevista babalorixá 2 138
11.4 Entrevista Babalorixá 3 152
11.5 Levantamento De Dados 177

1 APRESENTAÇÃO

A pesquisa que realizo é parte indissociável do que vivo, como pessoa, afro-religiosa perpassando entre Umbanda e Candomblé e me reconhecendo como negro dentro destes espaços que me levam para o mundo, dissertar sobre isso é me armar e de alguma forma tentar armar os meus, contra o aniquilamento diário, que o racismo fundante deste país produz.

Nasci e me criei na cidade de Bauru, onde pude vivenciar boa parte das experiências, que me levaram à construção dessa narrativa autoetnografia, sou filho de uma empregada doméstica que subverte a ordem de seu tempo e passa pelas maiores necessidades e violências possíveis, para adquirir uma casa própria, juntamente com um homem mineiro, que estudou até a quarta série e aprendeu a ler com a bíblia, visto que este era o único livro o qual tinha acesso.

Desde de criança me encontro inserido, enquanto parte integrante de uma religiosidade africana ancestral, potente e preta, que é a umbanda, meu pai é sacerdote de umbanda a mais de 20 anos e minha mãe o ajuda nesta caminhada espiritual de cuidar, re(ori)entar pessoas e permitir que elas vivam com um pouco mais de dignidade e carinho para consigo mesmas.

Já criança eu e minha irmã aprendemos que não éramos iguais a outras crianças e que nossa religiosidade também não, embora mamãe nos tivesse colocado para viver duas religiões distintas que ocupariam o mesmo espaço por diversas vezes com o intuito de que nós escolhêssemos onde iríamos ficar, sendo elas o catolicismo e a umbanda.

As agruras raciais se iniciam, desde a infância , onde no nosso bairro, havia ainda poucas casas e consequentemente poucas crianças e estas crianças eram impedidas de brincar conosco, devido a religião o qual meus pais professavam, por diversas vezes ouvimos e aqui incluo minha irmã nesta vivência, de que não brincaram conosco por que éramos macumbeiros e não podiam, nas desavenças de criança, o que mais ouvíamos como xingamento era “macumbeiro” e como uma forma de resistir a isso, minha mãe, mulher negra, nos ensinou a não comentar com ninguém na escola que

éramos pertencentes a umbanda ou que no pai tinha terreiro. Falar que meu pai, era dono, líder, pai de santo, conseguia piorar as coisas em níveis inimagináveis.

“Meu filho, preto tem que ser melhor, não pode andar amassado, não pode se vestir de qualquer jeito e tem que ter estudo”, essas eram sempre as palavras da minha mãe para gente, nunca diretamente mencionou o que era o racismo, mas por diversas situações e embates que passamos elas nos dizia, “isso acontece por que somos preto e do terreiro”, minha mãe sempre incentivou para que eu lesse bastante, para ter boa escrita, visto que a caligrafia nunca foi meu forte, mas ela dizia “quem lê bastante, escreve bem” e eu segui, e um dos livros que se deu como um divisor de águas e me aproximam das relações étnicos raciais foi *Senzala de Salvador Gentile,* é um romance, mas o que me tocou não foi o romance, mas como se davam as relações entre escravo e senhor e a riqueza de detalhes para época, eu que nada sabia, a ideia era ler para poder ter uma boa escrita e as professoras pararem de pegar no meu pé e tive contato ali com o que era ser negro e com o que aquelas pessoas da mesma cor que eu, passaram.

Ainda no processo de leitura conheci o livro de *Lázaro Ramos- Na minha Pele*, que conversava com coisas que vivi na infância, que pretos e pretas passavam e como tudo se ligava e que passamos pelas mesmas coisas, e entendi que não importava se era famoso ou não passaríamos sempre pelas mesmas situações, me aproprio de algo que nunca tinha sentido, me compreender enquanto negro e me aprofundar sobre minha arvore étnica ancestral, me debrucei a estudar sobre a religiosidade negra que vivencio e penso nas diversas formas de mudar. Ingresso no curso de Direito, com o intuito de promover algum tipo de mudança, entender o ordenamento jurídico do país, por que acreditava que eram por meio das leis que poderia se atingir de fato a mudança e dou a cara na porta.

Inserido no curso de Direito e com profundos descontentamentos com a vida e as oportunidades e as dificuldades para conseguir o que todos conseguiam, que era um trabalho, um estágio, encontro o Candomblé, me integrei e renasci para orixá, fui iniciado ao orixá Ogum, a divindade da guerra, das batalhas, da vitória e da inquietude. A primeira batalha que travou se tratou do meu objeto de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso, onde até então o meu sacerdote, homem branco e do judiciário,

me desestimulou para que eu a fizesse, o tema que me era querido era sobre a intolerância religiosa e o racismo religioso que as religiões de matriz africana sofriam, justamente o que eu vivia, a ideia era compreender, por que a minha religião sofria tanto se tinha lei.

Ouvi que se eu falasse disso, não arrumaria emprego e que deveria me manter em silêncio diante de todas as barbáries que via e que eu só mudaria algo quando passe em um concurso público e estivesse dentro do sistema, mas que naquele momento tentar defender mesmo que de maneira escrita, minha religiosidade, não era viável, novamente bati com a cara na porta.

Questionei-me por dentro de como eu, iniciado ao orixá Ogum, aquele vai a batalha, vence guerras, que não conhece a derrota, deveria ter que me esconder? Persisti na pesquisa e segui, me afastando daqueles que estavam inseridos e praticando violências raciais, contra mim e os meus, ou que pudessem incentivar, que o corpo integrante do Candomblé, não se expandisse para poder fazer com que de alguma forma a dor que sentimos acabasse.

Pelo título deste trabalho, uma professora da instituição a qual pertencia viu e me falou o quanto aquilo era proveitoso e o quanto ela se orgulhava de ver um homem negro, falando de sua negritude, penso que este foi o primeiro fruto da minha persistência, alguém tinha lido, entendido e gostado e por ali já estava feliz. Partindo de uma realidade a qual, fora o meu nicho familiar e espiritual me abraçavam, ver alguém de fora, se alegrando e me incentivando, era mais que alegria, eu tinha vencido.

A Carina Cristina Nascimento, a professora que outrora tinha lido meu trabalho, me leva até o Programa de Pós- Graduação em Mídia e Tecnologia-(FAAC/UNESP-Bauru), este foi o momento de ruptura, onde uma mulher negra, acolhe alguém que não conhece, mas decide acreditar e incentivar que ingresse em uma universidade pública e não mede esforços para que isso aconteça, não tenho dúvidas que foram nossos ancestrais que trabalharam incessantemente para que esse momento ocorresse.

Saio de uma pesquisa em que trato sobre a Omissão do Estado brasileiro, para chegar no conceito que parte às políticas de enfrentamento, ao racismo como prática de aniquilamento, início pensando que a pesquisa se daria no campo religioso, com a dúvida do que seria o aniquilamento racial e como isso se daria no campo religioso, já que o racismo religioso que eu já tinha ideia sobre, com uma visão voltada ao Direito e aos componentes legais que o compunham, todavia não com o tom das ciências sociais e seus mais variados autores , era uma parte do racismo. Trato nas seguintes linhas por introduzir o que adquiri e como formatei o meu entendimento sobre o Racismo Religioso como Prática de Aniquilamento ao Estado Democrático de Direito. No primeiro capítulo abordo um pouco da historicidade negra, fazendo alusão em seu título sobre o portão do não retorno e como o Racismo é um tentáculo fundante das bases brasileiras e como estes estão ligados entre si, partindo do racismo biológico e cientifico, conceituando o racismo estrutural até chegar no Racismo religioso. No segundo, sobre a subjetividade negra e como esta tem influência, juntamente com o epistemicídio, criando assim a descartabilidade humana e o apartheid no Brasil, dando subsídios para que possa compreender o motivo de negros e negras não estarem presentes na religião de seus ancestrais, logo em seguida abordo como as constituições brasileiras desde 1824 tem visto a liberdade religiosa e como fora recepcionado na constituição federal de 1988 e as leis que contribuem para o combate ao racismo, racismo religioso e a pratica do aniquilamento, trabalho nos capítulos seguintes, sobre os dispositivos de coerção e repressão, promovidos pelo Estado, para que entendamos onde se insere as práticas estatais e como estas conduzem a vida do negro, para além da perspectiva religiosa. Este processo de entendimento, pode causar certo desconforto e é justamente a ideia, que não nos coloquemos confortáveis em situações degradantes e de aviltamento de Direitos. Boa Leitura.

2 AUTOETNOGRAFIA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA.

A base metodológica que norteará este instrumento de pesquisa, tem a intenção de romper o seguimento acadêmico branco elitista a qual estou inserido, sendo este pesquisador homem cis, negro e integrante do corpo religioso de um terreiro de umbanda e por ancestralidade iniciado no candomblé neste sendo Iyawo1.

A as pesquisas acadêmicas em regra tem caráter ocidental, com distanciamento e neutralidade da pesquisa, guardando ainda sentimentos e atitudes coloniais daqueles que foram algozes, e cometeram o que o Direito Penal chamará de latrocínio[2] para se intitular donos dessas terras. A intenção acadêmica segundo Camila Fontenele de Miranda é exercer dominação sobre grupo ou povo e por conseguinte sobre o conhecimento. A narrativa a qual a presente se desenrolará vem contra a maré que arrasta e joga fora conhecimentos e vivencias do povo negro e como conceituou professor Sidnei Nogueira(2020) as comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro), a ideia é criar um espaço de pesquisa, reflexão e por fim quem sabe levar até essas comunidades a informação e efetivação de seus direitos.

A Autoetnografia tem como base o próprio pesquisador sendo objeto e universo de pesquisa, sendo este universo o candomblé.

> Autoetnografia vem do grego: auto (self= “em si mesmo”), ethnos (nação= no sentido de um “um povo ou grupo de pertencimento” e grapho (escrever=” a forma de construção da escrita”). Assim, já na mesma pesquisa da sua origem, a palavra nos remete é um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se a maneira de construir um relato (“escrever”),

[1] Filhos de santo que já passaram pela iniciação, mas ainda não tem maioridade religiosa.

[2] Roubo seguido de morte, Art.157§3°II https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm

> sobre um grupo de pertença (um povo), a partir de "si mesmo" (da ótica daquele que escreve)[3].(SANTOS,2017)

De maneira que Chang(2008) vai dizer que a autoetnografia é composta por três orientações: orientação metodológica(análise), orientação cultural(interpretação) e a orientação de conteúdo (autobiografia/reflexão). A intenção real é dar voz a quem vivencia de fato o que pesquisa, para além da distância etnográfica somente, sendo tanto processo como produto da pesquisa(ADAMS;BOCHNER;ELLIS,2011), sendo parte integrante da pratica aniquiladora racial e racial religiosa a análise será elaborada por meio pessoal e com fontes bibliográficas, pesquisas de campo e entrevistas, para que se preencha mais ainda as lacunas que alguns contra esta metodologia irão dizer que se tem, a autoetnografia, está para além de floreios e literatura poética onde o mundo é lindo e colorido, para isso temos outras obras de imenso valor, aqui não se verá o mundo sob o olhar supremacista racial capitalista branco, tratar-se de dança, música, magia, ginga, jogo em prol da resistência, que atravessou o transatlântico até diáspora, onde negros e negras desenvolveram um sistema tecnológico ancestral para sobreviver e cultuar seus Deuses.

Entretanto, o método de pesquisa escolhido em coadunação com o orientador da pesquisa está para além de questões autobiográficas e memórias, aqui a investigação da pesquisa é não somente dentro do “Eu” e se estende para o nós, assim como as rodas de *Xirê*[4] e a filosofia de *UBUNTU,* já que eu sou, porque nós somos. Delamont(2007) irá dizer que o método autoetnográfico anula o nosso dever de pesquisador, que é sair e coletar dados, não sendo isto que ocorra, já que a pesquisa não se trata de uma ficção e a autora ainda continua dizendo que não somos interessantes o suficiente para ser objeto da sociologia, podendo a mesma dizer por ela, já que estudar as religiões de Matriz Africana tem total relevância para a sociedade e compreender o racismo que ataca, fere e mata diariamente esta cultura religiosa e seus adeptos é um dos meios para que se para o massacre.

---

[3] SANTOS,Silvio Matheus.O metodo da Autoetnografia na Pesquisa Sociologica.2017 Apud Cf Doloriert e Sambrool (2012) e Reed-Danahay(1997).

[4] Brincar/Dançar, louvor inicial em roda nos rituais de Candomblé.

> A autoetnografia ajuda a pensar reflexivamente esses movimentos que circundam as pesquisas sociológicas, as interações de proximidade do pesquisador e pesquisado e as relações (afinidades políticas, culturais, étnicas e raciais) de pesquisador com o tema e o objeto Sujeito da pesquisa[5]

Sendo assim, não somente de reflexão viverá este estudo, mas de uma gama ampla de outros métodos que irão compor o material, como estudo de caso; experiência pessoal; textos, documentários, entrevistas e a vivência de terreiro.

E ainda sim com altas críticas acadêmicas por quê seguir com este método de pesquisa, já que se vislumbra de maneira categórica a não aceitação branco-pesquisadora brasileira?

De acordo com *Adams,Ellis e Jones*(2015) existem quatro razões para se realizar a autoetnografia. 1- realizar uma crítica mais contundente, fazer contribuições e/ ou estender a pesquisa e teoria existente; 2- abraçar a vulnerabilidade como uma maneira de compreender as emoções e melhorar a vida social; 3- interromper tabus, quebrar silêncios e recuperar vozes perdidas e desconsideradas; 4- tornar a pesquisa acessível a diversos públicos

Temos aqui o que irei destrinchar de maneira breve o motivo da escolha metodológica, sendo respondido pelos números acima .1- o presente tema racismo religioso e se tratando do candomblé é algo que ainda não se abarca muito pelas pesquisas, enquanto por exemplo a umbanda, caminha anos luz a frente, tratando de assuntos como o embranquecimento da umbanda e o não surgimento e fundamento a partir de Zélio. 2- as religiões de matriz africana em geral são muito vulneráveis e iremos discorrer sobre ao logo da pesquisa. 3- estamos com esta quebrando o silencio e deixando clara as violências que sofremos ao longos dos anos até atualidade.4- a pesquisa deve ser acessível aos religiosos, não religiosos, negros, negras e brancos

[5] Santos,Silvio Matheus Alves. **O método da etnografia na pesquisa sociológica,perspectivas e desafios**.2017.

antirracistas, que saiam da biblioteca empoeirada da academia, e se faça comunicar e orientar, assim como Esú.[6]

O processo autoetnográfico vem acompanhado de outra fonte de pesquisa, com o intuito de embasar mais a metodologia escolhida, sistema esse desenvolvido pelo Professor Dr Juarez Tadeu de Paula Xavier que se chama os 4Ps que são: Processos, Pessoas, Plataformas e Protocolos, a ideia é a consolidação dos estudos em categoria de análise, sendo estes formas de organizar o que observamos no campo de pesquisa. (informação verbal)[7].

> **Processo** é o ambiente, que se de uma determinada situação, processos são todos os mecanismos tangíveis e intangíveis que constroem a realidade política, social e cultural de um fenômeno. **Pessoas** neste caso é como as pessoas acessam seus direitos. **Plataformas** é o acesso privilegiado às pessoas brancas aos direitos econômicos, sociais e culturais e **Protocolos** são as definições políticas que esses grupos sociais têm ao enfrentamento ao racismo, ideias políticas gerais que as pessoas têm em relação ao racismo no brasil (informação Verbal)[8]

Neste Diapasão seguimos entendendo que o ambiente a ser estudado será a religião de Matriz Africana Candomblé e parte de suas práticas religiosas e as tecnologias usadas para subverter ao sistema que aparta, demoniza e mata seus costumes, sendo pessoas a forma literal como já fora aludido na citação. Plataformas como as pessoas não negras acessam os candomblés e quais são seus privilégios e influências sociais, culturais e econômicas e como isso influencia na dinâmica religiosa. Protocolos quais

[6] Divindade Do Panteão Ioruba-nagô, comunicador.

[7] Informação fornecida pelo Professor Dr Juarez Tadeu de Paula Xavier em Fevereiro de 2023.

[8] Informação fornecida pelo Professor Dr Juarez Tadeu de Paula Xavier em Fevereiro de 202

são os meios políticos e aqui estendo até a pensamentos próprios, políticos não convencionais que este grupo usa em relação ao enfrentamento ao racismo religioso.

A interseccional idade também será fonte de pesquisa, já que a mesma é abordagem analítica de diferente formas de discriminação e opressão como cita Djamila Ribeiro(2019)

“Interseccional idade é uma lente analítica útil para entender as dimensões inter-relacionadas de raça, classe, gênero e sexualidade, como elas estruturam desigualdades sociais e como são reproduzidas e resistidas em diferentes contextos sociais.”[9] E não menos importante ainda para não permitir dúvidas mas de maneira implícita no corpo da pesquisa traremos a interdisciplinaridade que a colaboração de diferentes áreas do conhecimento para compreender os problemas trazidos na pesquisa.

> A interdisciplinaridade é fundamental para compreendermos a complexidade das questões raciais, pois permite uma análise que considera não apenas aspectos históricos e sociais, mas também culturais, políticos e econômicos, proporcionando uma visão mais abrangente e profunda das desigualdades raciais e das formas de resistência e transformação(**RIBEIRO,2019**)[10]

Ainda segundo Xavier(2000) A interdisciplinaridade constitui, para alguns pesquisadores um modelo metodológico de trabalho e pesquisa do universo afrodescendente.

Entende-se necessária a metodologia autoetnografia pelo fato de sendo parte objetiva da pesquisa enquanto Negro Afro-Religioso, produzir conhecimentos acerca do tema vivenciado, onde social e academicamente existe uma pratica a qual Sueli Carneiro e Boa ventura Souza Santos irão conceituar como Epistemicidio: que é a não

[9] RIBEIRO, Djamila. **Feminismos Plurais**.2019.

[10] RIBEIRO, Djamila. **Encruzilhadas da democracia:gênero,raça e classe em questão**. 2017

aceitação de produções de conhecimentos, sendo este um instrumento de dominação étnica/racial pela negação (1997)

> O Epistemicidio foi Subalternizar, subordinar marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto ao capitalista); E também porque ocorreu tanto no espaço periférico, Extra europeu e Extra americano do sistema Mundial, como no espaço Central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros as mulheres e as minorias em geral étnicas, religiosa, sexuais)(**SANTOS,1995)**[11]

Tal prática tinha o intuito não somente de não permitir que grupos minoritários produzissem conhecimento, mas também de deixar estes grupos em um lugar subalterno, por isso a não aceitação da pesquisa autoetnográfica, visto que estes que outrora foram considerados irracionais e sem capacidade de aprender é que vão produzir conhecimentos e criar redes para mudarem a realidade pessoal e dos seus. Vê-se a relevância da mesma pelo fato de antes da Constituição de 88 a prática epistêmica era o que pairava sobre a teto sagrado das CTTro, não permitindo seus costumes e nem medicinas, amparados por texto legal.

Ainda usando os 4Ps como parte da seleção e crivo para coleta de dados

Sendo analisado

Processos como o ambiente, que é a comunidade tradicional de terreiro, pois são estes que mantém as feridas e cicatrizes do racismo religioso em seu corpo.

Pessoas, sacerdotes/Babalorixá/Yalorixás de terreiro da cidade de Bauru, de 5 a 6 entrevistados, alternados entre a cidade de Bauru-Sp, como Território em que mantenho domicílio e ânimo efetivo e São Paulo onde transito e fazer um paralelo entre como o racismo ataca em uma cidade do interior e uma grande metrópole, visando encontrar assim semelhanças ou divergências.

[11] Santos,1995,p328

Protocolos o candomblé é um religião hierárquica, sendo o Babalorixá ou yalorixa o cabeça do grupo, responsável pela comunidade e quem dita as regras, costumes e que fora escolhido pelos orixás para cuidar da vida das pessoas que o seguem, em se tratando de cuidar, e refiro ao cuidado espiritual, psicológico e até mesmo físico.

“O candomblé somente atribui este posto a pessoas que já vieram predestinadas e estão com suas obrigações rituais completas, e ter recebido de seu sacerdote o elemento comprobatório do seu cargo” (Oxaguiã e Kileuy 2023).

Plataformas entendidas através desses líderes, com o racismo atravessa a vida enquanto líder religioso, enquanto adeptos e como a comunidade busca enfrentar ou socorrer os seus.

As entrevistas não ofereceram nenhum risco ao sacerdote ou comunidade e também foram suprimidos seus nomes, transcritos, devolvidos e usados após o aceite do líder religioso

Proponho a Pesquisa autoetnográfica sobre o Racismo Religioso no Candomblé como encruzilhada, para que possam acessar, conhecer e reconhecer os meus e os nossos ancestrais, para que através destas palavras nenhum deles abracem a árvore do esquecimento e que assim como outros antes de mim, puderam lutar e vencer a prática epistêmica social e aos poucos derrubar as práticas supremacistas segregacionistas racial brancas e o aniquilamento a nós imposto.

3 PORTÃO DO NÃO RETORNO

Foram 4.8 Milhões de pessoas escravizadas, pessoas essas tratadas como objeto de troca e “elemento servil”, nascidas para o trabalho segundo a pequena minoria da população branca que os dominava, os seres humanos que aqui aportavam devido ao tráfico de pessoas escravizadas era legalmente constituído por todas as instituições políticas da época.

Sendo este um plano político muito bem orquestrado para fundar o país e proteger suas instituições e os meios de dominação, já que sem o tráfico negreiro e o trabalho escravo, não haveria Brasil. Segundo Parron(2011)[12] havia uma linha política planejada, organizada, determinada e defendida no parlamento e em todas as instâncias da monarquia brasileira, a ideia da até então monarquia, era legitimar os acontecimentos e impedir que esse ciclo acabasse, mesmo com a pressão de outros países, haja vista que as ações de dominação sobre outros corpos e povos era demasiadamente vantajoso ao Brasil e por isso o mesmo oferece gigantesca resistência em deixar que a escravidão acabe. Os escravos brasileiros para além de animalizados eram tratados como coisas, por serem assim vistos, poderiam ser vendidos, leiloadas, trocados em outros objetos, como por exemplo, cadeiras, mesas ou outro escravo, alugados, hipotecados e tudo mais que se pudesse realizar com um objeto inanimado, poderia ser feito com os negros, não se tratava de dinheiro em si e sim do escambo a troca e a posse sobre outrem.

O solo brasileiro foi fertilizado com lagrimas, sangue, suor e martírio na escravidão(NASCIMENTO,2016), tanto na mineração, quanto na plantação de cana de açúcar, café ou na cidade, dentro dos grandes casarões dos barões, senhores, condes duques, dos mais altos ou baixos títulos existe ali o elemento de trabalho negro, que era o sustentáculo de famílias, fazendas, cidades e império. Encobertos por uma cortina de benevolência, caridade e salvação de pessoa.

Com o intuito de deixar evidente o massacre e o desrespeito do Brasil com qualquer tratado e firmado legal que se teve naqueles séculos até abolição, para mais

[12] PARRON, Tâmis. **A Politica da escravidão no império do Brasil**,1826-1865,2011

amplo entendimento deixara-se a, nas linhas seguintes uma linha do tempo, baseada em Laurentino Gomes e em sua Obra Escravidão[13]

→**1815**- Congresso de Viena- Grã-Bretanha, França, Espanha, Suécia, Áustria, Prússia, Rússia e Portugal, firmam acordo contra o tráfico de africanos

→**1818**-São Paulo e Minas Gerais detém apenas 35% de escravos

→**1831**- O tráfico de escravos é legalmente proibido no Brasil.

→**1835-** 83 Mil negros aportam no Brasil como escravos

→**1836/1840** 255 Mil escravos Chegam ao Brasil

→**1840/1850**- 400 Mil Escravos Chegam ao brasil

→**1850-** Lei Eusébio de Queiroz- O tráfico é proibido no Brasil

→**1871**- Lei do ventre Livre

→**1872**- São Paulo Aumenta em 58% o número de escravos

→**1885**-Lei do Sexagenário

→**1887**- Nordeste Diminuiu de 54% para 23% o número de escravos

→**1888**-Lei Áurea

Fica, na linha do tempo supracitada, que muito antes da Abolição da Escravatura por meio da Lei Áurea em 1888, existiram alguns outro modos de que o tráfico de pessoas e a escravidão no País acabasse, todavia o Brasil era um incentivador e mantenedor das mãos de trabalho e se quer se viam sem elas. De maneira descarada descumpriu acordos e violou suas próprias leis, permitindo nos anos seguintes as leis que proibiam a entrada de negros para se tornar escravos, um aumento expressivo de pessoas, entrando para clandestinamente, isso evidencia de maneira clara, a resistência brasileira em não acabar com o período escravista e a

[13] GOMES, Laurentino. Escravidão, Da Independência do Brasil a Lei áurea. Volume III, GLOBO LIVROS,2022. p 27-30

dependência que o pais mantinha em ter pessoas sendo torturadas para que se mantivesse o bom funcionamento estatal, garantindo assim a economia do pais.

O Aumento expressivo de negros e negras saindo do Nordeste brasileiro, para o Estado de São Paulo no ano de 1872, tornando assim São Paulo uma grande potência escravista, deixa claro as manobras políticas criadas, para driblar fiscalizações existentes e quem sabe tornar o Estado de São de Paulo a grande potência que é na atualidade. As leis que antecederam a abolição como a lei do ventre livre 1871 e sexagenário 1885, que visam garantira respectivamente a liberdade daqueles que nascessem após promulgação e os cativos que tivessem idade igual ou superior a 60 poderiam ser libertos, foi usada de maneira desleal com uma perversidade sem tamanho, já que estes que nasceram com liberdade sobreviveriam onde e do que ? qual seriam suas expectativas de vida, já que livre estavam, e os que trabalharam a vida toda, até seus 60 anos, já que nem nesta idade conseguiam chegar, também fariam o que ? já que estavam plenamente inseridos no meio que os oprimia, sem perspectiva alguma de plena libertação, criam-se leis neste estado escravagista, que não se adequam a realidade de sua população e nem se realiza de maneira possível os objetivos a que essas leis foram criadas, tornando-as ineficazes.

Três argumentos sustentavam a não abolição, o primeiro de a escravidão era benéfica aos negros, o segundo que o negro seria capaz de sobreviver em liberdade, e por fim que embora condenável do ponto de vista humanitário era um mal necessário. (GOMES,2022).

O Brasil sofria um grande pressão para que se abolisse o processo de escravidão, visto que todos os outros países das Américas já tinham o feito e assim, de maneira repentina quase como quem recebe uma mensagem divina a princesa decide perante o recente parlamento brasileiro, aprovar uma das mais curtas leis do País.

> A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembleia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:
>
> Art. 1°: É declarada extincta desde a data desta lei a escravidão no Brazil.
>
> Art. 2°: Revogam-se as disposições em contrário.
>
> Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.
>
> O secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Publicas e interino dos Negócios Estrangeiros, Bacharel Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de sua Majestade o Imperador, o faça imprimir, publicar e correr.
>
> Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888, 67º da Independência e do Império.
>
> Princeza Imperial Regente.(BRAZIL,1888)

A Princesa antes de levar ao parlamento para a votação deixou de maneira bem tímida um breve um discurso, dos motivos pelo qual deveria o Brasil, se livrar da aberração escravista, neste tocante, as poucas linhas do trono:

> A extinção do elemento servil, pelo influxo do sentimento nacional e das liberdades particulares, em honra do Brasil adiantou-se pacificamente de tal modo que é hoje aspiração aclamada por todas as classes, com admiráveis exemplos de abnegação da parte dos proprietários. Quando o próprio interesse privado vem espontaneamente colaborar para que o Brasil se desfaça da infeliz herança, que as necessidades da lavoura haviam mantido, confio que não exitareis em apagar do direito pátrio a única exceção que nele figura e antagonismo com Espírito Cristão e Liberal das nossas instituições. [...] (BUARQUE,Cristovam,apud Gomes 2022)

Isabel, preferiu então chamar aquelas pessoas todas, em sua grande maioria negras, de elemento servil da lavoura, não usando nem escravidão e muito menos abolição, que eram as palavras já interpostas na época, para que o atual crime, acabasse.

Ainda sim com as fabulações históricas, a abolição não surge, da vontade da monarca, no país já existiam grupos motivados, abolicionistas que lutavam motivados pela liberdade de outros países a encerrarem a prática escravista. Houveram assim diversas rebeliões de escravos e não isoladas em vários pontos do país, ocorreram guerras e revoluções como: A Cabanagem no Pará (1831), a guerra dos Cabanos em

Pernambuco (1832), a Revolta dos Malês na Bahia (1835) e a Balaiada no Maranhão (1838). Todo esse movimento entre o nascimento de uma nova república e a Abolição geram os órfãos da independência.

Esta é então a memória coletiva que se cria na nova República desde então, sendo os negros, negras deste pais meramente elemento servil, que nasceram e se tornaram parte de uma máquina estatal, que os via somente como mão de obra, não havendo qualquer resquício de humanidade ou dignidade dentro do seus corpos pretos, corpos esses que foram violentados, açoitados, profanados, e aniquilados. Enquanto os brancos, colhem os frutos desse massacre os negros, continuam ainda a descender de pessoas escravizadas e são vistos da maneira que os teus antepassados foram vistos outrora. O africano escravizado construiu as fundações da sociedade brasileira, a partir do *modus operandi* da exploração, brutalização e desumanização de sua "força de trabalho", e tornou-se a espinha dorsal do sistema econômico que mantinha a colônia brasileira. Ele fertilizou terras, plantou, alimentou e colheu a riqueza material – dos ciclos do café, cana-de-açúcar e minérios – para o desfrute exclusivo da aristocracia branca, composta por latifundiários, comerciantes e sacerdotes católicos, que cultivavam indolência, ignorância e a discriminação racial contra aqueles que foram essenciais para a construção do Brasil (NASCIMENTO, 2016).

4 RACISMOS

Para que possamos conceituar de maneira exata o racismo religioso, passaremos de maneira breve, entretanto fundamental, outros campos do racismo, que implicam e fortalecem diretamente o racismo religioso que assola este país, com as justificativas mais banais possíveis e com heranças históricas no racismo científico/biológico, institucional/estrutural e a eugenia e hegemonia branca da dominação e hierarquização das raças, sendo esta levada fortemente ao campo religioso, colocando as religiões e tradições abaixo na cadeia de importância.

4.1 Racismo biológico.

O racismo é um sistema hierarquizador, que coloca pessoas, uma abaixo das outras a depender do seu tom de pele, sendo os negros e negras considerados inferiores a

todos os outros, parte disso vem do determinismo biológico, onde o negro é considerado inferior as outras etnias, determinamos isso ao racismo biológico.

Segundo Munanga[s.d], o naturalista Carl Von Linné, que no Brasil é chamado de Lineu, foi o primeiro a formalmente catalogar o que nós entendemos hoje como raça, começando com as plantas, que hoje já caíram em desuso.

> Americano, que o próprio classificador descreve como Moreno, colérico, cabeçudo, amante da Liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado.
>
> Asiático: Amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas.
>
> Africano: negro flagmático, auspicioso, preguiçoso, negligente, governada pela vontade do seu chefe (despotismo), com óleo ou gordura sua mulher envolva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados.
>
> Europeu: Branco, sanguíneo, musculoso, engenhoso,, governada pelas leis, usa roupas apertadas.(Munanga,[s.d])

Aqui se nota claramente a hierarquização das raças segundo Lineu(1707-1778), enquanto os outros todos, tem adjetivos, os negros são classificados como preguiçosos, fleumáticos, relaxado. Tornado estes comentários elemento basilar na formação do que se dará nas páginas a seguir, sendo os negros considerados selvagens e parte do elemento servil, enquanto os europeus(brancos) estão no topo da cadeia hierárquica, sendo considerados superiores e exemplos a serem seguidos.

Segundo Julvan Moreira de Oliveira(2023)[14], Para Kant(1724-1804), a “pessoa “indica um certo nível de inteligência e capacidade de maturidade moral, e a brancura é um pré-requisito para se considerar uma pessoa em seu sentido mais amplo. O que é não é o caso dos negros e indígenas, sendo estes considerados apenas, objetos de tralho e mais a frente fontes sexuais para que se produzissem mais mão de obra as fazendas no período escravagista por exemplo. Partindo desta premissa, retira-se dos negros e indígenas a humanidade presente dentro de seus corpos, revelando segundo estes o caráter animalesco e selvagem. Inferiorizando assim qualquer saber cultural, religioso e cientifico presentes em pessoas não brancas. Neste mesmo sentido, irá

[14] OLIVEIRA, Julvan Moreira. Racismos.Selo negro.2023

preceituar Fannon(1972-2008), em seu livro pele negra, mascaras brancas a animalização do homem negro realizada pelos colonizadores, já que o modelo europeu é exímio e polido e deve ser seguido, enquanto na atualidade periférica, habitam-se negros selvagens.

A ciência tem um papel importante em afirmar o racismo na sociedade, já que esta tem o poder, por meio da pesquisa de desvelar o que está velado, trazer curas e criar conceitos, e até que novos sejam criados para que os velhos se vão, estes irão imperar de maneira indelével. No Brasil como irá preceituar Silvio Almeida(2020), contou com a participação das faculdades de Medicina, escolas de Direito e dos museus de história natural, sempre como justificadores e rebaixadores de tudo o que era proveniente dos negros.

Já no século XX, temos um nova teoria que irá revolucionar o mundo racista e segundo eles, apagar com o racismo científico. O multiculturalismo, criando assim de acordo com a evolução dos tempos formas mais sofisticadas de o racismo imperar e ocorrer de maneira mascarada, contudo dominadora como sempre. Incrementou-se segundo Almeida(2020) novas técnicas de exploração econômica, acompanhadas de violência e opressão. Possibilitando assim, repetição do racismo científico, todavia fingindo que o mesmo não existe mais, perde-se a ideia de valorizar as questões fenotípicas do ser e passa a acreditar no em suas tradições culturais, língua e crenças. A ciência como preceitua Jessé Souza(2021),[15] herda o prestígio das antigas religiões mundiais para dizer se é verdade ou mentira, justo ou injusto.

> A verdadeira diferença da ciência hegemônica de hoje para a ciência abertamente racista do século XIX é que ela substituiu os estoques raciais pela noção de estoques culturais na explicação da questão fundamental Acerca das causas dos diferentes níveis de desenvolvimento. (SOUZA,2021)

Apenas mudaram os estoques, ao invés de virtudes científicas, colocaram o quanto de cultura pode o Ser armazenar.

[15] SOUZA,Jessé,Como o Racismo Criou o Brasil. Estação Brasil. 2021.

4.2 Racismo Estrutural.

O racismo estrutural, termo este que pode ser colocado também como racismo sistêmico. Este conceito faz alusão de que o racismo está na estrutura da sociedade, não advém de agora, embora sua popularização seja recente e caiu na boca do povo, sem de fato que aqueles que os invocam expliquem de maneira correta ou demonstrem que entenderam de fato. O racismo estrutural é parte motriz dos ferimentos deixados pela escravidão, que não se cicatrizam, embora o mito da democracia racial o tenha tentado estancar de maneira falsa, ainda sim é latente e sangra, como outrora.

Quando falamos de estrutura, é preciso pensar em diversos campos, como: social, econômico, cultural, familiar, religioso e acadêmico. O racismo está presente de diferentes formas, nas diferentes esferas e escalas sociais, independente da classe econômica ou do *status quo* que se encontre o indivíduo e sociedade.

O racismo é elemento de poder não somente de um indivíduo sobre outro, porém também de um grupo sobre outro, que pode controlar direta ou indiretamente grupos e pessoas, assim como em seu livro racismo estrutural nos diz Silvio Almeida(2020)

> As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um seus componentes orgânicos dito de modo mais direto: As instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA,2020)

As palavras do autor nos trazem a ideia de que uma instituição por si só, não é racista por simples e boa vontade da mesma e sim, por que o racismo está presente no corpo social das pessoas que gerem e coordenam estas instituições.

E por essas mesmas instituições ignorarem e consequentemente acabam incentivando o racismo na sociedade, elas não simplesmente flertar com o mesmo, mas sim reproduzem de maneira sistêmica e muitas vezes ininterrupta a violência, que o que ocorre em escolas, universidades, hospitais, governos, templos religiosos e tantas outras instituições ligadas à sociedade, o modo natural em que as pessoas

vivem e que a sociedade encara atos racistas é o que mantém a máquina estrutural girando e a cada dia gerando mais força, para que se dê continuidade na perversidade presente. Anthony Giddens apud AlMEIDA,2020 preceitua, “a estrutura racista é viabilizadora e não apenas restritora”, não estamos aqui com a intenção de culpar somente a estrutura, visto que esta estrutura também é feita de indivíduos que são e fomentam o racismo, como se tem ocorrido, para passar pano a casos individuais e pessoais de racismo, onde dizem que o racismo está na estrutura, sim está, e não tão somente nela, como também nas piadas na mesa do bar, nos “memes” da internet, na não aceitação do cabelo dos filhos, colegas e amigos, no trabalho onde o chefe não sobe o funcionário negro de cargo, por não o considerar polido o suficiente, estas são todas ações pessoais, que irão se inserir e alimentar a estrutura, todavia, ainda sim, pessoais.

Para que se compreenda de maneira mais aprofundada o racismo estrutural é preciso reconstruir a realidade criticamente de modo a confrontá-la com a percepção espontânea, e superficial criada pelos mecanismos de poder e dominação (SOUZA,2021)[16], estes comportamentos pessoais, que alimentam a estrutura são parte da regra a qual negros e negras vivem e sofrem o racismo consuetudinariamente. É preciso analisar os processos históricos, econômicos e jurídicos do dia a dia da população, é preciso de fato compreender onde se encontra a raiz desta grande árvore, que dá frutos amargos sem intenção de parar e não acreditar que as ações racista, são casos e atitudes isoladas, que aconteceram arbitrariamente, compreender que estas ações, já supracitadas, fazem parte de um projeto de dominação histórica, que advém junto com a escravização e o tráfico de pessoas pelo transatlântico.

Ainda neste diapasão é importante lembrar que o Estado, não é neutro, mas sim, um profundo incentivador dessas relações violentas e das formas de dominação, como já disse a professora Eunice Prudente(1980) (Apud Silva, 2023)[17] o racismo é

[16] Souza, Jessé, como o racismo criou o Brasil. Estação Brasil, 2021

[17] SILVA, Isadora Brandão Araujo. Racismos. Selo Negro, 2023.

um conjunto de ações e omissões institucionais que impedem a população negra de acessar seus direitos fundamentais e exercer sua cidadania.

O mito da democracia racial, como já citado outrora, fora um dos grandes incentivadores para que não se houvesse uma compreensão palatável, de como a violência racial age, já que o mesmo criou uma máscara onde todos convivem harmoniosamente, sendo de diferentes tons, classe sociais e econômicas e colocou o Brasil como um exemplo a ser seguido de enfrentamento ao racismo, um discurso aviltante feito por Juracy Magalhães Junior, até então Ministro das Relações Exteriores do Brasil, quando o Brasil se tornou signatário da convenção internacional sobre a Eliminação de Todas as Forma de Discriminação Racial.

> No campo dos problemas sociais das relações humanas, o Brasil orgulha-se de ter sido o primeiro país a assinar a convenção internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial, aprovada pela última sessão da assembleia geral. Dentro das fronteiras do Brasil, na realidade, tal documento não seria tão necessário, uma vez que o Brasil é há muito tempo um exemplo proeminente, e eu diria até o primeiro, de uma verdadeira democracia racial, onde muitas raças vivem e trabalham juntas e se restam livremente, sem medo ou favores, sem ódio ou discriminação. Nossa terra hospitaleira há muito tempo tem estado aberta aos homens de todas as raças e religiões[...] todos possuem os mesmos direitos, e todos estão igualmente orgulhosos de serem parte de uma grande nação. (MAGALHÃES apud SILVA,2007,p.69)18

Magalhães propõe em seu discurso explicitamente que não há racismo no Brasil, pelo simples fato de sermos um país acolhedor, sem medos, ódio e discriminações raciais e religiosas. Sob o olhar inverso ao seu discurso, o Brasil é exatamente o que ele colocou que não seríamos e por isso digo, que as instituições Estatais são incentivadores do Racismo estrutural.

Convivemos com a ideia de que os negros contribuíram com a formação do nosso país e de um sociedade justa, plural e diversa, esquecendo-se de que o sangue de pessoas escravizados fora o que regou e tornou fértil o solo das grandes fazendas, ignorando assim o genocídio e genocídio da população negra e indígena.

---

[18] SILVA, Isadora Brandão Araujo. Racismos. Selo Negro, 2023.

> Referindo-se ao fato de que nosso país, ao mesmo tempo em que temos convivido historicamente com um discurso estatal que enuncia a "contribuição" de negros e indígenas em nossa formação social e propaga a ideia de uma sociedade racialmente democrática, age-se de forma sistemática, embora sem o admitir, para eliminar e limitar as suas formas de reprodução social (GONZALEZ,2018 Apud SILVA 2023).

É preciso compreender que o racismo como um fenômeno complexo, que se multiplica e cria novos corpos, que operam de diferentes maneiras, mas ainda sim interligados, por um cordão umbilical, que o alimenta, no cotidiano social, econômico, cultural e a qual nos debruçaremos aqui mais a fundo, posteriormente que é o religioso, quando tratamos das religiões de matriz africana, que trataremos a seguir.

4.3 Racismo Religioso

O termo Racismo Religioso é a palavra que considero correta mediante a esta pesquisa, para definir os ataques e violações que as religiões de matriz africana sofrem no Brasil. O sistema de dominação presente na relação de hierarquização que o Racismo produz é o fator determinante, para não usarmos o termo intolerância religiosa, essa produção de violências físicas, intelectuais, patrimoniais, apartheid, subalternização, subcidania, exclusão e desumanização do ser negro e de suas tradições visam condenar as religiões de matriz africana, ao que conceituo como aniquilamento. Nos casos de violências praticadas contra as religiões de matriz africana no Brasil, o componente Nuclear desse tipo de violência contra as CTTro é o Racismo.(Nogueira,2020)[19].A intolerância religiosa se deu muito, por religiões protestantes e católicas no contexto europeu, através do não reconhecimento ou da

[19] NOGUEIRA, Sidnei. Intolerância Religiosa, São Paulo, Jandira 2020.

não aceitação da religião não hegemônica o que pode acarretar desde atos isolados de agressividade a demonstração de ódio, até perseguição institucionalizada como foi o caso da inquisição(Oliveira,2017)[20].

Os ataques que sofrem estes religiosos, não podem ser tratados como casos isolados, as quais os Estado irá punir o transgressor, se isentando o Estado de sua responsabilidade, quando se trata de matrizes africanas , a sociedade hegemônica entende que estes resistiram ao sistema colonial e puderam fundar dentro de seus Terreiros, saberes muito mais amplos que somente o religioso colonial, fora formada, uma completa matriz civilizatória com tradições de sabedoria de vida, convivência, economia, arte, psicologia, relações com a natureza e espiritualidade (Oliveira,2017 apud Carvalho,2019), o Termo Intolerância não consegue de maneira contundente abarcar o que sofrem as religiões negro-africanas no Brasil, a especificidade da experiência de uma violência perpetrada contra as religiões de matriz africana, que tem no racismo seu sustentáculo de legitimação e ação destruidora. É no racismo que está o componente nuclear das diversas formas de violência contra as CTTro(Nogueira,2020).

Tudo o que veio do negro, seja a dança, a música e a religião sofreu, devido a hierarquização das raças, já que os negros estão abaixo dos brancos, e estão para serem dominados, em se tratando da religiosidade destes, está fora demonizada, a hegemonia usa de artifícios de sua religiosidade para inferiorizar e condenar outra, colocando novamente os negros abaixo destes, incentivando e propagando o ódio e a perseguição religiosa, com fundamentos religiosos, afim de não poder gerar sequer alguma culpa diante do aniquilamento. É aí que as religiões afro-brasileiras sofreram, pois representavam, como ainda o fazem hoje, uma outra forma de sociabilidade que não é euro centrada, com decisivas influências africanas e, embora por vezes pouco admitida, indígenas, que preservam uma outra forma de entender, compreender e ser no mundo(Oliveira,2017)

[20] OLIVEIRA, Ariadne Moreira Basílio. Religiões Afro-Brasileiras e o Racismo: Contribuição para a categorização do Racismo Religioso

5 PROCESSO DE SUBJETIVIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA

5.1 A destruição da Subjetividade do Negro, causa o espaço do não ser

Percepção distorcida pela subjetividade do Branco→ Como esses espaços ao longo da história, levaram a destruição da subjetividade negra.

Nesta seção irei abordar, como a subjetividade da pessoa negra é corrompida, deturpada e aniquilada em detrimento a do branco, e como as pessoas negras, acabam por consequência disto, não se vendo e nem se reconhecendo, haja vista que estão com a venda branca nos olhos, enxergando tudo de maneira alva, sem conseguir compreender que o alvo aqui, somos nós mesmos.

Tratarei aqui a seguinte pergunta, por que o negro não está no Candomblé?

E perpassarei até obter a respostas sobre as várias nuances de como o negro se enxerga e como sua subjetividade é corrompida até chegarmos no âmbito religioso afro-brasileiro.

A formação histórica do Brasil, corrobora para que o negro não se conheça, já que sua ancestralidade, essência, afeto, tecnologia e modo de sobrevivência e religiosidade, fora lançada ao mar ou passou pela arvore do esquecimento, permitindo assim, que a visão a qual as pessoas negras descendentes daqueles outrora mortos pelo processo de sequestro e escravização, colonização e apagamento, seja a branca.

Esse ritmo ditado pelos algozes de nossos ancestrais e passado aos novos carrascos é o que impera na vida cotidiana e no imaginário social brasileiro, fazendo com que as

reproduções de outros costumes que não sejam, os costumes da terra mãe(África) sejam reproduzidos de maneira sistêmica.

Tais costumes parafraseando Fannon(1925-1961)[21], são moldados pelo colonizador(branco) e o colonizado(negro) aceita-o, já que o seu próprio ritmo, foi modificado, a colonização da ele, um novo nome, uma nova religião, um novo Deus a qual assim tratará a ele um outro conceito de humanidade, humanidade esta, que é preciso dizer não é predispostas a pessoas negras, embora o colono seja tão vil e ardiloso, que crie as mais diversas formas de fazer com que o colonizado, acredite que ele faz parte deste sistema e em algum momento, as virtudes, vindas das pessoas brancas, estarão servidas na mesma mesa; o que o colonizador projeta é, não estamos sentados, na mesma mesa, que os brancos e nem tão pouco saboreamos da mesma comida.

A subjetividade da pessoa negra é corrompida neste termos, fazendo com que os negros vejam os truques ilusionistas, criados à séculos para que a subjetividade pessoal, o Ser negro seja destruído e este não veja enquanto Ser e tampouco reconheça os seus pares. O regime de opressão a qual vivemos está bem delimitado e entendido por nós, por óbvio sempre tivemos, quem fosse contra essa maré e estes, que vieram antes de nós, foram quem permitiram, que identificassem, as violências que trazemos aqui.

> O olhar que o colonizado lança a cidade do Colono é um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse. Todos os modos de posse: sentar-se à mesa do Colono, dormir na cama do Colono, com a mulher do Colono, se possível. O colonizado é um invejoso. (FANON, P.36,2022)

E por conseguinte não seria diferente, já que grande massa, é levada a crer que a única realidade possível para se livrar das mazelas que os ataca e assola, é a do colono, por mais que suas percepções estejam deturpadas, a realidade entra em choque com a semente do ideal, que fora plantada outrora, para fazer com os negros achem que a vida que leva é a única que deveriam ter. A desigualdade, a diferença de tratamento, os acessos a vida social, não dão conta encobrir a realidade posta: Pessoas negras, não terão a mesa para se sentar, não terão posses para usufruir, cama para dormir e muito menos cônjuges para desfrutarem desta.

[21] Fannon, Frantz. Os condenados da terra 1 edição. Zahar. Rio de Janeiro,2022.

Muito embora incutido que os Direitos, são iguais, a realidade presente e vivida ao acordar, não caminha de acordo com o discurso. Esta violação, faz com que negros e negras percam seus valores essências e sejam dominados de maneira opressiva, seja por meio das forças militares, da polícia, das leis e tantos outros instrumentos de dominação perversa aniquilatoria, que tenham a capacidade de criar e efetivar. Tudo o que provir do colonizado, será rechaçado pelo branco(colono), colocando o colonizado num estado de subserviência sem fim, a sua ética e moral, serão colocadas à prova, sua religião demonizada ou mentirosa, sua cultura, imprópria e grotesca e sua inteligência, esta é inexistente. O branco colonizador, colocara o negro em um lugar de desumano, ele animaliza(Fanon,2022).

No campo religioso, a crença do branco não o recepciona com honras e glórias, pelo contrário, o primeiro ato de violência sofrido pelos negros e negras que desembarcam pós sequestro é o batismo, sendo este um ritual de purificação, para que este novos cativos possam ser inseridos dentro da casa de seus senhores para serem dominados, a dominação já se inicia ignorando o fato de estas pessoas, terem cultura e religiosidade própria. Está que no Brasil será demonizada e considerada inferior pela igreja católica, que era o sistema religioso vigente da época apoiado pelo Estado. O ritual de batismo, tinha o intuito de aproximar as pessoas de Deus, dando a eles até mesmo um novo nome.

É possível ver então, que as outras formas de enxergar o mundo e trazer respostas às suas questões, eram ignoradas e somente, o Deus do branco é quem pairava nestas terras. O escravo nunca foi considerado uma pessoa, não tendo assim qualquer resquício de humanidade, ele sempre fora tido como bem, de valor ou não, podendo, ser vendido, trocado, emprestado e o que mais seu dono pudesse fazer com este, haja vista do ponto religioso, por isto estes não tinham sua própria crença mantida.

> O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro

> identificatório antagônico em relação à realidade do seu corpo e da sua história étnica e pessoal. Todo ideal de identificatório do negro converte, dessa maneira, no ideal de retorno ao passado, no qual ele poderia ter sido Branco, ou na Projeção de um futuro, em que seu corpo e identidade negros deverão desaparecer. (COSTA,1982)22

O racismo ataca de tal forma a permitir, depois que a subjetividade negra é totalmente corrompida, que estes não queiram mais existir em seus corpos e sim nos corpos de outro e quando não assim, o aniquilamento chega tão profundo, que faz com que negros e negras já não queiram mais existir de qualquer modo, adoecendo e consequentemente, perdendo a vida. Tentam das mais variadas formas assumir o estereótipos de comportamento que pensa ser propriedade exclusiva do branco, em cuja supremacia acredita(Costa,1982). Este comportamento nós vamos compreender como jeito de falar, agir, portar-se diante o mundo, tratamento e crenças culturais e religiosas, tudo do branco, que se colocou como ser mais alto na cadeia é desejado, já que estes não têm sofrimentos, não passam por dificuldades reais, nem tão pouco tem sua fé demonizada ou atacada por simplesmente, Ser.

O sistema brutal branco consegue alienar o negro de tal forma a retirar de seus pensamento a sua própria identidade e o negro aceita, por que só estes sabem as dores que passam ao longo dos anos de vida que caminha sobre a terra e uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo(SOUZA,2021)[23], o negro tem uma constante luta para apagar a carga histórica escravista que o tornara “coisa”, “bem” e “animal, a ideia do negro quando se adequa aos padrões brancos de vestimenta, trabalho, amor, religião, cultura e linguagem, é se tornar gente, já que a escravização tirou dele este direito, o negro por si só não é, então precisa estar adequado a algo que o torne humano, e isto que faz, ilusoriamente, são os brancos e maneira que estes vivem.

[22] SOUZA, Neusa Santos. Torna-se Negro, Rio de janeiro,2021

[23] IDEM

> Assim é que, para se afirmar ou para se negar, o negro toma o branco como marco referencial. A espontaneidade lhe é um direito negado; Não lhe cabe simplesmente ser- a que está alerta. Não tanto para agir, mas sobretudo para evitar situações em que seja obrigado a fazê-lo abertamente(SOUZA,2021)24

Muito embora o negro, tenha o referencial branco, o mito, não se sustenta diante das vicissitudes dos dias, este busca os efeitos da branquitude para que não passe por situações degradantes devido a sua cor, todavia este, intimamente sabe, ´que é preciso estar em constante vigilância, que por ser negro, mesmo que a sociedade o condicione a se negar, irá se deparar com entraves a qual terá que de alguma forma reagir, a ideia que Neusa Santos Souza nos traz, é de que o negro busca evitar situações, pois sabe que será obrigado a agir e de certa forma irá se recordar, de onde veio, quem é, e qual a cor que passa por determinado tipo de situação, a negra, no caso, a sua. A representação do negro como elo entre o macaco e o homem branco é uma da falas míticas mais significativas de uma visão que o reduz e cristaliza a instancia não biológica(SOUZA,2021), estes não tem civilidade, valores étnicos morais e tão pouco inteligência, para se colocar diante a sociedade branca, a qual possui regras de ética ao se sentar na mesa e como devem se portar, por isso considerados macacos, não só pela cor, mas animalização traz um caráter de irracionalidade e primitivismo.

Todos os traços que caracterizam o negro superior a alguma atividade, como o trabalho, o não cansaço, ser forte em momentos dolorosos, não chorar, desempenho sexual ativo, as mulheres negras serem ativas na suas vontades sexuais, e estes negros se valerem disso, trazem a ideia novamente de animalidade, um animal, incansável para o trabalho, assim como os burros de carga, papel esse que era exercido pelos homens negros na escravidão, objetos sexuais se tratando das mulheres, que eram estupradas e abusadas por seus senhores e reprodutores, se tratando dos homens, para criar uma remessa de outros negros fortes para o trabalho,

[24] SOUZA, Neusa Santos. Torna-se Negro.Zahar. Rio de janeiro, p.56.2021

ou seja, o negro sempre fora tido, como o animal incansável, tratado de forma bestial, no trabalho e no prazer. É importante lembrar que nas construções subjetivas de casamento o negro também é aviltado, estes devem procurar pessoas brancas para obterem relações afetivas, com a ideia de clarear a família, já que enegrecer, lembra sujeira, pobreza e miséria(SOUZA,2021), nota-se portanto que a própria família insere no Ser negro, o não casamento entre os seus iguais de cor, isto por parte dos negros não se trata de um viés racista, como muitos irão preceituar, que o racismo, começa com os negros, aqui estamos tratando da imagem que a sociedade cria na cabeça do negro e como estes veem o mundo; através da ótica da opressão, da miséria, da pobreza, da fome. O que ocorre aqui, é que os ascendentes entenderam que para que seus descendentes, netos e bisnetos não passem pelo que eles passaram devido a cor, precisam tornar o mais branco possível, pois mesmo que busquem o lugar ao sol do branco, continuam na sombra da negritude. Tratarei mais sobre este aspecto ancestral, que visa evitar sofrimento, no campo religioso mais a frente.

Fannon(2022),irá nos dizer que o colonialismo é um estado de violência que jamais se curvará, senão diante de uma violência maior, por mais que negros e negras atinjam estados nobres e intelectuais, continuaram assim a sofrer violências, por mais que nas relações afetiva e sexuais, cheguem ao patamar de ter alguém branco ao seu lado, continuarão a sofrer com as violências por este estado, não sendo considerados pessoas suficientes para ocupar posições de liderança, intelectualidade ou estar ao lado de alguém branco, como se estes não pudessem caminhar lado a lado do branco, a não ser como um cão, que é comandando por seu dono e a perca de subjetividade faz isso, animaliza ao ponto de estarmos sendo comandados, pensamos que estamos a alguns passos à frente e acabamos por nos esquecer da coleira e de represália que virá a qualquer momento. O racismo enquanto aniquilamento da subjetividade, atinge a intelectualidade e interdita os negros enquanto sujeitos humanos, morais, políticos e de direito(CARNEIRO,2023)[25]

Essa Interdição do negro enquanto humano, irá se dar como parte do projeto racista de dominação e por isso o negro que se distanciar dela a todo custo, a sociedade o

[25] **CARNEIRO**, Sueli. Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser, Rio de Janeiro, Zahar,2023.

inferioriza a todo momento e exalta o branco, a pobreza a qual os negros estão relegados, a miséria, a falta de emprego e moradia adequada, é parte do processo aniquilatoria racista, muito bem pensado, organizado e efetivado a todo momento para manter o negro abaixo e não se tornar Ser e muito menos Humano, Gislene Aparecida dos Santos irá descrever o imaginário aterrorizante que os europeus criaram sob os africanos e África, a terra do pecado e da imoralidade, gerando homens corrompidos; povos de clima tórrido com sangue quente e paixões anormais, que só sabem fornicar e beber.[26] A humanização não é direito negro, e sim o exotismo, “esquisitismo” e diferença animalesca, já que estes não estão e não são polidos aos moldes brancos.

Para que fique claro, o que queremos sobre a bestialização e monstruosidade negra, trazemos o conceito, ligado a sexualidade negra, que é o que gera a incompletude humana, o negro sempre estará incutido no subconsciente como o homem e o animal, e um monstro sexual sempre estará associada a figura do “negão” (CARNEIRO,2023),

E no tocante as mulheres trago Frenette:

> O que se fortalece é impressão de que não está acontecendo uma troca de amor e prazer entre iguais: o branco sente como se estivesse numa aventura com um ser faminto de uma outra espécie. É como praticar zoofilia num grau mais elevado; ter uma relação extraterrestre; um contato íntimo com o imponderável. (FRENETTE,s.d)27

Reitera-se com isso a selvageria presente no corpo negro, sob a ótica sexual, extraterrestre(E.T), ser faminto de outra espécie, e a pior de todas elas zoofilia, que é o desejo de ter práticas sexuais com animais. Não havendo sequer tratamento igualitário de humano para humano, o branco se coloca com homem, todavia a mulher

[26] **SANTOS**, Gislene A., A invenção do ser negro,p.55 Apud Carneiro,2023.

[27] **FRENETTE**,Preto e branco, p.38. Apud **Carneiro**,2023.

negra é comparada a um animal ou a um E.T, e isso ainda para alguns pode ser considerado elogio e para negros e negras sem letramento, corrompidos pelo sistema nefasto, também entenderam que esta é uma característica louvada, ligada ao seu desempenho sexual.

5.2 Epistemicidio

A interdição do conhecimento negro.

O Epistemicidio é a desqualificação, interdição, negação e novamente aniquilamento do conhecimento e aqui o conhecimento negro, não considerando a classe não hegemônica como portadores de conhecimento ou capacidade congênitas suficientes para produzir conhecimentos, como irá nos apresentar Boa Ventura de Santos Souza.

Este é mais um ato de violência que corrompe e deturpa a subjetividade negra, já que não impede somente que estes produzam seus conhecimentos, mas sim impede a capacidade dos inferiorizados de aprender. Fere e mata diretamente a capacidade racional e a assimilação cultural que vai ser imposta através de outro ponto de vista, negando o que já existe no Ser.(CARNEIR0,2023).

O Epistemicidio se caracteriza como mais uma tecnologia de opressão e interiorização do conhecimento negro, possibilita assim que todo e qualquer saber negro seja no campo político, econômico, religioso, cultural e de Direito, não seja aceito socialmente, apagando a história e vivências e novas oportunidades de mudança de paradigma diante do cotidiano. Colocando o negro em um lugar de submissão ao conhecimento branco hegemônico como único dono da razão e mantenedor e detentor de todas as repostas.

> Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se leve acima do ridículo. O senhor Hume desafio qualquer um citar um único exemplo em que o negro tenha demonstrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra

> aptidão; já entre brancos, constantemente arranjam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força dos dons excelentes. tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto a diferença de cores.(KANT s.d Apud CARNEIRO,2023)

Kant, irá demonstrar que para ele os negros mesmo após libertação, não tem se quer a capacidade nas astros ou ciências, todavia, a régua que o filósofo usará, é a régua branca a qual somente a os seus modelos de artes, filosofia, ciências entre outras especialidades era consideradas válidas e por óbvio existiria assim a negação de qualquer saber, que não fosse o branco e também, que produção de conhecimento poderiam surgir de pessoas que estavam sob a égide da escravização, dominadas pelo trabalho desumano e levados a morte constante?

Tais considerações irão definir o rebaixamento do negro em detrimento do branco, o europeu sempre estará acima do Africano, criando assim uma hierarquia das raças e consequentemente uma hierarquização do conhecimento. Segundo Sueli Carneiro(2023), o colonialismo e o racismo se constituíram enquanto aparato global de destruição de corpos, mentes e espírito, pela vinculação e subordinação da sobrevivência cognitiva do dominado aos parâmetros da epistemologia ocidental. Essa junção de duas potências de destruição teve e tem um único intuito. O aniquilamento e aqui tratamentos do aniquilamento do saber, seja ele científico, espiritual/religiosos, vivências e muito por isso a metodologia adotada aqui nesta pesquisa é autoetnografia, já que a vivência também pode se constituir como um tipo de conhecimento.

Quando tratamos das questões epistêmicas não precisamos em momento algum nos apartamos da não humanidade negra, esta, está inserida dentro do campo subjetivo-o humano do negro. E novamente Sueli Carneiro nos traz a ideia da ausência de alma do negro, que coopta com a falta de razão lógica para que o negro pudesse estudar e se educar.

> Ausência de alma, o lugar do que posteriormente seria lugar da razão, no contexto da laicização do Estado moderno, será o primeiro argumento para afirmar a não educar dos negros. Será, então, pelo estabelecimento das ideias e discursos fundadores acerca da educação dos afro descendentes que se articulará o Epistemicidio o dispositivo de racionalidade (CARNEIRO,2023)

A igreja teve aqui papel fundamental em negar a alma dos não brancos e consequentemente a produção de conhecimentos destes é que negará e demonizará também a sua religiosidade, já que estes como não são possuidores de razão, jamais poderiam cultuar, acreditar, em outro Deus, que não o Deus branco, se trata aqui também, de um processo de desqualificação, para que a hierarquia, já supracitada, se mantenha viva e constante.

5.3 Apartheid e Subcidania negro-humana

O Apartheid, como ficou conhecido, foi uma política de segregação racial de dominação, que teve como efetivado a legislação, partindo de uma ideologia racial com a supremacia branca e o autoritarismo de Estado. A segregação ocorria de maneira onde brancos e negros não podiam ocupar o mesmo espaço, no caso, negros não podiam estar nos espaços dos brancos, escolas, hospitais, ruas, ônibus e etc, no tocante, não iremos abordar sobre o Apartheid na África do sul, e sim sobre a política de segregação que se dá na sociedade brasileira e como esta irá influenciar, no espaço do não Ser negro.

No Brasil, não tivemos uma lei de fato, que ordenasse a segregação, todavia ela sempre esteve presente, imposta, graças ao processo de escravização, todavia tivemos sim leis, indiretas que garantiram essa distância, dado a questões

econômicas, sociais e raciais que iriam separar “o joio do trigo”. Como por exemplo a lei de terras de 1850:

> A lei de terras, de 1850, conforme Lucio Kowarick (1987) e Emilia Viotti da Costa (1985), teve como objetivo impedir o acesso à terra dos escravizados que solidificaram as bases do desenvolvimento brasileiro por mais de três séculos. Esta lei garantiu o acesso à terra apenas aos grupos de poder socioeconômico e político. Durante o escravismo e após a abolição, o acesso à terra para a população negra se tornou impossível de acontecer, por exemplo, auferir a condição de proprietário rural e de empreendedor no meio urbano. (OLIVEIRA,2023)28

Poucos anos antes da abolição que ocorre em 1888, mas já vislumbrando os movimentos que vinham acontecendo, o Estado, já segregador, afim de manter o seu padrão econômico, cria, um meio de manter os seus donos de terras, mais ricos, enquanto os pobres e negros, estariam relegados a morrerem nos morros e encostas, pois jamais, teriam cacife econômico suficientes, para bancar um pedaço de chão para chamar de seu, e assim, vislumbramos, que um será colocado e mantido por meio da dominação legal, distante do outro.

> Em 1888, com a luta em torno da abolição por intermédio dos movimentos sociais negros e dos quilombos rurais e urbanos, a população negra entrou na sociedade do trabalho livre de mãos vazias, sem nenhuma garantia socioeconômica que possibilitasse desenvolvimento: no meio rural, os que permaneceram nas terras dos fazendeiros e coronéis, trabalhavam em troca de sobrevivência e de poucos recursos para prover a moradia, a alimentação e o quadro social que se transformava; as pequenas propriedades rurais de posse dos negros não exerciam grandes transformações a ponto de mudar a estrutura do poder;(Oliveira,2023)

A segregação é um fator importante na construção da subjetividade do negro, haja vista, que ser jogado a locais sem condições mínimas de humanidade ditarão, como estas pessoas irão se enxergar no mundo, se é que se enxergaram como pessoas.

---

[28] OLIVEIRA, Reinaldo José . Segregação racial no Brasil: Questões contemporâneas em políticas públicas. Revista Urbano, Recife, v. 08, n. 01, p. 01-27, 2023.

Isto posto dentro deste contexto, teremos diferentes tipos de apartheid: o sócio econômico, o religioso, o psíquico, o regional, ligado a moradia, e todos eles estão intimamente ligados a cor do indivíduo e são meios perversos de dominação muito bem pensados e alimentados para que se efetive, já que a ideia é manter uma cultura hegemônica, a rigor, manter Negros longe dos brancos, nestes termos não tratamos somente de um distanciamento físico, estou tratando de algo muito mais profundo, é manter o negro longe da escola, da universidade, da religião negra, da cultura, da arte, do esporte; é manter o negro trabalhando em empregos que pagam salários mínimos, que não alimentam e pagam as contas, é manter estas pessoas pegando 4 horas de transporte público, antes de chegar ao seu trabalho, para que estes entendam, qual o seu lugar, é uma máquina pensada a aniquilar, caso este queira ascender na vida.

> O racismo tem, como uma de suas consequências, o isolamento, tanto do indivíduo quanto do grupo social na qual ele pertence, o que produz a anulação da identidade, da memória, da cidadania e a definição de uma eterna posição de inferioridade ou invisibilidade dos grupos oprimidos (SCHWARCZ,2012 Apud RODRIGUES,2020)29

Outro ponto que traz a ideia de segregação, é a política de Drogas no Brasil, onde a lei fora criada com o intuito de evitar o tráfico e o uso de drogas evitando assim o colapso da saúde pública, todavia a ideia, não é materializada da mesma forma, trataremos mas a diante sobre o encarceramento em massa, entretanto, vale um adiantamento, o cárcere em massa no Brasil é de pessoas negras, e a lei de drogas é um grande efetivador desse cárcere e segregador, já que prende, pretos, pardos e pobres, fazemos um paralelo com o Jim Crow, que fora uma política de encarceramento em massa nos Estados Unidos e neste paralelo, notamos segundo Michelle Alexander, em sua obra a *The New Jim Crow. Mass Incarceration in the Age of Colorblindness*[30], que ainda sim se utilizam de novas leis para segregar:

> Não é mais permissível que se utilize a raça como justificativa explícita para discriminações e exclusões, e, assim sendo, busca-se servir de sistema de

[29] RODRIGUES, Danielle Amorim.A HISTÓRIA DA SEGREGAÇÃO RACIAL CONSTRUÍDA, MANTIDA E CONTADA PELA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NO BRASIL.

[30] A nova segregação: racismo e encarceramento em massa,boitempo,2018.

> justiça criminal para rotular os não brancos de “criminosos”, para que se prossiga com as mesmas práticas que, supostamente, ter-se-ia abandonado (ALEXANDER, 2017, p. 36).31

Houve somente uma mudança nos moldes de oprimir, todavia a opressão continua, o racismo como preceitua Kabengele Munanga(s.d) é um crime perfeito, e ele é tão exímio em sua perfeição, que está sempre buscando novas formas de oprimir e ainda se valer de aparatos legais, para tal.

> Penalizar a pobreza torna invisível o problema da segregação dos negros e incrementa a dominação racial por meio de um aval do Estado. E, diante dos efeitos decorrentes da vigência da Lei Antidrogas, somados a um extenso precedente histórico, jurídico e social de desigualdades raciais, sobressai a semelhança entre a realidade norte-americana, em que a “guerra às drogas” representaria um novo “Jim Crow”. Não seria a Lei Antidrogas brasileira a versão nacional desse novo modelo de segregação? (FEITOSA E LEITE,2020)

A lei será usada como um meio de esconder e mascarar a segregação que já vem vindo a muito tempo, a força coercitiva do Estado, irá se valer de que está cumprindo o seu papel e o estado e os agentes do capital imobiliário pensando na segurança pública de sua população, o que se opõe a isso é notar a cor de quem está sendo preso e em que lugar da cadeia social o mesmo se encontra. E este mesmo Estado é que organiza a separação de suas pessoas, é ele quem vai movimentar ou permitir que as pessoas se movimentem de um local a outro, quem irá garantir que os não brancos, tenham as piores condições de saneamento básico, saúde, equipamentos de trabalho, enquanto os brancos, usufruem dos melhores disso, para entender a segregação, é simples, é só ver onde está o branco e onde está o negro

> O estado e os agentes do capital imobiliário da Terra e adaptação são os atores responsáveis pela desterritorialação de antigos núcleos negros nas principais Urbis do país. A territorialidade nas principais Urbes do país. A territorialidade desterriotorialidade-retorialidade é o movimento de forças

[31] FEITOSA,Gustavo Raposo e LEITE,Livia Chaves.LEI ANTIDROGAS NO BRASIL: NOVA SEGREGAÇÃO RACIAL?REVISTA DE DIREITO | VIÇOSA | ISSN 2527-0389 | V.13 N.02 2021.

> materiais e simbólicas em constante metamorfose nos espaços sociais e nas cidades(Oliveira,2020)32

E José Reinaldo(2020) continua a exemplificar, que esta obra estatal é influenciada por fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, como identidade social, religião, gênero e faixa etária. E o estado não precisa de muito trabalho para identificar, a que tipos de pessoas ele irá fazer esse deslocamento, a fim de afastar dos grandes centros urbanos, a repaginação do apartheid como mecanismo de dominação sócio-econômica-racial, irá nos abrir vistas a uma nova perversidade, já que esta, separa indivíduos, os pretos, pardos, pobres e indígenas no caso, como não detentores de conhecimento, não humanidade, e não tendo acesso direitos como todos os outros cidadão, do pais e no caso, é exatamente esta, abre espaço a analisarmos que o com o a efetivação da segregação vem o advento da subcidadania. José Murilo de Carvalho(2015), irá conceituar a cidadania a ser direitos civis, políticos e sociais, sendo o primeiro, direitos fundamentais e liberdade, e igualdade, o segundo a participação do cidadão no governo e o terceiro aqueles que garante a distribuição de riqueza entre as esferas da sociedade.

Ressalto, que como já fora mencionado aqueles que estão sendo segregados pelo apartheid, não estão gozando de seus direitos igualitários de cidadãos, e se estes não usufruem de seus direitos, logos eles não o tem. Vale lembrar que os mesmo, não os tem, não porque estes não existem, já que pode parecer óbvio que existem, todavia a efetivação não chega até a camada mais baixa da pirâmide e isto demonstra a má administração estatal.

> O autor continua sua análise explicando que a educação é fundamental para que o indivíduo possa exercer sua cidadania, pois auxilia os indivíduos na compreensão de seus direitos e em sua organização para cobrar das autoridades ações para promoção da liberdade, justiça social, desenvolvimento socioeconômico etc. Para Carvalho, em geral, o processo de cidadania inicia com a aquisição dos direitos civis. O indivíduo de posse de seus direitos civis tem liberdade para pensar, agir e manifestar suas opiniões e escolhas, com isso o indivíduo começa a exercer seus direitos políticos e participar das decisões que impactam sua vida e de sua sociedade

[32] Oliveira,Reinaldo José. A segregação Racial e Desiguladades urbanas nas Cidades Brasileira: Elementos Para Uma Observação da Necropolitica.Revista da Abpn.2020

> e, finalmente, a participação política possibilita a reivindicação dos direitos sociais, a fim de melhorar a qualidade de vida do indivíduo e da comunidade em que está inserido. (Carvalho,2015 Apud Lima,2016)33

Se a educação é fundamental para garantir a cidadania, vamos aos números já que estes não mentem. O IBGE, realizou no ano de 2023 a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua(Pnad)[34] e esta denota, que somente 48,3% da população negra no Brasil, conseguiu completar o Ensino Médio, já os Brancos foram 61,8% e 45,6% completarem o ensino básico, conforme o IBGE, ocorre a evasão escolar de jovens entre 14 e 29 anos, e a frequência dispara a partir dos 16 anos, pois os alunos entraram em trabalho e não conseguem prosseguir.

Logo a partir desses dados, entende-se que a educação, não poderá possibilitar a alguns a compreensão de seus direitos e os tornar-se de fato cidadãos, pois estamos em uma escala, onde os jovens e jovens negros, precisam optar pelo trabalho ou estudo. Carvalho(2021)[35] prossegue com a sua ideia, que embora um pouco extensa deve ser vista, a fim de compreender a subcidadania e a quem são relegados os direitos, conceituando a classe brasileira em três:

> Há os de primeira classe, os privilegiados, os 'doutores', que estão acima da lei, que sempre conseguem defender seus interesses pelo poder do dinheiro e do prestígio social. Os 'doutores' são invariavelmente brancos, ricos, bem-vestidos, com formação universitária. São empresários, banqueiros, grandes proprietários rurais e urbanos, políticos, profissionais liberais, altos funcionários. Frequentemente, mantêm vínculos importantes nos negócios, no governo, no próprio Judiciário. Esses vínculos permitem que a lei só funcione em seu benefício. Em um cálculo aproximado, poderiam ser considerados 'doutores' os 8% das famílias que, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 1996, recebiam mais de 20 salários-mínimos. Para eles, as leis ou não existem, ou podem ser dobradas. (CARVALHO, 2021, p. 196)

---

[33] LIMA,Renato Rodrigues, CIDADANIA NO BRASIL: O longo caminho.REDESG / Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global – www.ufsm.br/redesg v. 5, n. 2/2016.

[34] IBGE,Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.2023

[35]CARVALHO,2021 Apud CARNEIRO,Sartin Ariane.A "Subcidadania Brasileira" E Os Desafios Para A Efetivação Dos Direitos.2023.

No mesmo diapasão:

> O lado dessa elite privilegiada, existe uma grande massa de ‘cidadãos simples’, de segunda classe, que estão sujeitos aos rigores e benefícios da lei. São a classe média modesta, os trabalhadores assalariados com carteira de trabalho assinada, os pequenos funcionários, os pequenos proprietários urbanos e rurais. Podem ser brancos, pardos ou negros, têm educação fundamental completa e o segundo grau, em parte ou todo. Essas pessoas nem sempre têm noção exata de seus direitos, e quando a têm carecem dos meios necessários para os fazer valer, como o acesso aos órgãos e autoridades competentes, e os recursos para custear demandas judiciais. Frequentemente, ficam à mercê da polícia e de outros agentes da lei que definem na prática que direitos serão ou não respeitados. Os ‘cidadãos simples’ poderiam ser localizados nos 63% das famílias que recebem entre acima de dois a 20 salários-mínimos. Para eles, existem os códigos civil e penal, mas aplicados de maneira parcial e incerta. (CARVALHO, 2021, p. 196-7)

e por fim:

> Há os ‘elementos’ do jargão policial, cidadãos de terceira classe. São a grande população marginal das grandes cidades, trabalhadores urbanos e rurais sem carteira assinada, posseiros, empregadas domésticas, biscateiros, camelôs, menores abandonados, mendigos. São quase invariavelmente pardos ou negros, analfabetos ou com educação fundamental incompleta. Esses ‘elementos’ são parte da comunidade política nacional apenas nominalmente. Na prática, ignoram seus direitos civis ou os têm sistematicamente desrespeitados por outros cidadãos, pelo governo, pela polícia. Não se sentem protegidos pela sociedade e pelas leis. Não se sentem protegidos pela sociedade e pelas leis. Receiam o contrato com agentes da lei, pois a experiência lhes ensinou que ele quase sempre resulta em prejuízo próprio. Alguns optam abertamente pelo desafio à 10 lei e pela criminalidade. Para quantificá-los, os ‘elementos’ estariam entre os 23% de famílias que recebem até dois salários mínimos. Para eles vale apenas o Código Penal. (CARVALHO, 2021, p. 197)

Fica claro deste ponto de vista, esmiuçando as três camadas apresentadas, como o apartheid esta imbricado com a subcidania, já que a escala acima, no social, são as dos doutores em sua maioria brancos e defendem seus direitos por meio de seu dinheiro e estão acima das leis, logo abaixo os trabalhadores que tem uma carteira assinada e se sentem classe média e na terceira classe estão os negros a margem da escala social e com toda uma disposição violenta a que foram deixados, se quer conhecem seus direitos civis e de fato não são protegidos pela lei haja vista, que se o fosse não estariam na margem, vivendo com muito pouco/quase nada.

É preciso retroceder alguns passos na história, para se compreender de fato a subcidadania, mais precisamente depois do dia 13 de maio de 1888, os interesses dos senhores de escravo, nuca fora libertar seus cativos e portanto, quando isto ocorre, essas pessoas, que não eram consideradas pessoas, com o advento da lei, se tornam cidadãos, todavia isto só ocorre na letra da lei, na realidade os negros e negras libertados não tinham aptidões necessárias, para enfrentar o mundo "livre" que estaria por vir. Os que detinham dinheiro continuavam a fechar suas mãos para que este não escorre-se, houve no Brasil, uma política de imigração a qual, estes tomariam o lugar que poderia ser destinado aos recém libertos, uso poderia, pois a ideia estatal, fora essa desde o princípio, não permitir que estes novos cidadão ocupassem tal lugar, Parafraseando Jessé Souza(2018)[36], para o negro sem classificação social burguesa ou proletariado, restavam os interstícios e as franjas marginais do sistema como forma de preservar sua dignidade. Dignidade esta que veio após muita luta, sangue e suor, todavia, mesmo com a tentativa, restarem aos não brancos libertos, a escória social, trocando em miúdos, a política escravista não tinha acabado e não acabou.

Houve neste tempo todo um processo dissociativo, organizacional para que o negro e o pobre, aqui independentemente de cor, não atingisse as altas camadas da sociedade, entregando a ele o pouco e a marginalidade, como opções a serem conferidas para que dentro do seu ser, que não é gente pudesse se sentir útil e tomar o controle de sua liberdade que fora tirado, durante muito tempo devido a não liberdade e aqueles que já provieram dos libertos, ainda sim querem saber qual o sabor que a vida branca, daqueles que são considerados humanos e Ser, tem.

> O europeu e a europeidade, mais uma vez, para evitar mal-
>
> entendidos, percebidos como o referente empírico de uma hierarquia valorativa peculiar, que pode, por exemplo, como no caso do Rio de Janeiro do século XIX, ser personificada por um mulato, vai se transformar na linha divisória que separa gente de não gente e cidadão de subcidadão.(SOUZA,p224/5,2018)[37]

[36] Souza,Jessé. Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro, Le Ya,2018.

[37] idem

Essa hierarquização de raças e credos, saberes e não saberes, a segregação de pessoas que as tornam não humanas e não cidadãs é o que darão o tom da descartabilidade humana e da necropolítica em que vivemos.

5.4 Descartabilidade Humana e Necropolítica.

O filósofo camaronês Achille Mbembe(2018), é quem nos irá trazer o conceito de Necropolítica, Mbembe, conceitua como o máximo poder estatal de maneira ditatorial em dizer, quem vive e quem morre. Achille, traz um conceito de Michel Foucault, que é o “biopoder” e racializa e descoloniza este conceito, elevando a necropolítica, conceito regulatório da distribuição de morte.

Segundo Foucault, o modelo que deixa claro o biopoder e a maneira que o Estado tem de fazer essa seleção das mortes é o Nazismo, o Estado mais completo exercendo seu direito de matar, a escravização foi outro modelo que deu muito certo, onde as pessoas escravizadas não tinham direitos sob seus corpos e quem os controlavam eram seus senhores, por meio de legislação(Estado) se viviam ou morriam, dependiam de uma outra vontade, que não a própria

O Brasil, dado o racismo evidente é um pais onde a necropolítica impera a sua maneira, já que as produções ditas aqui, a perca de subjetividade, apartheid e subcidadania, vão engendrar a morte de pessoas

> A serviço do racismo, a necropolítica tornou-se um projeto institucionalizado de genocídio de grupos acêntricos que carrega um legado escravocrata, colonizador e higienista. Constituindo-se como uma tecnologia viva que se molda de acordo com o contexto histórico, nota-se que o Brasil hodierno é uma espécie de laboratório global da necropolítica, em que há a produção da morte em larga escala por políticas de descartabilidade humana, materializadas na desassistência social e na produção de violências brutais contra populações marginalizadas, as quais foram intensificadas pela “esfera pública do ódio”.(LOPES,2023)38

[38] LOPES,Débora Martins .Necroeducação, Diversidade E Inclusão: Um Estudo Etnográfico Sobre A Formação Básica De Adolescentes Calungas. 2023

A Descartabilidade humana se materializa, como conceitua Lopes(2023), na não assistência social e na produção de violências brutais, contra populações marginalizadas, e o Estado foi quem produziu essa marginalização e violência, como já vimos anteriormente e presta inteira manutenção, para que esses corpos permanecem nos locais, que estão e não atinjam outros locais, que não a morte.

> A partir de então, discorre-se sobre a formulação de sentido relacionando essa forma de manutenção de poder e sua correlação com o controle de corpos de pessoas pretas por meio da teoria de Achille Mbembe de necropolítica. Isso por que na concepção da divisão da população entre superiores e inferiores é necessário que alguns sujeitos sejam eliminados para garantir a saúde, segurança e o desenvolvimento das outras, sendo assim, a morte de alguns significa a potencialização da vida de outros. (ANDRADE,2021)39

Nota-se portanto a ideia de que o Estado, usa da hierarquização já existente de raças e classes sociais, para definir, que vive e morre a fim de se desenvolver e garantir saúde e segurança, que poderia adquirir de inúmeras outras maneiras, que não a morte de pessoas, pretas, pardas, pobres, LGBTI+, visto que estes, estão na parte inferior da pirâmide, sendo marginalizados e domingos pelos sistemas perversos de opressão. O professor Alan Andrade, ainda nos traz maiores elucidações de como o Estado através de sua política segregacionista, realiza a necropolítica e a descartabilidade humana, já que estes corpos, não são considerados valorosos ao sistema:

> Essa sempre foi a grande lógica dos grupos hegemônicos: se os Sujeitos que não são como nós não podem nos servir, que sejam então eliminados ou que seus corpos estejam aprisionados longe. É este tipo de pensamento colonizador que ainda orquestra o genocídio da população negra, a LGBTIfobia, o feminicídio e também o aniquilamento da população das periferias. (ANDRADE,2021)

[39] ANDRADE,Alan Tomaz de.Bixa Preta: Das Narrativas De Violência Do Estado Às Redes De Enfrentamento Ao Genocídio De Homens Negros Gays.2023

É preciso esclarecer que a morte aqui citada, não somente se tratada da morte física, estou pautando sobre o aniquilamento, o adoecimento, o não acesso a tratamentos básicos do Sistema Único de saúde(SUS), a falta de educação de qualidade, de políticas públicas, de proteção a LGBTI+ e as mulheres, que podem levar a que estas pessoas adoeçam, se suicidem, ou morram pelas mãos de outra pessoas, também faz parte da morte promovida pela máquina estatal, já que este seleciona quem terá estes direitos e garantias fundamentais efetivados de fato. Visto que a ideia da Carta Magna, não acompanha a realidade dos fatos.

5.5 O Candomblé

Depois de perpassado, por todas essas camadas, ainda fica a pergunta de por que o negro não está no Candomblé, já que esta foi a pergunta que norteou o capítulo e levou aos tópicos que discorri, partindo da subjetividade negra e que irá, se subdividir, na não humanidade negra, no Epistemicidio enquanto interdição do conhecimento negro, no apartheid, como forma de segregação, na subcidadania e descartabilidade humana, como mecanismo efetivador da necropolítica vigente, exercida pelo órgão estatal.

Todos estes espaços a qual o negro está inserido, diuturnamente, levam a ideia de que a destruição da subjetividade negra, cria-se nestes uma percepção distorcida de si mesmo e de tal modo, não consigam reconhecer, dentro da religiosidade negra, o Candomblé o *lócus* de pertencimento ancestral, a qual poderiam estar inseridos. A destruição, da subjetividade negra, causa a estes o espaço do não Ser, atrelados a pessoas negras não poderem produzir conhecimento, e muito menos religiosidade, que também é uma forma de ter respostas aos acontecimentos humanos e não humanos, animados e inanimados.

Sumariamente, vamos entender o que é o Candomblé:

O Candomblé é a maneira em que negros e negras escravizadas encontraram de cultuar suas divindades, negros e negras dos mais diferentes pontos de África, se organizarem de uma maneira profundamente inteligente, para cultuar seus ancestrais e deidades afim de rememorar o que eram, faziam e onde podiam chegar na terra

mãe. O Candomblé é dividido em nações, Angola, gêge(jeje) e Ketu, são as mais conhecidas, todavia ainda sim existindo por vezes subdivisões nessas nações.

Os primeiros negros a chegarem foram os Bantos, logo em seguida os daomeanos (gêges) e por último os iorubanos(Ketu/fon), cuja este último serviu de modelo as etnias já instaladas no Brasil(VERGER,1981), me atentarei aqui a falar do Candomblé Ketu e da religião dos orixás, divindades correspondente aos iorubas, a qual sou iniciado e integrante como filho-corpo-pesquisa e pesquisador.

A força negra ancestral em oposição ao Deus branco, ao extermínio de sua cultura, a alienação e dominação por meio da igreja católica, faz com que o Candomblé surja.

> O Candomblé é uma herança cultural, religiosa e filosófica africana que foi reformulada e adaptada às novas condições que ofereciam o novo mundo descoberto pelo europeu. Tem como função o culto às divindades, que são representadas pelas forças e pelo poder da natureza, que são chamadas de Orixás. (JARDIM,2016)40

O Candomblé explica suas premissas religiosas através das danças, cantos e mitos africanos ligados aos orixás. Aqueles que desejam fazer parte da religiosidade, precisam entrar para o terreiro, que pode ser chamado de casa.

> O ingresso na religião acontece em cerimônias fechadas, as quais somente os iniciados no culto participam e depois desses rituais são apresentados aos demais membros como um novo ser, tendo nomes e funções para prosseguir seu aprendizado até atingir a maturidade do conhecimento necessário. (JARDIM,2016)

Os orixás são deidades que representam energias vivas da natureza, expressão máxima de Olodumare(criador), que se dividiu, para poder estar juntamente com os humanos, existindo diferentes orixás, correspondendo cada um a elementos da

[40] JARDIM,Edison Donizetti Rodrigues.Candomblé: Expressão Da Cultura E Religiosidade Do Negro No Brasil.2016

natureza, como o ferro, terra, rio, ventos e etc., a tradição do Candomblé ocorre de maneira oral, então, aqueles que desejam beber desta fonte de maneira integral, precisam ser iniciados no culto. Como prática religiosa, nos rituais, são oferecidas, comidas, frutas, animais, bebidas, flores, louças e adereços as divindades(JARDIM,2016)

O Babalorixá 3 entrevistado corrobora com o que outras fontes citam sobre o Candomblé e nos traz a ideia de que a religião dos orixás são o culto a vida e que um amalgama de cultos africanos que foram trazidos ao Brasil, já que em África o culto poderia ser região, aldeia ou família, que cultuava divindades de forma separada e em solo brasileiro, tudo se uniu.

> [...] O Candomblé é um quilombo de resistência que visa a produção de vida cuidando de pessoas, cuidando de cabeças, cuidando de ori. Eu acho que isso resume o Candomblé, assim, uma perspectiva bem afro-centrada mesmo. O Candomblé é um quilombo de resistência que visa a produção de vida. (Babalorixá 3)

Entretanto um dos Babalorixá entrevistado nos traz à baila, um dos processos, de sincretismo religioso que vivera o Candomblé e que na atualidade, já não se faz mais necessário:

> [...]na casa onde fui iniciado, por exemplo, é tão idiota, mas é o que aconteceu: você tem que tomar a bênção do padre. O que o padre tem a ver com a minha religião? O que o padre tem a ver com os orixás? Mesmo que ele cultue algum orixá por baixo dos panos, eu não. Então, eu não devo nada pro padre. E muitas casas ainda mantêm isso. (Babalorixá 2)

Segundo Pierre Fatumbi Verger, a religião dos orixás está ligada a família, a família numerosa, originária de um mesmo antepassado, que engloba os vivos e os mortos e os orixás seriam um princípio divinizado, que irá garantir vínculo entre essas pessoas de algum modo, O orixá é força pura, Asé[41], que só se torna perceptível, quando manifestado em uma pessoa iniciada, a qual fora escolhida pelo próprio orixá, sendo chamado de elégùn(Verger,1981), é justamente com essa noção de família, gerada, pelo Candomblé, que irei trabalhar. Por meio da ideia de Florestan Fernandes(1964), onde o sociólogo traz em seu livro a *integração da sociedade de classes* é que o

[41] Força Vital

racismo ataca a tal modo, que impede que o negro não constitua uma unidade familiar, que seria a possibilidade destes exercerem suas virtudes e modelam seus comportamentos, sobretudo pós abolição, a qual não tinham aptidões. Existe aqui a ausência de unidade familiar, uma política escravista, que sempre procurou, impedir qualquer forma organizada familiar ou comunitária dos escravos(Souza,2018), Fernandes nos traz a ideia, de que a perpetuação das condições de não organização, vividos pelos negros, faziam parte das condições subumanas qual o Estado os inseria.

O Ponto que trago é, embora os diversos meios de sabotagem por meio dos governantes da épocas, negras e negros, fundaram, um sistema familiar: o Candomblé. Sistema este que visa restituir a ancestralidade negra, que foi tentado retirar a força, por meio do processo de escravização de pessoas e atualmente, pelos meios de dominação com o aparato racista. Todavia, os mecanismos usados pelos algozes, foram tão potentes, como já exemplificados aqui, fazendo com que pretos, pardos, homens, mulheres e crianças de cor, não conseguisse enxergar na sua própria ancestralidade e religiosidade negra a devolução de sua humanidade.

O Deus branco e a cultura hegemônica oferece diversas promessas, de elevação de status, casa, trabalho e posições sociais que brancos ocupam, por meio da redenção de seus pecados, e o maior pecado, aqui, é ser negro. A igreja nas colônias é uma igreja de brancos, uma igreja de estrangeiros, chama o homem colonizado não para o caminho de Deus, mas para o caminho do branco, para o caminho do opressor(FANON,2022), afastando pessoas de sua própria essência e do seu reconhecimento de Ser, criando ilusões, para que se veja no lugar do colono, é mais fácil ser dominado, já que a instituição religiosa, fundada como meio de resistência, pelos seus ancestrais possibilitaria a resistir e lutar contra a dominação. Há um padrão perpetrado pelo projeto de dominação, na produção contínua de violência, destruição, desvio e subalternidade, que é o apagamento do outro(NOGUEIRA,2020). Os saberes religiosos negros, são desqualificados.

> Na base da colonialidade cosmogônica está a divisão binária natural/social, apartando ancestralidade- espiritualidade da realidade material Esse

> princípio do colonialismo arranca bruscamente o Espiritual do Social. a relação milenar entre os biofísicos mundiais, os humanos e os espirituais, incluindo os ancestrais, o sustento do sistema integrais de vida e o mesmo da humanidade não são possíveis nesta colonial idade de poder (NOGUEIRA,p.54,2020)

A Percepção distorcida devido a realidade do branco, coloca o negro num lugar segregado-subumano, e que não consegue reconhecer a epistemologia negra como valida, já que o lugar da episteme é do branco, o lugar da produção de saberes é branca, ignorando e não vendo, os saberes ancestrais produzidos pelos seus pares nos IV séculos de escravidão, que fundaram este país, não acessando assim as tecnologias de sobrevivência e manutenção da subjetividade que poderia ser restituída, com o culto e aprofundamento de sua negritude-ancestral. O Candomblé é uma religião que nem o inferno nem o Diabo tem lugar e que não aflige a vida do homem com um pecado original do qual se deve purificar (OLABIYI B. YAI Apud NASCIMENTO,2016). Muito embora exista uma força sistemática, racializa em destruir as CTTro, pois estas trariam de volta o Ser negro. Os espaços sagrados negro, são *lócus* enunciativos que operam na recomposição dos seres alterados pela violência colonial (NOGUEIRA,2016).

O sistema de aniquilamento, trabalha de tal forma, conduzindo a não subjetividade negra, corroborando com as mais diversas formas de violência, que o negro, necessita do lugar, das vestimenta, da bíblia, da pregação e comunhão do branco, com a falsa ideia de aliviar seus fardos diários, gerados pelo racismo. É preciso restituir a humanidade do ser e das Filosofias africanas, e dar nome as que sustentaram a vida de tantos e tantas pessoas contra a violência racista deste país.

> Sabe-se bem que, etimologicamente, filosofia significa amor à sabedoria. A experiência humana é o chão inescapável para o começo da marcha rumo à sabedoria. Onde quer que haja um ser humano, há também a experiência humana. Todos os seres humanos adquiriram, e continuam a adquirir sabedoria ao longo de diferentes rotas nutridas pela experiência e nela fundadas. Neste sentido, a filosofia existe em todo lugar. Ela seria onipresente e pluriversal, apresentando diferentes faces e fases decorrentes de experiências humanas particulares. De acordo com este raciocínio, a Filosofia Africana nasceu em tempos imemoriais e continua florescendo em nossos dias. (RAMOSE, 2011. P.08 Apud FAISLON,2020).

Trago para cooptar com a ideia que iniciamos sobre, os locais que negros e negras são colocados ao longo da história, fazem com que estes, tenham um percepção distorcida, de si e sobre a própria religiosidade fundada por seus antepassados, uma Passagem de Simone de Beauvoir, em Visita a Bahia, com um olhar muito sensível a religiosidade afro brasileira, compreendendo os entraves o qual o Brasil passava na época e ainda passa.

A filósofa pode observar os candomblés da Bahia e deixou suas contribuições em seu livro autobiográfico *A Força das coisas*(1963), percebendo como o Candomblé restitui a humanidade e deidade do Ser, que vem sendo aniquilado conforme os anos e faz um paralelo com a igreja católica, que coloca as pessoas submissas as suas vontades, sendo o negro, conhecedor dessa pratica de submissão desde os processos escravistas, todavia, que tem a oportunidade de se transformar.

> Encontramos experiências análogas em todos os lugares onde indivíduos estão divididos entre duas civilizações. Obrigados a se dobrarem ao mundo ocidental, os negros da Bahia, outrora escravos, hoje explorados, sofrem uma opressão que chega a lhes tirar a posse de si mesmos; para se defenderem, não lhes basta conservar seus costumes, suas tradições, suas crenças; eles cultivam as técnicas que os ajudam a se arrancar, através do êxtase, da personagem mentirosa na qual foram aprisionados; no instante em que parecem perder-se é que se reencontram; eles são possuídos, sim, mas por sua própria verdade. O Candomblé, se não transforma os seres humanos em deuses, ao menos, através da cumplicidade de espíritos imaginários, restitui a humanidade a homens rebaixados à categoria de rebanho. O catolicismo lança os pobres de joelhos diante de Deus e de seus sacerdotes. Pelo Candomblé, ao contrário, eles experimentam essa soberania que todo homem deveria pode reivindicar(BEAUVOIR,p.454.1995)

O Candomblé permite a experienciação da vida, pelos olhos humanos e divinos, através de suas tradições e entendimento, do que as pessoas que estão margem passam, às divindades negras, restauram, o nome, a dignidade e a importância, tudo o que fora tirado pelo Estado Segregacionista Racista.

6 “DEMOCRACIA”

Para compreendermos o Estado Democrático de Direito, iniciaremos com o pensador Thomas Hobbes que nos traz a ideia de que o Estado é a coroação de um processo de civilização, com o intuito de organização da vida política em sociedade.

Hobbes acreditava que os homens deixariam de viver em estado de natureza, que era pautado pela guerra de todos contra todos e que o Estado tem uma função política: Assegurar o bem-estar do indivíduo pela imposição de uma ordem fundada em princípios racionais e científicos.

> A única maneira de instituir um poder comum, capaz de defendê-los das invasões dos estrangeiros (Forraigners) e das injúrias uns dos outros, garantindo-lhes assim uma segurança suficiente para que, mediante seu próprio labor graças aos frutos da terra, possam alimentar-se e viver satisfeitos, é conferir toda a força e poder a um homem, ou uma assembleia de homens, a uma só vontade. (HOBBES, 1968, Cap. XVII, p. 227-228)

Para o filósofo, os homens precisam anular alguns de seus direitos a fim de que um poder maior, concentrado nas mãos de uma pessoa ou grupo, pudesse os salvaguardar e assim temos o que Hobbes irá conceituar como Contrato Social, todos abrindo mão de seu estado de natureza, e delegando poder a outrem, estariam trabalhando mutuamente, para a proteção da sociedade, conservando a paz entre si, e caso necessário se unindo contra o mal, que poderia surgir.

Depois dessa breve noção de Estado, é imprescindível trazer o conceito aristotélico de democracia, as quais Aristóteles, vai diferenciais como, governo dos pobres, todavia, enxugando cada vez mais o tema, o filósofo, irá nos trazer a noção de que democracia é governo do povo, como preceitua, o mestre em direito e professor Sidney Guerra:

> Nas Constituições democráticas o povo é supremo do governo e do regime, pelo fato de formar a grande massa dos cidadãos, constituindo a multidão, e dado que a sua decisão será sempre a maioria, se fazendo assim suprema, e estar sintonizado no sentido de que todos devem possuir o mesmo em

> termos numéricos, identificando-se, assim, necessariamente, com uma democracia. (REGINALDO,2019)42

Igualdade, liberdade são princípios norteadores da democracia, Hobbes, vai nos trazer a ideia de que os homens, se abdicam do seu estado natural para se preservar, para que assim surja o Estado, Aristóteles, irá trazer os princípios reguladores desse Estado e na presente, a democracia, que é a grande massa sendo superior ao governo, mesmo que estes tenham dado o poder para ser governados, o governo, não é soberano ao povo, sem limitações e deve fazer com que a vontade de seu povo seja, ouvida, já que este Estado-Democrático, é o que os representa.

Isto posto, fora preciso criar uma forma de que estes governos e governantes não tivesse arbitrariedades e instituem-se as leis que submetem o povo e os governantes a executarem-nas e tem se aí a formação do Estado de Direito, que traz como base a legalidade, o governo das leis, que se contrapõe ao governo dos homens (KAMMER,2003)[43] Todavia, este não impede ainda de maneira contundente, que os horrores cometidos pela humanidade não aconteçam, já que a maldade de alguns irá idealizar e realizar, atrocidades com as leis e o poder estatal. E por esse motivo, nasce o Estado Democrático de Direito(EDD), a qual o Brasil está inserido.

> Estado Democrático de Direito, que tal qual o Estado Liberal de Direito, traz como características básicas a submissão às leis, a divisão de funções estatais, bem como o enunciado e a garantia dos direitos individuais, mas busca, sobretudo, a justiça social e a autêntica participação democrática do povo em seu processo político, respeitando sempre as diferenças estruturais existentes entre as pessoas, tais como etnias, diferentes crenças e cultura, situação social etc.(KAMMER,2003)

O EDD, é pautado na justiça social, no respeito às diferenças a submissão às leis, tanto o Estado-governo, quanto povo, a diferença cultural, étnica e religiosa, e aqui está elencando, todas as qualidades e virtudes da teorias do que é o Estado. E todas essas diretrizes nasceram das vontades do povo, vontades possivelmente não é a palavra adequada, nasceram da necessidade do povo, em ter seus direitos e garantias

---

[42] REGINALDO,Guerra Sidney, Democracia em Aristóteles.2019

[43] KAMMER, IRIS.Considerações sobe o estado democartico de direitos e os fundamentos da republica federativa do brasil.

que oportunamente foram consideradas fundamentais a existência, como base, para o Estado poder proteger resguardar e aplicar, mantendo vidas dignas, ordem, progresso e expansões, tudo na mais perfeita harmonia.

O Brasil no Ano de 1988, institui a Constituição Federal, que em seu Art.1° nos coloca, como Estado democrático de Direito e tem fundamentos pautados em que todo poder emana do povo.

> Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:
>
> I - a soberania;
>
> II - a cidadania;
>
> III - a dignidade d198a pessoa humana;
>
> IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa
>
> V - o pluralismo político.
>
> Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição. (BRASIL,1988)

E com isto, constituem objetivos fundamentais, a serem atingidos, como a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, garantir o desenvolvimento nacional, erradicar a pobreza e reduzir as desigualdades sociais e regionais, promover o bem de todos, sem preconceitos de origem raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação(BRASIL,1988). E este é o discurso brasileiro, a teoria é belíssima, e muito inspiradora, um país democrático, laico, justo e que busca a igualdade, equidade e boa relação entre seu povo e governo, todavia se formos analisarmos, de maneira incisiva, não é bem assim que funciona.

Se analisarmos o Índice de Desenvolvimento Humana(IDH), que compara indicadores de riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida e etc. que avalia o bem estar da população, o Brasil em 2022 está na 89° posição de 193 países, num marcador que vai de 0 a 1 o Brasil está em 0,760 e comparado ao ano anterior, caiu duas

posições isso reflete, como o país tem se desenvolvido e que suas bases para reduzir, desigualdades por exemplo não tem tomado o corpo necessário.

Neste mesmo diapasão segue o Relatório do Observatório das Desigualdades de 2024[44], que coloca o aumento na proporção de crianças indígenas sofrendo desnutrição 16,1% entre meninos indígenas, 11%,1 entre meninas indígenas no ano de 2022 e 2023, aumento de 22% em mortes evitáveis entre 2021 e 2022, aumento de 5% da mortalidade infantil, entre 2021 e 2022 e aumento do déficit habitacional para 6,4 milhões de domicílios entre o ano 2019 e 2022.Nota-se com isso, uma ineficiência Estatal em organizar e combater as desigualdades no país, o discurso legal, como meta a ser atingida, está condizente com a prática.

O nível de desigualdade das pessoas negras continua persistente segundo o relatório realizado pelo observatório. As mulheres negras seguem com maiores proporções de insegurança alimentar moderada e grave 12,5%, enquanto homens não negros é de 5,5%, segundo a professora e coordenadora, do instituto nacional de ciência e tecnologia de combate à fome, da USP, a insegurança alimentar é dividida em três níveis:

> Ela é classificada em três categorias, explica a professora: a leve é quando existe incerteza sobre a capacidade para conseguir alimentos; moderada, quando a qualidade, a variedade e a quantidade ingerida se reduzem de forma drástica ou quando determinadas refeições não são realizadas; e grave, quando não são consumidos alimentos durante um dia inteiro ou mais. (MARCHIORI,2023)45

e continuando a professora, quando se trata da insegurança alimentar grave, se confunde com a fome e consequentemente diz a mesma coisa. Seguindo com os dados do relatório, o homem negro tem o maior índice de exclusão do sistema educacional, a taxa de escolarização liquida é foi de 66% em 2023 contra 78% da

[44] https://combateasdesigualdades.org/wp-content/uploads/2024/09/RELATORIO_2024_v3-1.pdf

[45] https://jornal.usp.br/radio-usp/qual-a-diferenca-entre-fome-e-inseguranca-alimentar/

mulher não negra, as mortes evitáveis para negros de 05 e 74 anos subiu de 42 para 50% entre 2021 e 2022 do dobro do valor comparado a mulheres não negras.

O país não combate de maneira efetiva o aniquilamento, já que a premissa constitucional, é de que irá combater a pobreza e as desigualdades, porquê estas ainda persistem, de maneira tão significativa, a vida negra é constantemente ameaçada, e a teoria legal, não acompanha a vida humana negra, que é ceifada, com práticas robustas de fome, desemprego, diferença salarial no mercado, para que se mantenham essas pessoas a margem da sociedade, com a violência brutal policial e a falta de segurança pública, Estado tem realizado aqui um ataque, contra a sua própria instituição e democracia, já que está governando e mantendo recurso a um grupo exclusivo de pessoas e não são as pessoas de cor. Coloco como um avanço a criação do Ministério da Igualdade Racial, que visa políticas públicas as pessoas marginalizadas, pretos, pardos e pobres, todavia, se as leis já existentes não garantem nossa subsistência, a tarefa de uma sociedade democrática , mais do que combater o racismo, é eliminar o peso da raça sobre a liberdade dos indivíduos, desmantelar os privilégios raciais e instituir o império da lei (ALMEIDA,2020).

É de extrema importância salientar, já que essas pessoas abdicam de sua individualidade para um poder maior, organização e as leis são expressões máximas de suas vontades para que se regule o convívio em sociedade, essas mesmas pessoas não teriam que lutar para sobreviver e ter suas garantias mínimas.

Ressalto o Estatuto da Igualdade Racial em seu artigo 2° fala sobre o dever do Estado, em garantir oportunidades, independente de etnia ou cor da pele, a participação nas atividades políticas, econômicas, empresariais, educacionais, culturais e esportivas. É dever do Estado garantir que as pessoas vivam com dignidade em seus valores religiosos, culturais, alimentares, moradia e saúde. A população negra, sobretudo, que é o objeto pesquisado, não teria, que lutar consuetudinariamente pelos seus Direitos, que já são garantidos de maneira legal, pelo Estado Democrático de Direito.

6.1 Liberdade Religiosa

A liberdade religiosa, está contida sumariamente na liberdade de crença, que é o núcleo gerador desta, contido também no Art.18 da declaração universal de direitos humanos.

> Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular. (DUDH,1948)

Consagrado na constituição federal como cláusula pétrea, sendo este um direito individual e fundamental a toda pessoa que estiver no Brasil. A crença das pessoas é algo inviolável a qual a lei não toma partido, o que está dentro do seu pensamento e de sua consciência, que não se tornou público, não pode ser punido pela legislação.

E exatamente por isso, toda pessoa é livre para acreditar ou não em alguma religião, não tendo o Estado nenhum envolvimento com essa ação pessoal de sua população, vale destacar, que não pertencer a religião alguma, está inserido também no direito à liberdade religiosa e de crença, sendo portanto, de consciência livre. A crença só se torna objeto de preocupação, quando for externada ao público, por meio de algum culto, ou manifestação de pensamento contrário a ter algum tipo de fé, as quais também será protegida. Segundo José Afonso da silva(2010), corrobora com este pensamento, entendendo que a liberdade de crença envolve a liberdade de aderir uma religião, de mudar de religião, ou ainda de não aderir à religião nenhuma, ser ateu e de professar o agnosticismo.[46]

> Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:
>
> I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;
>
> II - recusar fé aos documentos públicos;
>
> III - criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si. (Brasil,1988)

[46] **SERFEJAN**, Tatiana Robles. Liberdade Religiosa e laicidade do Estado na Constituição de 1988.USP.2012. Apud Silva,2010,p.249.

Esta separação entre Estado e culto, se dá devido ao que chamaremos de laicidade, o Estado Brasileiro, não se vê, na atual constituição da República, como parte integrante de qualquer religião, respeitando assim a pluralidade religiosa de seu país, suas culturas, credos, métodos, fundamentos e ritos religiosos. Todavia o mesmo pode realizar parcerias de interesse público, colaborando educativamente para mitigar preconceitos.

> Portanto, a separação entre Igreja e Estado, característica do Estado laico, não significa incompatibilidade entre um e outro, e nem falta de diálogo entre ambos. A separação exige que o Estado não apoie nenhuma corrente religiosa, mas também não adote uma postura antireligiosa. Em suma, Estado laico é Estado neutro(GANEM)47

É preciso ver o Estado laico como, um Estado Neutro, que permite que diferentes religiões coexistam num mesmo espaço de maneira harmônica, podendo todos estes, expressar suas opiniões, desde que salvaguardado os preceitos constitucionais e os limites impostos pela lei, já que as liberdades não são absolutas umas sobre as outras. É interessante notar, que esse trabalho conjunto entre Estado e igreja, sem vinculações fortalece os mais diversos campos sociais, contribuindo para vida das pessoas de maneira geral, onde muitas vezes o Estado, por si, só não consegue atuar de maneira contundente.

A laicidade garante que nenhuma religião seja privilegiada em detrimento a outra, protegendo o Estado, a estas instituições de serem alvos de ataques, vilipêndios, destruições, preconceitos e discriminações. Sendo reforçado, pelo art.5° da Carta Maior, o princípio da igualdade e caso houvesse um tratamento desigual, o Estado seria o primeiro a desrespeitar suas próprias leis.

> O caráter do Estado laico vincula-se a tais princípios de grande porte, que fundamentam o Estado de Direito. Ao falar-se em Estado laico, acaba-se falando também em garantias fundamentais, em proteção dos direitos humanos, em sociedade pluralista, em proteção à dignidade da pessoa humana, em consolidação da cidadania, enfim, em todos os temas

[47] GANEM,Cassia Maria Senna, Estado Laico e Direitos Fundamentais.https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/outras-publicacoes/volume-i-constituicao-de-1988/principios-e-direitos-fundamentais-estado-laico-e-direitos-fundamentais#:~:text=A%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Federal%20de%201988,n%C3%A3o%20exist%C3%AAncia%20de%20religi%C3%A3o%20oficial.

> constitucionais de grande alcance que se relacionam com o assunto. (GANEM)48

O Estado se torna grande a partir do que consegue inserir dentro de seu corpo, de fato a sua pluralidade, criar legislações específicas, as religiões de matriz africana, não significa favorecimento, ou prestígio a estas, e sim, compreender e respeitar, os anos de marginalização que esta já sofreram devido aos séculos de escravismo no país e é promover a igualdade a tantas outras seitas religiosas de maneira pública, visto que, se existe a criação de dispositivo legal, é por que as condutas, não estão de acordo, com que o próprio Estado Brasileiro e laico determina e espera, então este, usa de seu poder coercitivo para igualar todas as religiões, inclusive as marginalizadas. Como preceitua o STF, no RE 494601, a proteção específica dos cultos de religiões de matriz africana é compatível com o princípio da igualdade, uma vez que sua estigmatização, fruto de um preconceito estrutural, está a merecer especial atenção do Estado.[49]

É preciso delimitar de maneira precisa, que os integrantes das religiões não podem, usar da laicidade estatal, para promover o desrespeito, e a falta de bom senso, sendo este, um ataque a liberdade de consciência e crença do outro, e também uma ofensa ao direito adquirido, que é amplo a todos.

6.2 Liberdade Religiosa nas Constituições

A Liberdade Religiosa no país é um debate extenso presente em muitas constituições brasileiras, tanto as promulgadas, quanto as outorgadas, todavia, com o passar dos anos começaram-se a ter avanços referente a liberdade religiosa, de expressão e culto. Esta mesma constituição que serve para nortear as outras leis do país e estabelecer a ordem, já foi a proibicionista, das religiões de matriz africana, como na Constituição de 1824.

A constituição do Império Brasileiro da época já tinha como base a religião oficial, a Católica, em seu Art. 5, as outras religiões seriam permitidas desde que o

---

[48] idem

[49] SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. RE 494601.https://jurisprudencia.stf.jus.br/pages/search?base=acordaos&sinonimo=true&plural=true&page=1&pageSize=10&queryString=liberdade%20de%20culto%20&sort=_score&sortBy=desc

culto fosse doméstico ou particular em casas, sem forma exterior de templo. (BRASIL,1824).

Fica evidente no corpo da lei que qualquer outra religião poderia acontecer desde que fosse escondida e não deixasse evidente o que ocorria naquele local. Em seu Art. 191 do código penal, mais uma vez dizia, que ninguém seria perseguido por motivo de religião, desde que respeitasse o Estado e não ofendesse a moral pública[50], entende-se por moral pública os bons costumes da igreja. Ainda no Código Criminal de 1824 em seu Art.276 traz a penalidade para quem celebrasse culto em casa ou edifício, que tivesse forma exterior que não fosse a do Estado a pena era de dispersamento pelo juiz de paz e multa de dois a doze mil réis, que cada um presente no culto pagaria(BRASIL,1824).

Dada tão grande a imponência da igreja no brasil, as leis do império, tem muita influência das ordenações Filipinas que tinha influência católica e foram as primeiras normas jurídicas para regulamentar a escravidão obrigavam a conversão dos escravos ao catolicismo e adoção de nome cristão (OLIVEIRA Apud PAES,2018)[51]

Em 1891 foi promulgada a primeira constituição que faz a separação entre Estado e igreja, a partir disso, todas as outras seguem o mesmo padrão entretanto o código penal da república é anterior, à promulgação da mesma, sendo de 1890, e em seu capítulo III, coloca sobre os crimes contra a saúde pública em seus artigos 157 e 158 o espiritismo e a magia, fazendo menção de certa forma às práticas africanas

Art.157 Praticar o espiritismo, a magia e seu sortilégios, usar de talismãs e cartomancia para despertar sentimentos de ódio ou Amor, vincular cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública

> Art.158 Ministrar, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno e externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer

[50] BRASIL. **Código Criminal do Império do Brazil** de 1830. Disponível em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm. Acesso em 30/01/2024

[51] OLIVEIRA,Ariadne Moreira Basilio de.**Um Panormana das Violações e Discriminações as Religiões Afro-brasileiras como expressão do racismo religioso.Disponível** em: Revista Calundu - vol. 2, n.1, jan-jun 2018.Acesso em 30/01/2024.

> dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim o Ofício do denominado curandeiro
>
> Parágrafo único se o emprego de qualquer substância resultar a pessoa privação, o alteração temporária ou permanente de suas faculdades psíquicas ou funções psicológicas deformidade ou inabilitação do exercício do órgão ao aparelho orgânico ou insumo alguma enfermidade(Brazil,1890)52

Por mais que existisse a separação entre Estado e Igreja, criminalizam a religiosidade e os aparatos religiosos, sendo suas medicinas e até mesmo com a menção de alteração as faculdades psíquicas a incorporação ou transe, o espiritismo e o curandeirismo. É evidente o impedimento religioso se tratando das religiões negro africanas, já que existia uma conceituação entre alto e baixo espiritismo, sendo alto espiritismo o Kardecismo e baixo o Candomblé e a Macumba (OLIVEIRA Apud MAGGIE,2018).

Com este ponto sobre o espiritismo, com a égide de Alan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail), um culto vindo da França, com tons claramente brancos, poderia ser aceito em terras brasileiras[53], haja vista que o próprio, se podemos dizer assim fundador do espiritismo, tinha cunhos racistas evidentes se tratando do mundo espiritual, onde ele dizia que a raça negra deveria servir para a cana de açúcar e algodão, sendo considerados os negros, como inferiores aos brancos.

> A raça negra é perfeita? Segundo alguns, a questão é julgada e resolvida em termos de qualidade. Se assim é, se essa raça é votada por Deus a uma eterna inferioridade, a consequência é que será inútil preocuparmo-nos com ela e que devemos limitar-nos a fazer do negro uma espécie de animal doméstico dedicada à cultura do açúcar e do algodão. (KARDEC,1862)54

---

[52] BRAZIL, Código Penal do Estados Unidos do. Disponível em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 30/01/2024

[53] O berço do Espiritismo foi a França, no século 19, quando Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, iniciou uma série de estudos sobre a manifestação dos espíritos. Kardec observou o fenômeno das mesas girantes, sessões de contato com espíritos de pessoas mortas.Disponivel em https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/04/quatro-perguntas-e-respostas-para-entender-o-espiritismo.html. Acesso em 30/01/2024

[54] Allan Kardec, **Perfectibilidade da Raça Negra. Revista Espírita, abril de 1862** Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/o-racismo-de-kardec-e-o-calcanhar-de-aquiles-dos-espiritas/. Acesso em 30/01/204

Já nas constituintes seguintes, começa-se a ter breves alterações, que darão o tom da atual CF 88, É a primeira constituição da república(1934), que faz menção a Deus em seu preâmbulo, mantém-se a separação entre Estado e igreja, sendo permitido o culto desde que não contrarie o Estado e os bons costumes.

A constituição de 1937 segue o padrão da anterior e em seu Art.§4° todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum, as exigências da ordem pública e dos bons costumes (BRASIL,1937)

A lei maior de 1946 é inovadora em alguns aspectos, um deles é a imunidade tributária, que isenta templos de qualquer culto de impostos, adquirindo também a personalidade Jurídica e pontua a assistência das organizações religiosas, nos setores, assistenciais, educacionais e hospitalares.

A constituição de 67 mantém o mesmo texto da anterior, ainda sim é importante lembrar que a mesma sai de um regime autoritário da ditadura militar e é emendada pela constituição de 1969, a qual perpetua novamente igual texto constitucional.

> Configurados a liberdade de consciência do exercício de cultos religiosos, desde que "não contraria a ordem pública e os bons costumes". A previsão de assistência religiosa prestada por brasileiros às forças armadas nos estabelecimentos de internação coletiva.
>
> Igualmente assegurado o repouso remodelado, os feriados religiosos, o casamento religioso de efeitos civis; o ensino religioso facultativo. (JESUS Apud TERAOKA,2021)55

Ainda nos anos 60/70 durante o período de ditadura militar e com o advento de uma constituição mais ampla, permitindo cultos que não contrariem os bons costumes, os terreiros sofriam repressão policial, eram invadidos e depredados pela própria polícia,

---

[55] JESUS,Gabriel Henrique Vitorino Alves de, **Religiões de Matriz Africana: A omissão do Estado Brasileiro no Combate à Intolerância Religiosa**.2021 acesso em 30/01/2024

tinha seus atabaques e objetos sagrado apreendidos pela polícia como conta mãe meninazinha de oxum:

> Entravam nos terreiros, quebravam o Sagrado. A polícia quebrou. Muitas peças estavam na polícia como prova de crime, como se a gente professar uma religião fosse crime. Nós éramos criminosos por ser de Candomblé e por ser de umbanda e outros segmentos da África (mãe meninazinha)56

A delegacia de jogos e costumes foi criada no ano de 1938, com amparo ainda do código civil de 1980 e tinha um caráter amplo, segundo Souza Junior(2018) agia sob os alcoolizados, decaídos, a maconha, se ocupava com as casas de tolerância, zona de meretrício, bailes, ambulantes e bares. Para além disso as casas eram obrigadas a serem registradas na delegacia e está lhes davam uma licença permitindo que o rito ocorre-se e com as instruções.

Estas Instituições perversas e perseguidoras só foram ser extirpadas com o advento da CF de 1988, que é considerada a constituição cidadã e confere aos praticantes de todas as religiões, inclusive aqueles que não a tem, sua liberdade.

6.3 Liberdade religiosa na Constituição Federal da República 1988

A liberdade religiosa é o direito que as religiões e todas as pessoas têm de professar livremente sua fé e também não professar fé alguma. A Constituição da República Federativa do Brasil, garante em seu Artigo 5° esta premissa, como um de seus direitos fundamentais.

> Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
>
> VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;[57]

---

[56] **Cristina Indio do Brasil - Repórter da Agência Brasil-Ditadura invadiu terreiros e destruiu peças sagradas do candomblé.https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-04/ditadura-invadiu-terreiros-e-destruiu-pecas-sagradas-do-candomble**

[57] BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em : https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 30/01/2024.

Entende-se como preceito fundamental ou direitos fundamentais o mínimo para garantir a dignidade da pessoa humana, ou seja, garantir que a pessoa viva com liberdade, equidade, bons valores e acreditar naquilo que bem entender e que isso deve ser garantido pelo Estado, a carta magna garante também a liberdade de culto religioso, sendo que é livre o direito de qualquer religiões se manifestar e seus locais são protegidos pela União.

> Vê-se, portanto, que os direitos fundamentais representam o núcleo inviolável de uma sociedade política, com vistas a garantir a dignidade da pessoa humana, razão pela qual não devem ser reconhecidos apenas formalmente, mas efetivados materialmente e de forma rotineira pelo Poder Público.(GAVIÃO,2009)58

6.4 LEI 7.716/89 e 14.532/23

Temos no Brasil, algumas legislações que asseguram direitos, a partir da perspectiva de Estado, as religiões de matriz africana no Brasil, tais dispositivos, vem para garantir e efetivar o que já é descrito na Constituição da República de 1988, assegura e salvaguarda direitos e também dar diretrizes de como se enquadra os crimes referentes a violações a estas religiões.

Mediante a isto, temos a lei de racismo, que chamamos de lei caó, pois foi elaborada pelo advogado, jornalista e deputado federal, Carlos Alberto(1941-2018), inicialmente era definida somente pelos crimes resultantes de raça ou de cor, todavia a mesma foi alterada pela lei 9.459/97 estabelecendo, punições a quem também praticasse crimes por motivos religiosos ou de procedência nacional. Foi alterada também no ano de 2023 pela lei 14.532 e possui algumas incongruências no tipo legal, onde o legislador não abarcou de maneira contundente proteção às religiões e sobretudo as religiões de matriz africana, gerando assim, brechas ou lacunas na lei.

---

[58] PINTO, Alexandre Guimarães Gavião.**Direitos Fundamentais Legítimas Prerrogativas da Liberdade,Igualdade e Dignidade**.Revista da EMERJ, v. 12, nº 46, 2009

Os crimes de injúria racial são equiparados aos crimes de racismo, com o advento da modificação dada pela lei 14.532/2023. O crime de racismo pela lei 7.716/89 são considerados crimes inafiançáveis e imprescritíveis.

A redação dos dispositivos que serão trazidos à baila neste momento são do art. 2° da lei 7.716/98 e o art.140, §3° do Código Penal brasileiro, que estão da seguinte forma:

> Art. 2º-A Injuriar alguém, ofendendo lhe a dignidade ou o decoro, em razão de raça, cor, etnia ou procedência nacional. (Incluído pela Lei nº 14.532, de 2023)
>
> Pena: reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa. (**BRASIL**,1989)
>
> Art.140, §3°. Sem injúria consiste na utilização de elementos referentes à religião ou a condição de pessoa idosa ou com deficiência:
>
> Pena reclusão, de 1 (um) 3(três) anos, e multa.(Código Penal Brasileiro)

A divergência consiste em no art.1° da lei 7.716/89 diz que serão punidos os crimes que resultarem da discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. E já no Art.2°-A a religião é retirada de seu escopo, notando que o tratamento será diferente entre um caso e outro, consequentemente suas penas também o serão. Quando a injúria se Referir a " raça, cor, etnia ou procedência nacional" será aplicado o art.2-A da lei 7.716/89.No entanto, sem jura consistir em ofensas ligadas "religião" ou "condição de pessoa idosa ou com deficiência ", aplicação será do artigo 140,§3°.do código penal.(CABETTE,2024)[59]O princípio da proporcionalidade aqui é ferido, já que como afirma Paulo Vaz(2002) a proporcionalidade é o que vai definir os critérios de delimitação da relação meio-fio, assegurando a restrição na exata medida do necessário. Tal princípio necessita de adequação plena para atingir seu objetivo, no caso legal, a nova lei, vem com o intuito de garantir mais força coercitiva sobre os criminosos e esta divisão legal de hora um

[59]CABETTE,Eduardo Luiz Santos. Nova lei de racismo de acordo com a lei 14.532/23: injúria racial, apologia ao racismo e outros temas relevantes/ 2 ed-Lem-SP;Mizzuno,2024.

artigo protege um bem e outro protege outro, gera insegurança jurídica na aplicação da lei mediante ao caso concreto.

Não sendo plausível que as penas sejam diferentes maiores quando o assunto é ofender a honra, e menor quando se tratar de religião, já que o mesmo se trata de crime comum, podendo ser realizado por qualquer pessoa e o bem jurídico tutelado, a injúria, permanece nos dois campos, subjetivo.

O que o legislador permite com este entendimento é uma hierarquização desleal, referentes ao crime de racismo, é como se disse que quando se tratar de uma parte do crime racial é importante e deve ser coibido com pena maior e o outro é comum e deve ser tratado de maneira comum, sendo que os dois são crimes do mesmo tipo penal.

> A lei 9.459 de 97 inclui as circunstâncias de etnia, de religião e de procedência Nacional na definição de injúria racial (art.140§3° do CP) ;Contudo essa lógica foi abandonada parcialmente na novel redação do artigo 2°-A.
>
> O legislador cometeu O equívoco de permitir que a discriminação religiosa remaneça no crime de injúria preconceito, não sendo transportado para o imóvel artigo 2°-A.
>
> Essa decisão chama atenção pois a discriminação religiosa- em todas as suas facetas- foi pano de fundo de uma das atrocidades da história da humanidade. O holocausto se originou das entranhas da intolerância religiosa, enraizando-se, gradualmente, na sociedade com a permissividade de grupos de interesse oportunistas que, almejando proveitos pessoais, promoveram atos de extinção de incontáveis vidas ponto e no Brasil, o debate sobre o antissemitismo foi objeto de case do STF(HC82.424) no qual se reconheceu o racismo religioso (COSTA, DAVID E BRETZ,2023)

Dando a entender assim, que o legislador, mesmo com todos os dados presentes, e a evidente elevação nos casos de racismo e intolerância religiosa no país, com a pratica evidente e frequente do aniquilamento racial negro e racial religioso, não deu a devida importância ao caso, deixando passar, um importante tema, que é debate no Brasil e no mundo e as quais, busca este pais a passos de formiga solucionar, com ações afirmativas, políticas públicas e aparato legal.

Ainda assim, existente pontos extremamente positivos na recente alteração da lei, como ira-se ver no Art.20, já que a lei neste artigo, ampara as religiões, este em seu

caput, dá a redação a quem induzir, incitar a discriminação e o preconceito religioso, de raça cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Em seu artigo segundo o norma legal, coíbe a prática de indução, por meios das mídias de social, ou seja, internet em geral, Instagram, facebook, whatsapp, telegram, tik e tok, X(ex-twitter). Tendo assim uma pena maior do que o caput do artigo citado. É de extrema importância haja vista, que o mundo hoje tem fácil acesso à internet e está pode levar informações ou desinformações a qualquer um que seja, espalhar notícias falsas e quando se trata das religiões de matriz africana, dado ao racismo presente, tecer comentários preconceituosos e discriminatórios a respeito desta.

Vale destacar, que a Constituição Federal preceitua liberdade de expressão em seu artigo 5°, IV, sendo livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato(BRASIL,1988). Entretanto, esta liberdade de expressão possui limites as quais devem ser respeitados. a lei 5.250 de 1967 em seu artigo 1° traz em seu escopo a livre manifestação do pensamento e a procura , o recebimento e a difusão de informações ou ideais, por qualquer meio, e sem dependência de censura, respondendo cada um, nos termos da lei pelos abusos que cometer.[60], ou, seja, a própria lei já estabelece limites a expressão, deixando claro, que abusos cometidos serão punidos de acordo com que os couber, pois é preciso clareza, no que tange a liberdade de expressão, já que está, não está acima de outro princípios e nem abaixo, todavia, aquele que desejam cometer crimes, usam dela para tentar se eximir de suas obrigações legais. O Supremo Tribunal Federal(STF),já elucidou de maneira clara também, a fim de sanar dúvidas sobre a liberdade de expressão.

> As liberdades públicas não são incondicionais, por isso devem ser exercidas de maneira harmônica, observados os limites definidos na própria Constituição Federal (CF, art. 5º, § 2º, primeira parte). O preceito fundamental de liberdade de expressão não consagra o "direito à incitação ao racismo", dado que um direito individual não pode constituir-se em salvaguarda de condutas ilícitas, como sucede com os delitos contra a honra. Prevalência dos princípios da dignidade da pessoa humana e da igualdade jurídica. (**STF. HC**

60

BRASIL,Lei,5250/1967.https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5250.htm#:~:text=Art%20.,lei%2C%20pelos%20abusos%20que%20cometer.

> **82.424**, rel. min. Moreira Alves, red. p/ o ac. min. Maurício Corrêa, P, j. 17-9-2003, DJ de 19-3-2004.)[61]

Ficando claro que ninguém tem o direito através de suas palavras ou ações, por meio de redes sociais ou qualquer outro veículo de comunicação, incitar a discriminação ou preconceito a quem quer que seja, ou a qualquer religião.

É Importante destacar também, que o STF, já apontou sobre a liberdade de expressão, religiosa, e o proselitismo religioso, este é salvaguardado, dentro dos limites legais. Os adeptos a religiões tem o total direito de acreditar que sua religião é a melhor, ou mais importante e também podem de certa forma, sem ataques, discriminação ou preconceito, buscar adeptos de outras religiões através de suas palavras e ações.

> No que toca especificamente à liberdade de expressão religiosa, cumpre reconhecer, nas hipóteses de religiões que se alçam à universais, que o discurso proselitista é da essência de seu integral exercício. De tal modo, a finalidade de alcançar o outro, mediante persuasão, configura comportamento intrínseco a religiões de tal natureza. Para a consecução de tal objetivo, não se revela ilícito, por si só, a comparação entre diversas religiões, inclusive com explicitação de certa hierarquização ou animosidade entre elas (STF. RHC 134.682, rel. min. Edson Fachin, 1ª T, j. 29-11-2016, DJE de 29-8-2017.)[62]

Neste diapasão, entende-se que colocar sua religião acima de outra, e explicitar as diferenças e os pontos fortes, é papel, importante das religiões, não sendo estes punidos pela lei, e configura também o exercício da liberdade de expressão, tendo os religiosos, quando o fazem a efetivação dos seus direitos, mas ainda assim, continua o STF, dizendo quais os critérios para que a violação do direito aconteça, partindo de três princípios:

> O discurso discriminatório criminoso somente se materializa após ultrapassadas três etapas indispensáveis. Uma de caráter cognitivo, em que

[61] STF.Artigo 13. Liberdade de pensamento e de expressão.Artigo 13. Liberdade de pensamento e de expressão

[62] idem

> atestada a desigualdade entre grupos e/ou indivíduos; outra de viés valorativo, em que se assenta suposta relação de superioridade entre eles; e, por fim, uma terceira, em que o agente, a partir das fases anteriores, supõe legítima a dominação, exploração, escravização, eliminação, supressão ou redução de direitos fundamentais do diferente que compreende inferior. (STF. RHC 134.682, rel. min. Edson Fachin, 1ª T, j. 29-11-2016, DJE de 29-8-2017.)[63]

No tocante, promover a desigualdades entre os grupos religiosos e seus indivíduos, colocar a superioridade, acima de limites cabíveis, já que o adepto é livre para considerar a sua prática religiosa, verdadeira, mas não dizer que a do outro é mentira, e supor/inventar que a religião do outro é exploradora o escraviza e o retira dele, direitos legais, por simplesmente a considerar inferior, caracterizam, crime.

Retomando o Art.20 da lei 14.532/23, tem se o artigo se o parágrafo 2-B, que nos prevê condutas a quem, obstar, impedir, ou empregar violência, contra qualquer manifestação religiosa. criar algum obstáculo ou impedimento, com ou sem emprego de violência, é crime, isto confere aos religiosos de matriz africana, um pouco mais de segurança jurídica, para além do direito de se reunir e se manifestar publicamente, como já descrito no CF, todavia, as religiões de matriz africana, tem feito de maneira assídua, diversas manifestações por todo o país, para garantir seus direitos e também mostrar às pessoas, um outro paradigma para além do que o colonizador deixou com os anos de escravidão, não menos importante, este artigo, confere e assegura o que já também está descrito na carta magna o direito dos religiosos de praticar sua religião, sem perturbações, impedimentos ou violências.

6.5 Estatuto da Igualdade Racial

Outra Legislação pertinente, é a lei 12.288/2010, que cria o Estatuto da Igualdade racial, que visa a efetivação e defesa de direitos a população negra étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate às demais formas de intolerância étnica.

Em seu Art.1°, I, mostra a amplitude desta e determina o que é discriminação:

.

[63] idem

> I - discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;(BRASIL,2010)

Qualquer atitude que faça distinção, exclua, ou de preferência, com base na raça, cor, descendência ou origem, seja a uma pessoa ou grupo estará incutindo em discriminação racial ou étnica, é importante saliente que o presente inciso, embora não cite as religiões tem uma abrangência, quando trata dos direitos humanos, sociais, culturais, em qualquer campo da vida pública ou privada, é fato que as religiões estão inseridas na vida das pessoas e são parte integrante de sua liberdade, mas ainda sim em seu capitulo terceiro o Estatuto, traz sobre a liberdade de consciência e de crença e ao livre exercício dos cultos religiosos:

> Art. 23. É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.
>
> Art. 24. O direito à liberdade de consciência e de crença e ao livre exercício dos cultos religiosos de matriz africana compreende:
>
> I - a prática de cultos, a celebração de reuniões relacionadas à religiosidade e a fundação e manutenção, por iniciativa privada, de lugares reservados para tais fins;
>
> II - a celebração de festividades e cerimônias de acordo com preceitos das respectivas religiões;
>
> III - a fundação e a manutenção, por iniciativa privada, de instituições beneficentes ligadas às respectivas convicções religiosas;
>
> IV - a produção, a comercialização, a aquisição e o uso de artigos e materiais religiosos adequados aos costumes e às práticas fundadas na respectiva religiosidade, ressalvadas as condutas vedadas por legislação específica;
>
> V - a produção e a divulgação de publicações relacionadas ao exercício e à difusão das religiões de matriz africana;
>
> VI - a coleta de contribuições financeiras de pessoas naturais e jurídicas de natureza privada para a manutenção das atividades religiosas e sociais das respectivas religiões;
>
> VII - o acesso aos órgãos e aos meios de comunicação para divulgação das respectivas religiões;
>
> VIII - a comunicação ao Ministério Público para abertura de ação penal em face de atitudes e práticas de intolerância religiosa nos meios de comunicação e em quaisquer outros locais.

> Art. 25. É assegurada a assistência religiosa aos praticantes de religiões de matrizes africanas internados em hospitais ou em outras instituições de internação coletiva, inclusive àqueles submetidos a pena privativa de liberdade. (BRASIL,2010)

Se tratando de aparato legal e proteção às religiões de matriz africana, a lei 12.288/10 é uma das mais completas, colocando cada item e tratando as religiões, com igualdade, reafirmando de maneira direta, o que outras crenças religiosas, têm. Essas garantias são para que se efetive direitos, mediante a população e o Estado.

O art.24 do estatuto deixa de maneira taxativa o que é permitido para as religiões de matriz africana, assegurando seus direitos e rituais, como em seu inciso primeiro e segundo, garante a celebração, das reuniões de maneira pública ou privada, a fundação de templos religiosos e suas cerimônias religiosas como batizados, casamentos, ritos iniciaticos, rituais fúnebres. Já em seu inciso quarto preceitua sobre a produção, comercialização e aquisição de matérias e artigos a suas práticas, e aqui temos uma vastidão de elementos, desde animais, vestimentas, velas, bebidas, desde que a lei não as tenha proibido previamente. O ordenamento permite e incentiva de certa forma a elaboração de produções e divulgações a respeito do culto, que também serve para que se tire do imaginário social, a demonização, ou a maldade que foi colocada essas religiões. Deixa claro que estas instituições podem receber contribuições financeiras para que se de manutenção aos seus cultos e espaços e eventos sociais que por ventura possam surgir e garante também o acesso aos meios de comunicação para divulgação das religiões.

Em seu inciso VIII, garante que as religiões de matriz africana têm o direito de abrir ações penais, contra atitudes e práticas de intolerância religiosa, seja eles nos meios de comunicação ou qualquer outro lugar, assegura no artigo seguinte, o direito de assistência religiosa aos praticantes do culto, internados em hospitais, ou em outras, instituições de internação coletiva e nos presididos.

Dá diretrizes ao Poder Público, no Art.26 de que o este, deverá atuar de maneira a prevenir os ataques a essas religiões e promoverá o combate à intolerância religiosa e discriminação aos seus seguidores:

> Art. 26. O poder público adotará as medidas necessárias para o combate à intolerância com as religiões de matrizes africanas e à discriminação de seus seguidores, especialmente com o objetivo de:
>
> I - coibir a utilização dos meios de comunicação social para a difusão de proposições, imagens ou abordagens que exponham pessoa ou grupo ao ódio ou ao desprezo por motivos fundados na religiosidade de matrizes africanas;
>
> II - inventariar, restaurar e proteger os documentos, obras e outros bens de valor artístico e cultural, os monumentos, mananciais, flora e sítios arqueológicos vinculados às religiões de matrizes africanas;
>
> III - assegurar a participação proporcional de representantes das religiões de matrizes africanas, ao lado da representação das demais religiões, em comissões, conselhos, órgãos e outras instâncias de deliberação vinculadas ao poder público. (BRASIL,2010)

Sendo portanto como preceitua o inciso I, o dever do Estado, proibir que se utilizem dos meios de comunicação social para a propagação do ódio religioso, a pessoa ou grupos, CTTro, diferentemente de outras leis, esta, deixa claro que o Estado será um incentivador, das práticas do combate ao que aqui chamamos de racismo religioso e aniquilamento, as instituições públicas estatais têm um papel fundamental, na proteção dessas comunidades e na vida das pessoas que dela fazem parte, direta ou indiretamente. Resgatar, preservar, e incentivar que estes o façam por meio de políticas públicas, patrimonialização, tombamento, menções honrosas e valorização de lideranças religiosas de matriz africana e seus Terreiros, também é dever do Estado e assegurar a participação desses líderes ancestrais ao lado das outras religiões, conselhos ou órgãos vinculados ao poder público.

O estatuto encabeça ações afirmativas sobre as religiões de matriz africana e cria um sistema de igualdade étnica, partindo das desigualdades vivenciadas pelos adeptos das religiões afro-brasileiras no Brasil, faz necessário uma análise e preceito legal, de acordo com suas necessidades, as quais o estatuto traz boas respostas e garante direitos e obrigações necessárias, tantos aos integrantes, quanto ao União e todas as

políticas apresentadas por este diploma legal, vem em consonância com a Constituição de 1988, a Constituição cidadã.

Deixar claro na lei, o dever do Estado em combater e salvaguardar os direitos que as religiões de matriz africana tem, evidencia também a preocupação do Estado, por estarmos tratando de um conjunto de crenças que vive sob constantes ataques e precisa deste amparo.

> Esse aspecto do estatuto da Igualdade racial dialoga com políticas e mobilizações que recorrem à questão da intolerância religiosa para garantir os direitos de se praticar Candomblé, Umbanda e outras religiões afro-brasileiras e a segurança de seus adeptos. Se a liberdade religiosa é uma bandeira levantada por vários segmentos é exatamente no universo afro religioso que o combate à intolerância encontrará seus protagonistas **(Giumbelli e Scola** apud **Bortoletto**,2015)[64]

Através do Exame da letra legal da lei 12.288/2010, destaca-se as articulações estatais de promoção de igualdade racial e pertencimento, proteção a direitos e efetivação de garantias a grupos religiosos, minoritários e profundamente atingidos pela carga histórica-atual que os assola, diariamente e daí sua necessidade e importância.

[64] GIUMBELLI,Emerson e SCOLA,Jorge.Marcos Legislativos de Regulação do Religioso no Brasil: Estatuto da Igualdade Racial, Acordo Brasil Vaticano e Lei Geral das Religiões.revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v.19 n.2, 2016, p. 65.

7 DISPOSITIVOS DE COERÇÃO

Devido a ineficácia Estatal, o EDD, é constantemente atacado e não consegue realizar nem a sua própria defesa e tão pouco a defesa dos seus, sobretudo os que estão abaixo da pirâmide (pretos, pardos e pobres). Colocarei de maneira conjunta como os dispositivos de coerção estatal impactam na vida da população negra e na vida religiosa destes, já que este é o objeto a qual se dá a pesquisa e como o racismo religioso é fortalecido pela repressão, pela judicialização, encarceramento e aniquilamento.

7.1 Repressão Física do negro

É preciso retornar ao século XX, para que se materialize o entendimento, do que as religiões negro africanas-Brasileiras, mas especificamente o Candomblé, sofreram, com a repressão física de seus cultos, tanto de maneira coercitiva através da polícia, quanto de maneira legal, em um Estado, que já possuía, legislações e algumas liberdades.

O negro cria através de sua religiosidade mecanismos, tecnológicos, inovadores de sobreviver ao aniquilamento, que já vinha desde o aporte dos navios de tráfico de escravos que chegaram no Brasil, a repressão e criminalização que sofrerá o Candomblé, não foi um simples ataque da sociedade a algo que eles não conheciam ou entendem e sim o ataque, a um corpo político, cultural, econômico, religioso negro, já que esta religiosidade permitiria a construção e revitalização da identidade negra, que fora tomada pelo colonizador. O Candomblé é, pela suas características básicas de natureza alternativa que permite que seus membros, vivam de maneira ampla em sociedade, com valores civilizatórios negro-africanos (BRAGA,1995)[65]. O Candomblé traz de volta a memória coletiva negra, que fora apagada pela escravidão, pela dominação e consequentemente, hoje é aniquilada

[65] BRAGA,Julio. Na Gamela do Feitiço:repressão e resistência nos Candomblés da Bahia:EDUFBA,1995.

pelo racismo. Sendo a repressão a esta religiosidade, só mais um dos mecanismos de poder, usados, para aniquilar, não somente a religião, mas sim, um povo, não foi e não é mera atividade da época, é organização política, foi e é necropolítica.

o Candomblé devido a sua formação religiosa e valorização de dívidas e deidas negras, fora considerado instrumento de feitiçaria, baixa magia e que dedicava-se ao mal, percebe-se que assim como o negro era tratado, com sua crença não seria diferente e não deveriam conviver em sociedade, o mesmo sentimento social e político que se tinham as pessoas negras e não conseguiam mais exercer de forma contundente, já que a abolição era legal, dedicaram as práticas negras, para que essas pessoas atacadas, escravizadas ou cerceadas fossem.

> Da mesma forma, na Bahia, essas práticas religiosas tradicionais foram rejeitadas sob a alegação de que se tratava de práticas de feitiçaria. Por isso, deveriam ser afastadas de um meio social que se pretendia oriundo e portador de uma civilização ocidental. (BRAGA,1995)

A hegemonia europeia cristã, com medo de que a religião dos negros, se fortalecesse, passa a realizar categoricamente batidas policias aos candomblés e escarnio público nos jornais, afim de manter cada dia mais a população afastada do que eles consideravam com culto primitivo e feitiçaria. A Igreja Católica, foi a instituição que mais apoio a repressão e perseguição policial, já que esta mantinha o poder estatal em suas mãos e não queria de forma alguma perder o controle, da mesma forma em que os senhores de escravo realizavam com seus escravizados, de maneira não menos violenta realizara a polícia, contra o culto dos negros e mestiços, que era maioria na Bahia, se mantinha resistente e isso causará ódio e mais violência(BRAGA,1995)

Para Mandarino(2007) o Estado teve e tem um poder de trazer a má fama as religiões de matriz africana e seu cultos, quando os coloca como feiticeiros e macumbeiros e cria um sistema que irá regular essas instituições, a fim de proibir o culto de maneira repressiva e sistemática, é um perseguição:

> O Estado, desta forma, irá se fazer presente nos assuntos acerca da magia e intervindo de forma aguda no combate a feiticeiros e macumbeiros, criando

> instrumentos reguladores, criando juízos especial e pessoal especializado. Mais do que isso, em alguns casos, fornecerá a própria denúncia. [...] Essa função do Estado permanece até hoje, mas, de 1890 a 1940, com as reformulações introduzidas no Código Penal, o aparato político se institucionalizou e passou a ser usado com mais intensidade como instrumento de repressão. As perseguições eram levadas a cabo, em sua maioria, através de denúncias da população que muitas vezes sentia-se incomodada pelos batuques que se arrastavam até altas horas em dias de grandes obrigações. [...] As religiões afro-brasileiras eram e continuam sendo vistas como curandeirismo, magia negra, exploração de credulidade pública e exercício ilegal da medicina, estando os seus praticantes incorrendo em crimes previstos no Código Penal. O Código Penal de 1890 incriminava não só o curandeiro, mas, também, o feiticeiro, juntamente com outras categorias, como espíritas e cartomantes. (MANDARINO, 2007, p. 97 e 100).

Esse sistema de repressão penal e criminalização, criou uma nova postura social, onde segundo Júlio Braga(1995) os Terreiros, tinham que se fixarem na polícia, na delegacia de jogos e costumes, da secretaria de segurança pública, onde adquiriam uma licença para poder realizar seu culto e posteriormente um calendário de suas liturgias, muito por isso os candomblés atuais, às vezes sem saber mantém ainda um calendário anual litúrgico com as festas e sua grande maioria ligados às festividades católicas, já que o sincretismo, fora usado pelos sacerdotes afro-religiosos da época para driblar a perseguição. Aqueles que não providenciassem sua licença com antecedência tinham seu culto e espaço sagrado fechados e agredidos violentamente, como forma de punição.

Em 1912, ocorreu uma das maiores violências religiosas do Estado do Alagoas, a Polícia e a liga dos republicanos, invadiu e destruíram os principais terreiros de Xangô[66] da Capital do Alagoas, o que ocasionou no que denominam depois de “O Xangô Rezado Baixo”(RAFAEL,2012)[67], dado o caos que se instaurou, os religiosos que decidiram continuar, só realizavam seu culto, no mais completo silêncio, isto é tudo de maneira muito baixa, para que não tivessem novamente o massacre que sofreram, e o pedido de desculpas por meio do Estado, só acontecerá no ano de 2012, cem anos depois.

Segundo Nina Rodrigues, devido à constância das batidas policiais, os terreiros se refugiam para as matas e cortiços e se retraíram as horas mortas da noite. Os

[66] Religião afro-brasileira- Ramificação do Candomblé

[67] RAFAEL, Ulisses Neves. Xangô rezado baixo: religião e política na Primeira República. São Cristóvão: Editora UFS; Maceió: EDUFAL, 2012. 277 p.

ataques eram tão incisivos, que estes criaram uma maneira de se esconder e manter aquilo que consideravam sagrado em refúgio, a fim de um pouco de paz em suas liturgias e rituais.

> Os grupos evitam o confronto com a polícia por absoluta incapacidade de enfrentá-la com alguma margem de sucesso. Dificilmente um terreiro de Candomblé poderia dispor de meios para tal enfrentamento de uma polícia extremamente agressiva e fortemente armada quando se deslocavam para realizar as denominadas batidas policiais com isto não impediu, vez por outra, que determinado grupo e esboçasse uma reação de confronto mas era uma luta desigual e sempre a polícia levava vantagem(BRAGA,1995)

E fora muito benéfico essa inteligência negra, já que preservam o seu corpo religioso e mantinham contato com as energias sagradas dos orixás, visto que estavam mais próximos da natureza e não deixaram de resistir de alguma forma, no presente caso, da forma mais inteligente, se mantendo à margem da sociedade dos mecanismos de dominação de fácil acesso.

Depois da retomada geral do século XX e o que ocorrerá com as religiões de matriz africana, trabalhei com os dados atuais das violências que as CTTro a nível Brasil vem sofrendo, os dados são de 2021 a 2023, o levantamento foi realizado pelo grupo de pesquisa Ginga-UFF (2025), é um relatório parcial de publicações de natureza étnico-racial-religiosa e foram analisadas 1.245 Violações em número absolutos, usando algumas palavras chaves no Google para que se obtivessem os dados e consequentemente depois nas redes sociais, sendo elas Sites e portais de notícias (67,7%), Jornais Online (23,8%) ,Blogs(4,7%), Revistas Online(3,9%) Rádios online(1,8).

Nos anos de 2021 a 2023 segundo o Ginga(2025) os números de publicações foram de 110(2021),212(2022) e 420(2023) do penúltimo para o último o ano a praticamente o dobro de publicações midiáticas relacionadas à violência.

Os dados revelam situações de conflito, motivadas pelo preconceito e pertencimento às religiões de matriz africana. O grupo nos traz no 4° gráfico da pesquisa um gráfico em porcentagem, contra os povos de terreiro e seus locais sagrados:

GRÁFICO 4: TIPOS DE VIOLAÇÕES CONTRA OS POVOS DE TERREIRO E SEUS LOCAIS SAGRADOS APRESENTADAS NAS PUBLICAÇÕES (%)



FONTE: GINGA UFF

Em primeiro lugar tem-se: terreiro invadido e depredado (24,8%), seguidos de ofensas/agressões verbais (14,9%), impedimentos de culto (8,9) morte violenta (8,9%), terreiro incendiado (6,1%) e agressão física(6,1), estes são dados gerais de como a violência tem atacado as CTTro em todo o país, existe o risco ainda de essas denúncias e informações serem subnotificadas.

Já no ano de 2024 segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania(MDHC), divulgou que pelo disque 100 foram recepcionadas, 2.472 denúncias de casos de intolerância religiosa. Tendo uma alta de 66,85% em relação ao ano passado. As maiores vítimas são Umbanda(151) e Candomblé (117)

denúncias e dentro dos Estados, São Paulo recebe os Maiores Números de denúncia com (618), Rio de Janeiro (499) Minas Gerais(205), Bahia(175), Rio Grande do Sul (159) e Distrito Federal (100).

O Babalorixá entrevistado número 2(em anexo), dado sua vivencia religiosa com mais de 20 anos de casa aberta na cidade de Bauru, tem a compreensão que cooptam com os dados apresentados e coloca como as agressões estão presentes nos quatro cantos do país

> Quer dizer, hoje em dia não tem mais esse negócio de ser só lá no Rio de Janeiro ou ser só na Bahia; eles estão praticando racismo religioso porque se tratava de um terreiro onde o sacerdote era negro e a grande maioria das pessoas desse batuque eram negros. Não que isso seria diferente se fossem pessoas brancas, tá? Eu vejo o racismo religioso como algo que ocorre quando o culto é referente a tradições negras. Não precisa mais nada pra ver o preconceito. (BABALORIXA 3)

7.2 Aniquilamento Físico

O Brasil é um país composto segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística-IBGE(2022) 92,1 milhões de pessoas (ou 45,3% da população do país) se declararam pardas. Foi a primeira vez, desde 1991, que esse grupo predominou. Outros 88,2 milhões (43,5%) se declararam brancos, 20,6 milhões (10,2%), pretos, 1,7 milhões (0,8%), indígenas e 850,1 mil (0,4%), amarelas.[68]

Este dado nos mostra que grande parte da população brasileira é parda, sendo assim, não branca, e a negação da humanidade da população preta, faz parte de um ato político, herdado e orquestrado pelas bases estruturais racistas da formação do Estado, para Lélia Gonzáles, temos no brasil o racismo por denegação, onde se diz sobre a contribuição do negro para a sociedade brasileira, mas na realidade tenta-se eliminar as reproduções sociais destes, isto posto, antes de adentrarmos no

[68] https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Em%202022%2C%20cerca%20de%2092,0%2C4%25)%2C%20amarelas.

aniquilamento racial religioso repassaremos pelo aniquilamento a população negra brasileira e do estado de São Paulo a qual a pesquisa se insere, logo após o governo Tarcísio e o bolsonarismo, para que se evidencie o crime estatal e como as mortes de pessoas pretas fazem parte de um projeto político, que vem usando das mais variadas tecnologias, para ceifar vidas e consequentemente, invadir o campo religioso como o mesmo intuito, aniquilar, destruir e apagar a religiosidade negro-africana.

Diante a isso, o Babalorixá 3(em anexo), realiza comentários necessários, sobre a aniquilação por parte do governo bolsonaristas e a maneira que este tem dolo diante dos crimes contra patrimônios religiosos e a vida das lideranças religiosas que fora ceifada:

> nós estamos vivendo nos tempos, tenebrosos do Brasil, onde o último governo, legitimou ataques a terreiros, onde nós vemos crianças sendo apedrejadas, onde nós vimos terreiros sendo invadidos, queimados, pessoas de axé, sendo atacadas na rua ou tendo por exemplo direito cerceados, seu direito de quando motoristas de Uber não atendem com esse aplicativo né, não atendem ou se recusam a transportar pessoas por pouco porque estão indo pra casa de axé pro terreiro, ou porque estão trajando seus suas vestimentas. Tudo isso foi legitimado inclusive, aí eu estou fazendo uma denúncia mesmo, a maior autoridade do Brasil, antes desse governo Lula, disse que governaria para os cristãos, isso ele disse numa entrevista, que ele governaria para os cristãos e aqueles que não se adequassem podiam ir embora do Brasil. Essa fala dele enquanto maior autoridade política do Brasil naquele momento, legitimou esses ataques ele é tão culpado quanto aquela pessoa que, ele ajudou a acender a tocha e botou fogo no terreiro. Ele ajudou a erguer a mão do cara que jogou a pedra na cabeça da Kailaine, ele ajudou a matar as iyalorixás.(BABALORIXA 3)

A hierarquização das raças, provindas do racismo científico, é um dos pilares que geram e sustentam a desigualdade no Brasil, embora o ordenamento jurídico brasileiro desde a CF de 1988 e todas as leis que descem e coaduna-se com a carta magna garantam a igualdade e a mais variadas liberdades e preservem a vida, não é o que ocorre.

A máquina estatal oferece um órgão que tem a obrigação legal de garantir a ordem social a proteção das pessoas, que aqui vivem, exercendo de maneira direta o cumprimento dos preceitos constitucionais e efetivando a ordem pública.

O Artigo 144[69] da CF elenca, quais são os integrantes que compõem este braço estatal, deixando claro que a criação e manutenção deste é dever estatal no Caput do Artigo e visa garantir a incolumidade das pessoas, que é a isenção de perigo, de dano e segurança, inclusive a patrimonial, para além da vida.

> Art. 144. A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos:
>
> I - polícia federal;
>
> II - polícia rodoviária federal;
>
> III - polícia ferroviária federal;
>
> IV - polícias civis;
>
> V - polícias militares e corpos de bombeiros militares.
>
> VI - polícias penais federal, estaduais e distrital. (BRASIL,1988)

Fica evidente no artigo supracitado, que quem deve exercer a proteção e salvaguardar o direito patrimonial e a vida das pessoas, a fim de manter a ordem, são as Polícias, nos incisos seguintes elencam a função de cada uma delas, iniciando com a Polícia Federal.

> § 1º A polícia federal, instituída por lei como órgão permanente, organizado e mantido pela União e estruturado em carreira, destina-se a: (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998)
>
> I - apurar infrações penais contra a ordem política e social ou em detrimento de bens, serviços e interesses da União ou de suas entidades autárquicas e empresas públicas, assim como outras infrações cuja prática tenha repercussão interestadual ou internacional e exija repressão uniforme, segundo se dispuser em lei;
>
> II - prevenir e reprimir o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o contrabando e o descaminho, sem prejuízo da ação fazendária e de outros órgãos públicos nas respectivas áreas de competência;
>
> III - exercer as funções de polícia marítima, aeroportuária e de fronteiras; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998)
>
> IV - exercer, com exclusividade, as funções de polícia judiciária da União (BRASIL,1988)

[69] **BRASIL**,Constituição da república Federativa do.1988

Este órgão integrante do órgão maior tem como escopo apuração de infrações contra a união, cuida das empresas e autarquias públicas, que tenham caráter interestadual ou internacional, previne e reprime o tráfico, o contrabando nas áreas de competência e cumula funções de polícia marítima, aeroportuária e de fronteiras, sendo subordinada direta a União Federal.

Seguimos ainda com mais duas polícias mantidas pela União, a Polícia Rodoviária e Ferroviária Federal. Ambas destinadas a patrulhamento ostensivo em suas respectivas células, rodovias e Ferrovias. (ART.144 § 2° e 3° da CF)

Ainda no esmiuçamento os respectivos parágrafos § 4°,5°, 5°A e 6° do artigo 144 da CF, trazem em seu corpo:

> § 4º Às polícias civis, dirigidas por delegados de polícia de carreira, incumbem, ressalvada a competência da União, as funções de polícia judiciária e a apuração de infrações penais, exceto as militares.
>
> § 5º Às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública; aos corpos de bombeiros militares, além das atribuições definidas em lei, incumbe a execução de atividades de defesa civil.
>
> § 5º-A. Às polícias penais, vinculadas ao órgão administrador do sistema penal da unidade federativa a que pertencem, cabe a segurança dos estabelecimentos penais
>
> § 6º As polícias militares e os corpos de bombeiros militares, forças auxiliares e reserva do Exército subordinam-se, juntamente com as polícias civis e as polícias penais estaduais e distrital, aos Governadores dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios. (BRASIL,1988)

A polícia civil tem as funções de polícia judiciária e apuração de infrações penais, auxilia na produção de provas dos processos penais e pode realizar diligências e prisões em flagrante delito. A polícia militar tem um caráter ostensivo e adiantando o artigo 6° são subordinadas juntamente com a polícia civil aos governadores de Estado e Distrito Federal.

Por último e não menos importante o § 5°-A traz a polícia penal, que foi disciplinado pela emenda constitucional 104 de 2019 e que o Advogado Romilson José Vicente[70], conceitua o que é a polícia penal:

> Tem como competência todas as atividades de execução penal, tais como, policiamento das unidades prisionais, policiamento de prisão domiciliar, policiamento de monitoração eletrônica, policiamento de medidas restritivas da lei Maria da Penha, policiamento de quaisquer outras medidas cautelares diversas da prisão, assim como, atividades de inteligência e investigação de crimes que envolvam diretamente ou indiretamente as unidades prisionais. (VICENTE,2021)

Se faz necessário esquadrinhar com o aparato legal a função da segurança pública de acordo com o aparato legal, para que não se reste dúvidas, devido aos dados que trataremos a seguir. É importante notar que a função das polícias no brasil, tem caráter protetivo, organizacional e sua força mater, é garantir a preservação e segurança das pessoas, assim como preceitua a lei. Observamos então a fim de compreender quais são as disposições gerais da Polícia Militar, que é seguida por lei orgânica nacional para que se deem as funções e limites da mesma e que não é de saber da população, visto que estes, não têm tanto acesso ao ordenamento jurídico, embora o mesmo cobre que todos saibam dele.

O Art.3° da lei 14.751/23 traz em seu Caput que a polícia militar e o corpo de bombeiros dos estados, do distrito federal e dos territórios têm princípios básicos a cumprir e que são elencados nos incisos abaixo.

> Art. 3º São princípios básicos a serem observados pelas polícias militares e pelos corpos de bombeiros militares dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios, além de outros previstos na legislação e em regulamentos, no âmbito de suas atribuições constitucionais e legais:
>
> I - hierarquia;
>
> II - disciplina;
>
> III - proteção, promoção e respeito aos direitos humanos, inclusive os decorrentes de compromissos internacionais assumidos pelo Brasil;

[70] **VICENTE**, Romilson José.**POLÍCIA PENAL**: Entenda sua importância e papel na estrutura da segurança pública brasileira.2021.https://asspen.com.br/portal/wp-content/uploads/2021/08/ARTIGO-POLICIA-PENAL.pdf

> IV - legalidade;
>
> V - impessoalidade;
>
> VI - publicidade, com transparência e prestação de contas;
>
> VII - moralidade;
>
> VIII - eficiência;
>
> IX - efetividade;
>
> X - razoabilidade e proporcionalidade;
>
> XI - universalidade na prestação do serviço;
>
> XII - participação e interação comunitária (BRASIL, LEI 14751/2023)

Chamarei atenção aqui para alguns princípios específicos como o Inciso III, que nos da luz, que as funções da Polícia Militar é **proteção** e **promoção aos direitos humanos**, incluindo assim as convenções que o Brasil for signatário, e por direitos humanos se entende pela Dignidade, Liberdade e Direitos iguais Inalienáveis, ou seja, não pode ser transferido, vendido ou repassado a outrem, todavia, todos têm acesso a esses direitos, independentemente de raça, cor, etnia, religião, opinião política(Declaração universal de direitos humanos,1948), devido a isto é parte da função da polícia militar garantir que que a liberdade e dignidade estejam sendo asseguradas, entrando assim no que a união irá dizer que e incolumidade pública, garantindo a segurança de direitos e vislumbrando assim outro conceito de direitos humanos, de maneira taxativa segundo o Ministro Alexandre de Moraes é “o conjunto institucionalizado de direitos e garantias do ser humano que tem por finalidade básica o respeito a sua dignidade, por meio de sua proteção contra o arbítrio do poder estatal, e o estabelecimento de condições mínimas de vida e desenvolvimento da personalidade humana”[71] Outro fator importante a ser analisado é o inciso X, que fala sobre a razoabilidade e proporcionalidade estes são princípios limitadores das atuações da segurança pública, logo estabelece que é importante que a polícia se atenha a exatamente o que precisa ser feito, usando das proporções necessárias e razoáveis para impedir que o ato contra a vida, a segurança ou patrimônio não aconteça, obrigando assim que ocorra o menos de dano possível às vítimas, autores, agente e população.

[71] Moraes, Alexandre. Direitos Humanos Fundamentais. 6ª ed., São Paulo: Atlas, 2005. p. 21.

Em novembro de 2023, o Centro de Estudos em Cidadania(CESESC), disponibilizou um estudo referente a mortalidade jovens negros , com o título, Pele alvo, a bala não erra o negro[72],este estudo considera os indicadores de violência e desigualdades em alguns estados brasileiros e revela dados oferecidos a partir do princípio da publicidade, que fora negligenciado por alguns estados também, para que se contabilize e compreenda, de onde vem parte da brutalidade realizada sobre corpos negros e periféricos, e não alarmante a polícia é quem atinge o alvo que as pessoas de cor carregam nas costas. Estes dados são coletados por meio das secretarias de segurança pública estaduais, sendo eles. BA, CE, MA, PA, PE, PI, RJ e SP, totalizando um registro enviado por algumas dessas secretarias de 4.219 mortes no ano de 2022.

Tabela:

[72] Pele Alvo a bala não erra o negro.https://ponte.org/wp-content/uploads/2023/11/boletim-pele-alvo.pdf

Número de mortes decorrentes de intervenção do Estado por raça ou cor - estados monitorados pela Rede de Observatórios - 2022 (números absolutos)

PELE ALVO

Número de mortes decorrentes de intervenção do Estado por raça ou cor - estados monitorados pela Rede de Observatórios - 2022 (números absolutos)[1]

RAÇA OU COR	BA	CE	MA**	PA	PE	PI	RJ	SP
BRANCA	58	9	0	13	8	4	155	148
NEGRA*	**1.121**	**37**	**0**	**200**	**78**	**30**	**1.042**	**262**
PARDA	906	35	0	178	71	26	701	214
PRETA	215	2	0	22	7	4	341	48
NI	282	106	92	418	4	5	132	9
OUTROS	4	0	0	0	1	0	1	0
TOTAL	**1.465**	**152**	**92**	**631**	**91**	**39**	**1.330**	**419**

Fonte: Elaboração: Rede de Observatórios com base nas informações das secretarias estaduais de segurança pública

*Somatório de pretos e pardos conforme o critério estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
**O estado não forneceu dados discriminados por cor ou raça
NI refere-se a não identificados

[1]Para fim de padronização, optamos pelo uso do título criminal "mortes decorrentes de intervenção do Estado".

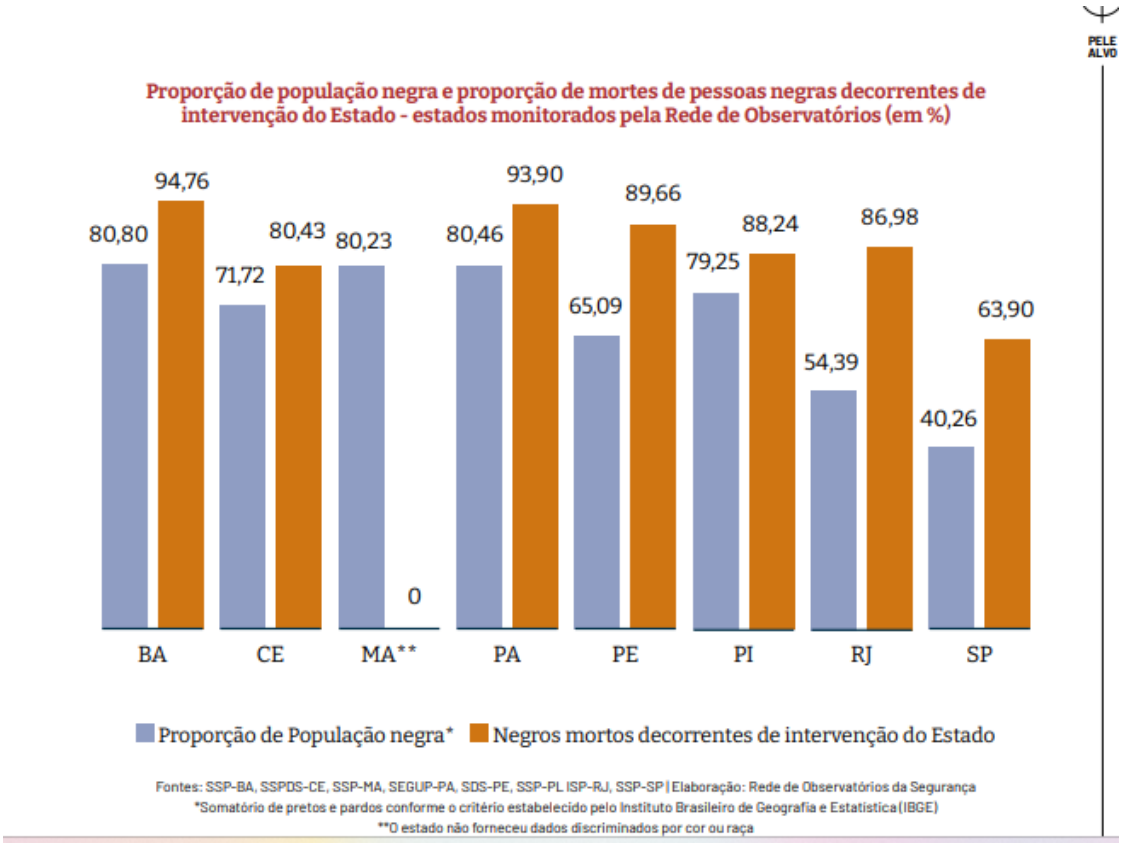
Fonte: Elaboração: Rede de Observatórios com base nas informações das secretarias estaduais de segurança públicas

Nota-se de maneira evidente, que o estado do Maranhão, não quis passar todos os dados, ferindo assim princípios constitucionais da administração pública, evidenciando a negligência e insubordinação mediante a legalidade do país, ficando claro o descaso público em levantar dados, que são de suma importância para a segurança pública e proteção das pessoas. Bahia e Rio de Janeiro disparam na frente, quando tem mais de mil vítimas da violência policial se tratando de pessoas negras. Os números se tratando de negros, pretos ou pardos são alarmantes. Os dados são de 2022 recém saídos de uma pandemia, mas ainda assim, com um governo brutal e bolsonaristas.

O CESESC, continua apontando um novo dado:

Tabela:

Proporção de população negra e proporção de mortes de pessoas negras decorrentes de intervenção do Estado - estados monitorados pela Rede de Observatórios (em %)



Fonte: Elaboração: Rede de Observatórios com base nas informações das secretarias estaduais de segurança públicas

Vê-se de longe partir do gráfico acima, que os negros são as maiores vítimas, da intervenção estatal (morte pela polícia) e nota-se também que a proporção entre a população negra e as mortes com exceção do maranhão que ataca a democracia e viola prerrogativas é sempre maior, isto é, o número de mortes passa o número de

pessoas do Estado. Seguindo a pesquisa, a fonte do IBGE, negros e pardos se aglutinam no mesmo grupo.

De acordo com o Atlas da violência em 2024 em 2022 a vitimização de pessoas negras, sendo elas pretos e pardos, foi correspondente a 76,5% do total de homicídios registrado no país, totalizando 35.531 vítimas, no brasil a taxa de mortes negras a cada 100 mil habitantes é de 29.7%

Fazendo um recorte maior, iremos analisar o estado de São Paulo e onde a presente pesquisa se encontra, tem-se, segundo os dados da CESESC, uma redução da letalidade da polícia, todavia esta não se aplica aos jovens negros que são 53,94% dos mortos entre 18 e 29 anos, sendo perverso os efeitos do racismo e como age dominando e matando os corpos negros. A cada 23 horas morre um jovem negro no Estado. A letalidade do governo Tarcísio no estado de São Paulo é um fator gritante no ano de 2024, a violência policial subiu para 71% e somente no primeiro trimestre de 2024 foram 344 mortes decorrentes de intervenção policial (Rosa,2024)[73],a secretaria de segurança pública alega que é uma resposta a violência praticada contra os policiais e que os mesmos estão reagindo, referente ao segundo trimestre o aumento foi de 71% para 83%, dois a cada 3 mortos são negros (Ramos,2024)[74].Segundo o instituto sou da paz,441 pessoas foram mortas e deste total 28 eram negras(pretas e pardas), um aumento expressivo em relação ao ano anterior

Os policiais são profissionais que receberem treinamento para reagir a este tipo de situações e estão sob amparo legal, devendo estes serem executores da lei e garantir a ordem e a incolumidade pública, assim como se preceitua o ordenamento jurídico brasileiro, os dados deixam claro o desrespeito para com a CF e a lei que os ordena 14.751/23, não cumprindo assim os princípios da razoabilidade e proporcionalidade

[73] ROSA, Rowena.Agência Brasil. https://pt.org.br/a-face-do-bolsonarismo-mortes-pela-pm-de-sp-disparam-71-no-governo-tarcisio/#:~:text=Letalidade%20da%20Pol%C3%ADcia%20Militar%20do,no%20mesmo%20per%C3%ADodo%20de%202023

[74] RAMOS,Giovanne.Alma Preta Jornalismo.

https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/mortes-de-negros-pela-policia-de-sao-paulo-sobem-83-em-8-meses-revela-levantamento/

nas ações policiais e nos enfrentamentos ao crime, estes estão aniquilando e massacrando a população que deveriam seguir, fica evidenciado também o descumprimento do inciso três do parágrafo terceiro da lei 14.751, que a proteção e promoção e respeito aos direitos humanos.

Consagra-se o aniquilamento de maneira evidente quando o maior alvo da polícia, em todo o país, pessoas negras, aqueles que estão para proteger, agem contra o Estado e suas premissas e desejam matar, não só desejam como realizam, ceifando vidas jovens que poderiam ter lindas trajetórias pela frente. Garantido assim por parte do Governo, que sua estratégia política de dominação esteja em vigor e demonstre força e poder, assim como fizeram outrora os senhores de engenho, com as correntes e chibatas, realiza o governo, como armas, escudos e bombas de efeito moral e rasga a Constituição brasileira, quando entra em desacordo com a lei e seus princípios legais, que é o que dão o tom da ordem e do bom funcionamento estatal, estes, algozes infelizes é quem estão contra a democracia brasileira.

7.3 A Falta de Dados No Território

Bauru, é a cidade a qual a pesquisa se encontra, e os dados referentes a isso, não são os mais favoráveis, visto que o último censo demográfico se tratando de religião na cidade aconteceu em 2010, o censo de 2022 não tratou da religião dos entrevistados, consequentemente, tantos anos depois, nos denota uma desatualização de dados, já que nesses anos todos que passaram houve expansão e diversificação, política, cultural, econômica e religiosa na cidade.

Segundo o IBGE(2010) Bauru, tem 775 pessoas que se auto declaram umbandistas e 105 de Candomblé e 880 como Umbanda e Candomblé.

Tem se na cidade de Bauru, uma dificuldade extensa em se coletar dados jornalísticos, jurídicos, acadêmicos, já que os meios de pesquisa usado, como Google, Google académico, jornais online e impressos não relatam de maneira contundente o que ocorre, quantos terreiros existem na cidade, se essas pessoas sofrem intolerância, o censo, que não ocorreu no ano de 2022, se tratando das religiões prejudica na produção de dados, que não seja de maneira oral, aos moldes do que a academia espera, já que nenhuma outra forma de resgatar tradições e identificar

essas denúncias é bem vista, pois não sai de uma base de dados direta ou de algum corpo formal com nome e caráter científico.

A falta de dados em se tratando do campo afro-religioso em uma cidade como Bauru, impacta em pontos que considero cruciais, o primeiro deles é visibilidade e reconhecimento das tradições afro-brasileiras, sem esses dados as religiões de matriz africana, se tornam invisíveis diante do poder público e retrocedem em um processo inclusive cultural, as quais estas lutaram tanto na década de 70 para garantir o Candomblé como símbolo cultural nacional e reverbera isso nas pesquisas acadêmicas(Morais,2013), com a invisibilidade, não consegue-se criar políticas públicas ou ações afirmativas , que vão de encontro a demanda desses grupos, já que estes não sabem quem são, onde estão e como vivem, pois não são vistos e nem lembrados, e essas ações afirmativas visam oferecer aos grupos discriminados e excluídos um tratamento diferenciado para compensar as desvantagens devidas à situação de racismo(Munanga,2001), as Ações políticas provinda de atos como ações afirmativas e políticas públicas, são para a destruição de estruturas que aniquilam pessoas, como preceitua, O professor Juarez Xavier:

> Nesses anos, o objetivo das ações políticas do movimento social de negros é a destruições das estruturas que reproduzem, nas dimensões objetivas (destruições de corpos não brancos e normatizáveis) e subjetivas (destruição das áreas e espaços de rearticulação das subjetividades negras), e promovem genocídio, etnocídio e Epistemicidio da população preta e parda, em escala industrial(XAVIER,2019)[75]

A importância dessas políticas se dá no âmbito da preservação e valorização de vidas, é importante preservar o conhecimento dessas tradições e de sua população que são marcos de resistência ao país.

Outro aspecto importante da falta de dados no território, são estudos incompletos, essa ausência de dados específicos, nos gera uma incompletude em abranger de maneira significativa as tradições, Amarrado a isto, tem-se também o acesso à justiça

[75] XAVIER,Juarez Tadeu de Paula. Psicologia social: Análises críticas sobre interditadas e práticas resistentes.Volume IV,2019.

e a não judicialização de processos, já que a falta de dados e documentos dos casos de discriminação dificultam o acesso à justiça e embasamento teórico jurídico para realizar ações civis ou penais. Em uma busca no Site do Tribunal de Justiça, no Jus Brasil e outros veículos, procurando pelas palavras “ Terreiro”, “Templo”, “Umbanda”, “Candomblé”, “Religião de Matriz Africana”, “Ilê ase” não se encontram processos relacionados ao tema, não existe de acordo com estes sites, nenhum ingresso de ação por meio de templo religioso por exemplo de atos de intolerância/racismo religioso no Território, Muito embora é um dado que veremos a seguir, os processos podem estar no nome do sacerdote ou sacerdotisa, dirigente espiritual, Babalorixá ou Iyalorixá da casa, enquanto pessoa física e não pessoa jurídica já que a lei 10.825/03 estabelece que as organizações religiosas e os partidos políticos são pessoas jurídicas de direito privado.

Diante da contrariedade de dados, realizei um formulário online (em anexo), pelo Google no mês de janeiro do ano de 2025, com o objetivo de visualizar se os terreiros da cidade possuíam registro no Cadastro nacional de pessoa Jurídica (CNPJ), todavia em respeito a essas comunidades os nomes não serão revelados, somente os números. 20 CTTro responderam à pesquisa, dentre elas 13 se declaram de Umbanda, Candomblé (4); Quimbanda (2) e Culto Tradicional Ioruba (1). Uma delas apenas possui CNPJ, que é possível consultar e não está inserida em nenhum dos quesitos legais para ser considerado organização, comunidade ou associação religiosa.

Assim como as pessoas físicas estão regulamentadas pelo Cadastro Nacional de Pessoas Físicas(CPF), as instituições religiosas também deveriam se inserir no CNPJ, para que se crie a personalidade jurídica e estas existam aos olhos da lei, todavia de acordo com o formulário, muitas dessas casas, consideram a situação embaraçosa devido a burocracia existente para retirada deste documento, fora os altos valores das taxas e documentações.

Segundo o levantamento feito com os Babalorixás entrevistados(em anexo), quando pergunto a eles se já sofreram caso de intolerância/racismo religioso, estes relatam, que sim, todavia não há denúncia, devido à dificuldade em constituir provas para a

realização do processo e o boletim e também pelo fato de a polícia muitas vezes não chegar, devido ser uma denúncia religiosa, partindo do terreiro, todavia se fosse o contrário, estes prontamente atenderiam o chamado e vizinhos ou qualquer outra denúncia do tipo, que não fosse o terreiro ou líder religioso.

7.4 Encarceramento negro no brasil

Segundo o anuário brasileiro de Segurança Pública(2023), dos mais de 850 mil presos 70% são negros, desde do início da pesquisa em 2005 os números foram diferentes, a maior população carcerária do Brasil, é negra, e isto denota, que o crime no país, tem cor.

Somos a terceira maior população carcerária do mundo, este movimento é parte de um conceito hegemônico e cicatriz aberta de um país escravista, que já fez projeto político, para que a população negra fosse dizimada em 100 anos. Esse lugar que ao mesmo tempo reitera a supremacia branca, alimenta um lugar subalterno do negro, onde este carece de vigilância e adestramento, outrora como escravizado, e por sua vez ainda fadado ao lugar do suspeito, criminoso, ou mesmo da morte(Carvalho,2018)[76], no Brasil a política de guerra às drogas dos Estados Unidos, tem um grande impacto e se torna parte dos projetos políticos, a tolerância zero a drogas no país. A vigência da lei 11.343/06 a lei antidrogas, cria um aumento do número de indivíduos presos em razão de infrações relacionadas ao tráfico de substâncias entorpecentes, em especial, pessoas pobres e negras. (FEITOSA e LEITE,2021), com isto, a guerra não se torna as drogas nem em terras estadunidenses, muito menos nas favelas brasileiras, a guerra se torna aniquilamento da população negra.

A atuação policial, com critérios muito bem definidos de onde as batidas policiais e prisões ocorreram, cooptam para o entendimento, de que quanto menor o status social e mais cor possuir, a cela dos presídios o aguardava. Houve a nítida divisão entre

[76] **DE CARVALHO**, LUIZA SOUSA. "O encarceramento em massa da população negra, agenciado pelo estado brasileiro, como um mecanismo do genocídio anti-negro." *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social* 1.1 (2018).

brancos e não brancos, sendo estes marginalizados, sob a vigilância constante de autoridades. A ideologia racial da superioridade branca obteve, inclusive, um selo de "cientificidade" (FEITOSA e LEITE,2021).

> É precisamente nesse contexto de dissolução da ordem escravocrata e reinvenção do controle social e, especialmente, de repressão da população não-branca que a Criminologia positivista aportará no Brasil. Partindo de uma abordagem sugerida é também utilizada por Duarte (2017), e com o intuito de demonstrar o paradoxo entre uma produção científica que desvelava e defendia expressamente a falsidade do projeto modernizador do controle social do desvio e outra, de proposição pretensamente sociológica, mais elegante e aprazível aos ouvidos da elite brasileira(VIANA,2019)77

A ideia desde os tempos escravistas é controlar pessoas e suas liberdades, com o advento da liberdade dos negros, estes criam mecanismos muitos sofisticados e com embasamento legal, para atingir a população marginalizada do país e reconstituir com nova roupagem o poderio de senhor e escravo. A lei brasileira se torna o chicote, o senhor e o capitão do mato nas mãos certas, para corrigir, açoitar, prender e matar negros. A raça no presente caso se torna critério máximo para perseguição policial e encarceramento e por isso os dados referentes a quantidade de pessoas negras presas no Brasil são tão alarmantes.

O Brasil, tem uma estrutura já em sua fundação racista, as quais suas organizações também se tornam, não se trata aqui de um caso isolado ou individual, estamos tratado de instituições e mecanismos que fortalecem diariamente a prisão de jovens negros, que não tiveram e não terão oportunidades de uma vida melhor. (Viana,2019). O racismo é o núcleo fundante das guerras as drogas no prisão, que não deveria levar este título, a guerra na realidade é aos negros.

> Abordar a GD enquanto forma contemporânea do proibicionismo e, nisso, como mecanismo de barragem ao negro em nosso país, é remeter à sua estrutura racista engendrada desde o escravismo, que produz uma ideologia

[77] Viana, Gilmar Araújo. "A conspiração do silêncio: raça e encarceramento negro no Brasil." (2019).

> justificatória – e é conformada, dialeticamente, por ela (COSTA e MENDES,2022)78

As drogas se tornam uma arma ideológica do racismo, onde este irá imperar no imaginário social e conceituará de alguma forma, que os ilícitos são um câncer e tratará um tom de que a saúde pública deve ser preservada. De acordo com Nathalia Oliveira e Eduardo Ribeiro:

> Não é a guerra às drogas que inventa o racismo no Brasil, no entanto, sua ideologia organiza ações estatais de grande impacto com um amplo consentimento social que permite que as vidas negras sigam valendo tão pouco (Oliveira & Ribeiro, 2018: 39).

Ocorre, que é preciso, realizar a Necropolitica (Mbembé) de alguma forma, é a população negra dentro de uma estrutura muito bem organizada, para morrer, já que não valiam nada antes de abolição da escravatura em 1888, agora menos ainda, mas é preciso repaginar a imagem e não infringir as leis diretamente, então o jovem negro favelado, se torna o traficante, que é o causador de impactos severos na saúde dos brasileiros usuários de drogas, e deve ser abatido a todo custo. A primeira forma de barragem ao negro é sua morte, ou pelo braço repressivo do Estado ou terceirizada por ele, no bojo da disputas entre facções (Costa e Mendes,2022), é interessante notar, que o não agir do Estado Contra as facções criminosas, é também um agir, para que outrem realize o serviço sujo e sobre este não recaia a culpa.

E por que digo isto, no Direito, existe um princípio que chama-se, responsabilidade subjetiva do Estado, que é quando este deveria agir, mas não o faz, podendo ser omisso ou quando os atos são causados por terceiros(TJDFT)[79]Por consequência

---

[78] COSTA, Pedro Henrique Antunes da; MENDES, Kíssila Teixeira. “Negro: de bom escravo a traficante”. Contribuições de Clóvis Moura à crítica da Guerra às Drogas no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 37, n. 2, p. 511-530, 2022.

[79] **Responsabilidade objetiva e subjetiva do Estado:**

disto, se há uma guerra dentro das favelas (entre facções), onde seu povo morre e o Estado não se movimenta para que este extermínio cesse, este deve ser responsabilizado. Existindo também outras formas muito sutis de realizar o projeto de aniquilamento estatal, os negros são jogados a mercê da falta de trabalho e por conseguinte, se aliam as barreiras do tráfico para trazer sustento e melhorar a vida de suas famílias, a sedução é quase que inevitável, forja-se uma condição segregadora de marginalização (Costa e Mendes,2022). Cria-se as condições necessárias, para que estes negros, sejam refém de um sistema, que irá os encarcerar, com toda a legalidade possível.

8 DISPOSITIVOS DE PERSUASÃO-NEGAÇÃO DO DIREITO

https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/responsabilidade-objetiva-e-subjetiva-do-estado

8.1 Criminalização- pela Mídia-

Nos últimos 10 anos, tem se proliferação das mídias sociais, e estes são veículos de grande uso pelas pessoas no Brasil e no Mundo, facilitando a comunicação entre os pares e também disseminando o discurso de ódio entre as pessoas, desvelando o véu que a intolerância e o racismo estavam encobertos, já que muitos acreditam que a internet e as mídias sociais, são terras sem lei.

As informações nesses ambientes, ganham ecos ainda maiores com acentuada velocidade de propagação na intolerância e no radicalismo ampliado pelo anonimato dos perfis (LOSS, SANTOS, BATISTA e NETTO,2023).

Existe uma pesquisa realizada pelo Eixo Benguela[80] juntamente com Ogilvy, que mapeou as mídias sociais do ano de 2016 a 2022, e os reflexos da intolerância religiosa nas redes sociais, E fora constatada que a população que mais realizava boletins de ocorrências no 2° semestre de 2020, são as religiões de matriz africana, Umbanda e Candomblé, sendo negros entre pretos e pardos os que mais denunciam casos de intolerância religiosa: Parda (42,30%); Preta(20,10%) somando um total de 62% na denúncia. O estudo revelou como nas redes sociais as religiões de matriz africanas são tratadas e como os agentes(perfis), se referiam a elas. As expressões mais populares nas redes sociais de acordo com esses anos de 2016 a 2022, relacionadas às religiões de matriz africana foram as Ofensas: “Volta pro Mar Oferenda”(34.164) “Chuta que é Macumba”(53.742); “Macumba”(8.544.539) e “Macumbeiro”(1.321.128); Logo após estas temos as expressões de Ódio entre exu e o Demônio (31.482) e a Comparação entre Religiões de Matriz Africana e o Satanismo (9.412) e Por fim as menções a invasão, agressão e ameaça a Mães, Pais de santo e Terreiros (47.843).

Não Muito distante disso Mãe Gilda de Ogum, do Terreiro Abassá de ogum, na Bahia, teve sua imagem enquadrada em uma manchete do jornal da IURD TV, com os dizeres “macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes” a imagem estampada seguia com a Iyalorixá com suas insígnias religiosas e uma oferenda aos

[80] https://marcaspelomundo.com.br/wp-content/uploads/2022/01/21_01_combate_a_intolerancia_racial_Eixo_Benguela_VF.pdf

seus pés, com mais de 1.3 milhões de exemplares distribuídos de forma gratuita no Brasil.[81]Estes atos criminosos, resultaram em seu falecimento.

A criminalização-midiática sofrida pela população negra e de terreiro, não é atual, os as mídias apresentam os fenômenos de violência de forma isolada, desconsiderando a profundidade do tema(Azevedo e Fernandes, 2015), tal fato acontece de maneira subjetiva muitas vezes e podem vir travestidos em tom de denúncias, todavia, de fato, não é o que ocorre, acontece uma dramatização de crimes e violências que irá garantir audiência, acessos, *likes*, compartilhamento, mas ainda sim a realidade continuará a mesma.

> Com isso, forma-se uma opinião pública capaz de ecoar o discurso dos segmentos mais conservadores da sociedade, que esperam do Estado, tanto na sua dimensão administrativa quanto na legislativa, um conjunto de ações que acarretam a redução do Estado Social e o aumento do Estado Polícia, penal e penitenciário (MUÑOZ CONDE 2005, apud AZEVEDO E FERNANDES,2015)

A ideia que se cria no imaginário social, é de que o Estado deve usar suas leis, suas polícias e seus presídios para combater os criminosos, todavia, vale ressaltar como já fora dito nesta pesquisa anteriormente, os criminosos as quais são incriminados possuem e uma cor e estes não são de fato a erva daninha a qual os agentes públicos(Estado) deveriam coibir. As mídias e as redes sociais se tornam, um meio de formar a opinião pública e influenciar, muito por isso exista na atualidade, pessoas que são consideradas *influencers,* estes têm a capacidade de vender produtos, representar marcas e multiplicar através de suas redes, uma ideologia.

> A pressão psicológica realizada pela mídia atinge, primeiramente o telespectador, que sente a insegurança e a impunidade devido a distorção apresentada. Como consequência o cidadão é tomado pela necessidade de vingança e maior punibilidade por parte do Estado. Por outro lado, o Estado, ao ser pressionado pela sociedade passa a buscar soluções através da promulgação de leis, ou prisões em grande escala, apenas para acatar o pedido da população(**PRADO**,2021)

[81] https://www.cidadesc.com.br/_o_caso_de_mae_gilda_e_a_intolerancia_religiosa_no_brasil.628823

A ideia, que Paula Borges(2021)[82] nos traz é que o suspeito, seja julgado pela mídia e todo seus sensacionalismo seletivo antes mesmo de passar por todos os trâmites processuais, e aqui novamente, encontra-se um coeficiente racial. A grande mídia é hegemônica e isso ocorre como um meio de dominação e poder, compreender esse mecanismo é fundamental para romper com essas reproduções e a intenção destas em alienar seus consumidores e a ideia destes é exatamente criar uma única visão sobre o todo e enquadrar pessoas dentro daquilo que querem que pensem, invalidando novamente o Ser, que habita em outros corpos não hegemônicos.

> Para as classes dominantes é interessante o aumento proposital da obscuridade na propagação das informações, pois é vantajoso que o cidadão se sinta tanto mais informado quanto menos puder raciocinar, assim, convencido de que as decisões políticas estão com especialistas, dos quais podemos acreditar e confiar, que lidam com os problemas que se apresentam de forma incompreensível para os leigos. (JUNIOR,2023)83

Existe aqui uma banalização dos fatos em decorrência da realidade, não se trata de informar de fato e sim de convencer alguém de algo e mostrar a estes que veem, que não são detentores suficientes de qualquer saber para administrar a informação.

Milena Midzuno e Stephanie Aparício (2021)[84], trazem contribuições importantes acerca da criminalização da juventude negra e periférica, e como a mídia em seus noticiários de jornais, coloca o negro e periférico de forma estereotipada, mostrando o olhar raso, que tem como alicerce o racismo estrutural, fora desse contexto, a população negro e periférica não existe. Neste sentido diz Midzuno e Aparício:

---

[82] PRADO, Paula Borges de Paula. Seletividade Penal e a influência da mídia no processo de criminalização dos indivíduos. 2021.

[83] DE SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos. MÍDIA E CRIMINALIZAÇÃO DOS POBRES. **Revista Serviço Social em Perspectiva**, v. 7, n. 2, p. 148-168, 2023.

[84] MIDZUNO, MILENA MAYUMI SANCHES; APARICIO, STEPHANIE MERCEDES MEIRELES. MÍDIA E CONTROLE SOCIAL: UM RETRATO DA CRIMINALIZA-ÇÃO DA JUVENTUDE NEGRA E PERIFÉRICA NO INTERIOR DE UM JORNALISMO CORROMPIDO ATUANTE COMO ATOR POLÍTICO. **CRIMINOLOGIAS E POLÍTICAS CRIMINAIS**, p. 166, 2021.

> As notícias veiculadas nas mídias de massa adquirem papel central no processo de midiatização social. Não raramente indivíduos negros e, em sua maioria, pobres são taxados sob a alcunha de “traficantes”, “bandidos” ou “assaltantes”, extirpando quaisquer outros traços de suas identidades e preenchendo seus corpos com o discurso do indivíduo marginalizado. O processo discriminatório de marginalização torna-se evidente quando se percebe que indivíduos de pele branca e classe média, ao cometerem os mesmos crimes – não raramente com agravantes – são referenciados por sua profissão, isto é, antes de “traficante” ou “assaltante”, por exemplo, o sujeito de pele branca é “estudante” ou “empresário”(MIDZUNO e APARICIO,2021)

A forma como se coloca o negro na mídia, já é o criminalizando, raras são as vezes que se vê um negro no lugar de intelectual, exercendo algum tipo, de informação relevante, e como este é um fato que ocorre diariamente, fica muito fácil, incutir dentro da realidade das pessoas, que pessoas negras marginalizadas estão ligadas a criminalidade, e da mesma forma ocorre com os religiosos, que só aparecem em reportagens no dia lavagem do Bomfim na Bahia ou no dia dois de fevereiro com os festejos de iemanjá a data que estes tem um momento de mídia, é ligado a festas populares que ocorrem no país. As violências sofridas por esses não tem um engajamento necessário para as mídias hegemônicas, existe aqui um conceito midiático de se chamar atenção para “manchetes” ou nomes que produzam uma manipulação instantânea do que aquele que consome irá ver. é preciso vender o título.

Neste diapasão segue Midzuno e Aparício:

> Nesse contexto, a manipulação midiática trata-se de dominação pela informação mercantilizada, requerendo, assim, meios de manter o ciclo de visibilidade da comunicação de massa. Nesse ínterim, a mídia sobrevive por meio de sensacionalismos, manipulações de opinião por meio da dramatização e teatralização de fatos. O sensacionalismo oferece às mídias toda a estrutura de um espetáculo para a elaboração e veiculação de notícias: onde há um cenário, diretores e principalmente, protagonistas (MIDZUNO e APARICIO,2021)

Salvo as mídias radicais, as hegemônicas colocaram o negro e todo seu aparato cultural no lugar subserviente e como já fora elencado, caso não seja uma questão

midiática(trafico, bandidos, charlatões), negros e negras nem lembrados pela mídia serão, visto que é esta é parte da ideia a qual o Estado corrobora, que não se lembrem de sua população marginalizada e caso seja que estes estejam sendo presos ou mortos para mostrar a força de dominação(poder) estatal.

8.2 Criminalização pelo Sistema Educacional-Necro Educação

Existe um imbricamento racial, onde todos os tentáculos do racismo de alguma forma se ligam e se retroalimentam uns dos outros, a política estatal desenvolvidas pelo Necro Estado capitalista, supremacista branco(HOOKS,1992), para que negros e negras no seu ambiente escolar, não sobrevivam e caso o estejam inseridos na ideal neoliberal, de que o mundo só gira em torno do dinheiro e trabalho, retornar-se ao período de escravidão, já que o dinheiro a nós não é deixado, sobra o exaustivo caminho do trabalho.

As violências que atingem corpos acêntricos, como o racismo, sexismo e capacitismo, fazem-se presentes e são ampliadas sob roupagens educacionais causam a expulsão ao invés do acolhimento(LOPES,2023), no Brasil negros e negras outrora não tiveram se quer direito a frequentar ensino formal, isto não deve causar espanto, já que em 1824 a Constituição em seu artigo 6, item 1 não considerava pessoas escravizadas como cidadãos nem seus descendentes. No mesmo tocante, já que a constituição não os consideravam cidadão os decretos e leis, proibiam escravizados e os pretos africanos, ainda que fossem livres ou libertos de frequentar as escolas públicas. (TRDF5)[85].

Ao longo dos anos foram surgindo, outras leis, que permitiam, que estes filhos de pessoas escravizadas, tivessem acesso à educação, todavia o Estado e os senhores

[85] https://www.trf5.jus.br/index.php/noticias/leitura-de-noticias?/id=325255#:~:text=Leis%20estaduais%20tamb%C3%A9m%20refor%C3%A7aram%20proibi%C3%A7%C3%A3o,frequentar%20as%20escolas%20p%C3%BAblicas%20(Art.

de escravos notam nestes descendentes de pessoas escravizadas uma nova possibilidade, Tal conjuntura alavancou o trabalho escravo infantil, uma vez que os senhores de engenho viram nas crianças a possibilidade de diminuir a escassez da mão-de-obra que estava crescente no período (FONSECA, 2001; SCHWARCZ, 2018 apud LOPES,2023). Estes imbuídos de seu poderio de dominação em momento algum desejariam, que estas pessoas escravizadas, pudessem ter a possibilidade de aprender, a prática de leitura e de escrita, como se observa era considerada perigosa e ameaçadora, não sendo permitida sua difusão entre os escravos(FONSECA,2001).

Este breve panorama histórico, dá a ideia que precisamos, para poder compreender que as desigualdade sociais presentes no Brasil, não surgem da cartola de uma magico qualquer, existiu e existe aqui um mecanismo sofisticado racial perverso, a exclusão social, configura-se, pelas condições precárias fornecidas a um indivíduo ou população para usufruir as possibilidades que a sociedade capitalista de cunho neoliberal oferece (COSTA, MARTINS, SILVA,2020)[86].

Fazendo assim com que as diferenças sempre estejam estabelecidas, já que o Estado Capitalista e neoliberal, é preocupado com o que dá lucro e partindo das concepções racistas, os negros dão lucro trabalhando, conseguindo desta maneira, não permitir que estes tenham acesso a direitos básicos: saúde, lazer, moradia.

> Os baixos índices socioeconômicos que retratam as condições da maioria da população negra, desde o período pós-abolição, é um fenômeno social que atesta o grau de exploração e exclusão reinante na sociedade brasileira. Sejam nos relatos históricos ou nos mais diversos levantamentos, constata-se o quanto a população negra vem sofrendo em termos de escolaridade, mortalidade infantil, violência urbana, local de moradia, saneamento básico, mercado de trabalho, concentração de renda e outros aspectos reveladores da cidadania de um povo. (Souza, 2013/2014, p. 6 apud COSTA; MARTINS; SILVA 2020)

Essa negação de Direitos é o que vai colocar pessoas a margem, sobretudo aqueles que herdaram as agruras da escravidão, quando se tem uma educação voltada para

[86] COSTA, Aline Pereira da; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; SILVA, Heloise da Costa. Necroeducação: reflexões sobre a morte do negro no sistema educacional brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, p. e250043, 2020.

logica estatal, destrói a cidadania das pessoas, e quem mais vai sofrer com essa destruição, são os grupos oprimidos e vulneráveis.

De acordo com o IBGE, em 2023, das 9 milhões de pessoas que não completaram o ensino medio,71,6% eram pretas e pardas, os não negros eram de 27,4%, segundo o levantamento o fator principal para o abandono é a necessidade de trabalhar.

A criminalização destas crianças e depois jovens-adultos se dá pela falta de acesso, incentivo à educação e dificuldades econômicas. O Observatório das Favelas realizou uma pesquisa com início em 2004 entrevistando 230 jovens ligados ao tráfico de drogas em 34 favelas cariocas. Os resultados foram que 935 abandonaram a escola entre 11 e 14 anos, para além do ingresso na rede, também já passaram a realizar o consumo de drogas nesta mesma idade.

Segundo os entrevistados, os motivos que os levam para ingressar no tráfico, são a motivação econômica para poder ajudar a suas famílias.

> Entre os aspectos apontados pelos entrevistados como atrativos que os levaram a ingressar no tráfico, a motivação econômica, associada às dificuldades financeiras da família e a falta de acesso ao mercado de trabalho, aparecem como os principais argumentos. Também merecem destaque elementos de ordem subjetiva como a “adrenalina”, a “sensação de poder” e o “prestígio”, citados por vários adolescentes como motivadores para o ingresso e, posteriormente, para a sua permanência no tráfico (ROTAS DE FUGA)

31,7% de acordo com a pesquisa realizada, apontaram que usavam o dinheiro para ajudar suas famílias e a motivação que os mantém neste caminho por vezes é a mesma. O Estado tem papel fundamental nessas narrativas, a ideia destes retirando dos jovens a educação é de fato jogá-los na criminalidade, existe aqui uma máquina com diversas engrenagens que se ligam, como a falta de dinheiro, incapacidade de conseguir um emprego, e consequentemente sem as formações básicas da educação aumentando ainda mais a dificuldade em ser bem visto por qualquer tipo de empresa, a fome, a falta de moradia digna e tantas outras barreiras, que conduzem esses

jovens, ao que o social chamará de “ caminho mais fácil”, não é mais fácil, é como canalizar um rio e leva-lo a outro lugar.

> O que notamos é uma educação para a morte. Como visto nos dados anteriormente apontados neste estudo, o negro é quem possui menor acesso à educação formal, e, quando esse acesso é possibilitado, ele ocorre de forma precária, ou seja, com atendimento não satisfatório, seja pela falta de infraestrutura adequada das instituições, pela ausência de meios que possibilitem melhor aprendizagem, como remuneração de professores e funcionários, ou pela inexistência ou existência insuficientes de escolas em áreas marginalizadas, entre outras.(COSTA,MARTINS E SILVA,2020)

Criminalizando o negro, é trazer a vida dele e de suas famílias, a subcidania, o apartheid e o não Ser, é permitir que só reste um caminho a ser percorrido e quando, um ou dois conseguirem, com muita luta sair desse caminho, poder socialmente apontar que estes tiverem escolhas, vale salientar que quando um ou dois fogem da criminalidade imposta, estes, não estão fazendo regra e sim exceção.

8.3 Criminalização pelo sistema de Organização e Cultura- Etnocídio

As religiões afro-brasileiras tem um papel fundamental no desenvolvimento do país, para além de toda as outras bases, na esfera cultural, de dentro das CTTro, saem o samba, blocos negros, os afoxés e o carnaval, a capoeira está inserida dentro deste contexto, é preciso ouvir e reparar na tradição oral musical presente nas letras das cantigas da roda.

Abdias do Nascimento em seu Livro O genocídio do negro brasileiro-Processo de um racismo mascarado(2016), nos traz a ideia do papel relevante que o Candomblé tem em inspirar e dinamizar a criatividade artística afro brasileira e como estes fenômenos culturais foram duramente repreendidos ao longo dos séculos.

Segundo Nascimento, os negros escondidos dos brancos passam a criar seus elementos de devoção de suas divindades e suas obras artísticas para louvar seus ancestrais, isto ocorre de maneira velada visto que não era bem visto e nem aceito socialmente, por não se enquadrar nos padrões da hegemonia branca, não era considerado arte. E muitas dessas obras, foram confiscadas pela polícia:

> Há longo tempo os objetos do culto afro-brasileiro tem sido frequentemente confiscado por agentes da polícia, mas isso não lhes destitui do seu intrínseco caráter de genuíno produto artístico. Entretanto, o fato por si mesmo é um eloquente comentário a respeito da atitude, oficial do país relativamente a ação de criar do afro-brasileiro(Nascimento,2016)

Essas peças de acordo com Abdias, iam para algum museu polícia para serem estudadas, percebe, o Estado por meio de sua polícia, sequestra bens matérias de alguma comunidade religiosa afro-brasileira, e o racismo científico intrínseco no sistema as coloca como passíveis de estudo, não o negros deve ser estudado, mas suas obras culturais-religiosas também, para além de estarem cometendo um crime, segundo o próprio Estado, já que estas precisariam ser confiscadas e presas.

Nina Rodrigues em sua obra os africanos no Brasil(ano), irá considerar os africanos como criminosos ou dementes natos, rodrigues ainda fornece as análises científicas que essas peças outro apreendidas merecem, considerando-as quem o fez como quem tivesse consciência obscura, negando assim a beleza e qualquer habilidade técnica, primariamente porque o escultor, não fazia uso das proporções “adequada” entre os braços e as pernas.(NASCIMENTO,2016), consideravam por tanto, os elementos culturais negros como arcaicos e não reconheciam os como arte e somente os elementos branco-europeus.

Passam a rotular, ainda segundo Abdias(2016) como obras primitivas e folclóricas, esvaziando do bojo cultural das obras o seu real sentido e a subjetividade daquele que a criou, tirando de dentro delas também o sentido religioso de quem as fez, já que o colocavam no lugar de folclore, o olhar aqui, se dá de cima para baixo, aristocrático e hierarquizado, onde negros e negras estão em uma cultura abaixo do branco, neste caso, a cultura não existe.

Como Observa Nascimento(2016) com uma citação de Roger Bastide(s.d);

> Essas obras de [Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edison Carneiro et. al.], ao deixarem de basear as descrições em alicerces metafísicos, fizeram com que os candomblés surgissem como um conjunto de sobrevivências desenraizadas, privadas de sua própria seiva, em suma um emaranhado de superstições (mais folclore que religião) (BASTIDE, s.d apud NASCIMENTO,2016)

O folclore é para que se perca o significado, e se mate uma cultura, o que temos aqui é uma prática etnocida, que é a destruição de sua cultura, o homem branco, detentor do poder Estatal, usava (usa), do seus diversos meios de dominação para aniquilar e criminalizar a cultura negra.

> Se o termo genocídio remete à ideia de “raça” e à vontade de extermínio de uma minoria racial, o termo etnocídio aponta não para a destruição física dos homens (caso em que se permaneceria na situação genocida), mas para a destruição de sua cultura. O etnocídio, portanto, é a destruição sistemática dos modos de vida e pensamento de povos diferentes daqueles que empreendem essa destruição. Em suma, o genocídio assassina os povos em seu corpo, o etnocídio os mata em seu espírito. Em ambos os casos, trata-se sempre da morte, mas de uma morte diferente: a supressão física e imediata não é a opressão cultural com efeitos longamente adiados segundo a capacidade de resistência da minoria oprimida. (**CLASTARES**, 2004: 83 apud **FELTRAN** 2024).[87]

Essa prática, por mais lenta que possa ser, tem o mesmo intuito de todas as outras, aniquilar, de todos os lados que se olhe, o aniquilamento é a organização fundante como prática racista.

[87]FELTRAN, Gabriel. Sobre o terror e o etnocídio. **Revista de Antropologia**, v. 67, p. e228196, 2024.

Continuando na linha de Nascimento(2016) a redução e folclorização da cultura africana, revela o desprezo ao negro da sociedade vigente, que era branca, e exibe a forma com esta mesma sociedade lida com os afro-brasileiros, mesmo com essa animalizama, estes ainda mercantilizam a cultura do negro e lucram no comercio turístico, enquanto for rentável, serve, no momento que não for, será extirpada da história, tudo de uma maneira muito sutil é claro (Etnocídio).

8.4 Criminalização Cultural:

O samba como já dito tem surgido dentro das CTTro, um estilo musical, que viria com bases religiosas, entretanto estaria para além disso, se torna meio de expressão das dores, das angústias, dos protestos e das alegrias de pessoas vinda das regiões periféricas. (SILVA e BRUNO,2022)[88].

O código penal brasileiro de 1890 em seu artigo 402, trazia em seu corpo, o que na época era considerado vadiagem, a qual levava o nome de a lei dos vadios e Capoeiras:

> Art.402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem, andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoas certa ou incerta, ou incutindo de algum mal (BRASIL,1890)

O Samba fora considerado crime por analogia, não existindo no dispositivo legal da época, Naquele período, era comum que músicos fossem presos apenas por estarem levando algum instrumento musical usado nas rodas de samba (SILVA e BRUNO,2022), o samba só vai ser descriminalizado no governo Getúlio Vargas, pelo prestígio que este começou a trazer ao Brasil, todavia muitos sambistas passaram a sofrer outro tipo de perseguição: a censura. Muitas canções ironizam o trabalhismo,

[88] DA SILVA, José Bruno Aparecido; DA SILVA BRUNO, Laura Soares. Da roda de samba ao baile funk: uma perspectiva histórico-jurídica da tentativa de criminalização da cultura negra no Brasil. **Revista Em Favor de Igualdade Racial**, v. 5, n. 3, p. 34-48, 2022.

fundamento chamado do chamado Estado Novo e sofriam intervenção estatal (SILVEIRA; NETA; MONTE E VASCONCELOS,2017)[89].

Não distante disso, em janeiro de 2017, o Senado Federal recebe uma proposta legislativa de criminalização do Funk, a ideia parte da população e conta com 21.985 cidadãos e foi transformada em projeto de lei e a ideia era criminalizar o ritmo musical como crime de saúde pública a criança, adolescentes e família.

> A proposta de criminalização do funk causou polêmica nas redes sociais. Verdade é que o funk, embora um dos ritmos atualmente mais tocados sofre repressão e preconceito. Exatamente essas constatações que nos fazem remeter ao passado, lembrado de tudo já relatado e associar a situação atual a tudo que outros ritmos como samba, capoeira e rap já sofreram. (SILVEIRA; NETA; MONTE E VASCONCELOS,2017)

É preciso compreender que tal criminalização objetiva neste momento, não se dá pelo fato do ritmo musical e sim qual a cor das pessoas precursoras desse ritmo musical, em que local está inserido, com que tipo de público ele conversa, qual realidade ele descreve e a quem instrui? A maioria das respostas já foi dita na presente, o público é negro favelado e marginalizado, bebe das fontes do samba e das batucadas do terreiro e conversa com aqueles que estão abaixo na esfera econômica e isto é considerado crime de saúde pública a família hegemônica brasileira. O funk, com raízes nos morros cariocas, hoje é um ritmo nacional, apreciado em todos os estados, com artistas altamente populares perante o público. (SILVEIRA; NETA; MONTE E VASCONCELOS,2017).

A criminalização das culturas negras no brasil, são parte do movimento etnocida, e levam a algum lugar no passado onde tudo isso já aconteceu e foi sustentado por bases radicalizadas, todavia essas mesmas bases e preconceitos raciais, ainda estão

[89] SILVEIRA, ALESSON ARANTES et al. Do samba ao funk: quando ritmos viram casos de polícia. **ENCONTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO-FACULDADE LUCIANO FEIJÃO**, v. 9, p. 1-10, 2017.

arraigados na sociedade brasileira e tendem a retornar travestidos de lei, para criminalizar, apagar, subjugar e aniquilar a cultura de um povo.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como no Candomblé, na capoeira e no samba, não considerarei este o final, e sim um novo início, com novas possibilidades de aprendizado e enfrentamento. Deixo estas páginas como linhas das contribuições dentro daquilo que pude pesquisar, considerando a possibilidade de realizar mais no futuro, assim como as rodas das tradições supracitadas, que não têm começo, meio e fim, mas sim a grande continuidade do todo.

Parto de uma pesquisa autoetnográfico, na qual me coloco enquanto sujeito e objeto da investigação, com o intuito de romper com a hegemonia branco-acadêmica e valorizar as tradições orais pertencentes aos terreiros, quilombos e comunidades africanas, em sua grande maioria. Dessa forma, temos força e subsídios suficientes para, aos poucos, combater as práticas do Epistemicidio, que aniquila a epistemologia negro-africana e coloca o negro no lugar do não-ser, animalizando-o e, por fim, aniquilando-o.

Retiro aqui o véu que a intolerância religiosa um dia ousou cobrir para esconder a religiosidade negra, seus costumes, culturas e liturgias. Compreendo que o Candomblé, enquanto religiosidade, pode restituir ao negro a humanidade que a colonização lhe retirou. Entendo as religiões afro-brasileiras como parte da restituição da memória negro-ancestral daqueles que atravessaram o Portão do Não Retorno e não abraçaram a Árvore do Esquecimento. O racismo, como elemento fundante de dominação e poder, permitiu e permite que pessoas negras, entre pretos e pardos, não se reconheçam dentro de seus corpos e desejem uma vida que não lhes foi concedida. Somente por meio de um letramento racial crítico conseguiremos compreender as fabulações e perversidades impostas pela sociedade.

Compreender que o racismo religioso é um dos braços do racismo e que todos esses outros braços se conectam ao mesmo mal é essencial. Entender que não existe dissociação entre o racismo científico, biológico, estrutural e religioso — que um pariu o outro como mais uma forma de opressão — é um caminho complexo e doloroso. Todavia, é libertador compreender que não se trata de tolerância, e sim de cumprir uma legislação vigente no país.

O Estado, enquanto elemento constituído pelo povo, não pode manter um sistema que se ataca, não se respeita e infringe suas próprias leis. Não penso que sejam necessárias mais legislações para deter o fenômeno do aniquilamento racial-religioso. Entendo que, neste caso, a lei positivada no corpo jurídico precisa ser efetivada na sociedade e aplicada de maneira ímpar, chegando ao conhecimento da população que dela necessita, sem permanecer apenas no mundo das ideias, onde muitos sabem que existe, todavia, não têm acesso a ela e nunca puderam sentir de fato sua eficácia.

Muitos são os dispositivos legais que mencionam, protegem e dão respaldo jurídico às tradições de matriz africana. Compreender o racismo religioso é entender que o Estado não está apenas deixando de cumprir a lei, mas está atacando a democracia de um povo, agindo diretamente contra aqueles que abriram mão de suas individualidades para serem governados e guiados com respeito e dignidade, como preceitua a Carta Magna.

Ao analisar os dados dos templos religiosos atacados e a quantidade de pessoas negras assassinadas, entendo que o direito à vida não é um direito garantido à população negra. O que lhes foi relegado foi a necropolítica em seu estado máximo, criando a subcidadania e o apartheid. Como em uma sessão de tortura, retiram comida, água, moradia, isolam-nos sem acesso mínimo e, por fim, os matam.

Criminalizam a arte, cultura e religião de um único grupo de pessoas, sem perceber que essas são formas pelas quais o Estado obtém proventos financeiros para financiar seu turismo e impostos. Mais um ponto ardiloso do Estado fascista e capitalista: incentivar a destruição do local que pode restituir a humanidade e a negritude. Essa é uma estratégia, pois, caso compreendam o mal que os assola, lutarão para transformar o próprio sistema.

O Estado do não-ser negro parte do princípio de que onde não há humanidade, há dominação, e essa é incentivada e fortalecida por todo o contexto histórico, social, econômico e cultural deste país. Buscamos vencê-la, não apenas para hoje ou amanhã, mas para o futuro. Não buscamos o topo, pois, como ensinou Sueli Carneiro, essa ideia presume uma base, e sabemos quem está na base.

O objetivo desta pesquisa foi compreender, de maneira mais profunda, como os ataques a terreiros, incêndios, perseguições e violências físicas ou morais, presenciais ou digitais, emergem de um corpo muito maior, que não se relaciona apenas ao Candomblé, mas à religião do negro e à sua própria existência, tornando-se, portanto, passível de violação.

Diante disso, é possível criar estratégias que corroborem com os estudos anteriores e futuros para que a subjetividade negra não seja mais corrompida pelo racismo e sua filha: a sociedade. Essas estratégias devem cobrar do poder público a efetivação das garantias constitucionais, não apenas aos candomblecistas, mas a toda a população negra.

Mais do que criminalizar as violências contra as religiões de matriz africana, é necessário criar políticas afirmativas de Estado que assegurem os direitos dessas tradições, consolidando, assim, o Estado Democrático Brasileiro. Quando um grupo é atacado e não recomposto ou protegido, não há democracia, pois esta exige que todos gozem dos mesmos direitos e deveres.

10 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alan Tomaz de. **Bixa Preta: Das Narrativas De Violência Do Estado Às Redes De Enfrentamento Ao Genocídio De Homens Negros Gays**. 2023.

BRAGA, Julio. **Na Gamela do Feitiço: repressão e resistência nos Candomblés da Bahia.** EDUFBA, 1995.

BRASIL. Código Criminal do Império do Brazil de 1830. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm. Acesso em: 30 jan. 2024.

BRASIL. Código Penal dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 30 jan. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. **BRASIL.** Lei nº 5.250, de 1967. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5250.htm#:~:text=Art%20.,lei%2C%20pelos%20abusos%20que%20cometer.

CABETTE, Eduardo Luiz Santos. **Nova lei de racismo de acordo com a lei 14.532/23: injúria racial, apologia ao racismo e outros temas relevantes.** 2 ed. Lem-SP: Mizzuno, 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COSTA, Aline Pereira da; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; SILVA, Heloise da Costa. **Necroeducação: reflexões sobre a morte do negro no sistema educacional brasileiro. Revista Brasileira de Educação**, v. 25, p. e250043, 2020.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da; MENDES, Kíssila Teixeira. **"Negro: de bom escravo a traficante"**. Contribuições de Clóvis Moura à crítica da Guerra às Drogas no Brasil. Sociedade e Estado, v. 37, n. 2, p. 511-530, 2022.

Cristina Índio do Brasil - **Repórter da Agência Brasil**-Ditadura invadiu terreiros e destruiu peças sagradas do candomblé.https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-04/ditadura-invadiu-terreiros-e-destruiu-pecas-sagradas-do-candomble

DE CARVALHO, Luiza Sousa. **O encarceramento em massa da população negra, agenciado pelo estado brasileiro, como um mecanismo do genocídio anti-negro**. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, v. 1, n. 1, 2018.

CARNEIRO, Ariane Sartin. **A "subcidadania brasileira" e os desafios para efetivação dos direitos.** 2023.

DE SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos. **Mídia e criminalização dos pobres.** Revista Serviço Social em Perspectiva, v. 7, n. 2, p. 148-168, 2023.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FELTRAN, Gabriel. **Sobre o terror e o etnocídio**. Revista de Antropologia, v. 67, p. e228196, 2024.

FEITOSA, Gustavo Raposo; **LEITE**, **Livia Chaves. Lei Antidrogas no Brasil: nova segregação racial?** Revista de Direito Viçosa, ISSN 2527-0389, v. 13, n. 2, 2021.

FRENETTE. Preto e branco, p. 38. Apud Carneiro, 2023.

GANEM, Cássia Maria Senna. **Estado Laico e Direitos Fundamentais**. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/outras-publicacoes/volume-i-constituicao-de-1988/principios-e-direitos-fundamentais-estado-laico-e-direitos-fundamentais#:~:text=A%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Federal%20de%20198 8,n%C3%A3o%20exist%C3%AAncia%20de%20religi%C3%A3o%20oficial.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: Da Independência do Brasil à Lei áurea**. Volume III. Globo Livros, 2022. p. 27-30.

https://combateasdesigualdades.org/wp-content/uploads/2024/09/RELATORIO_2024_v3-1.pdf

https://marcaspelomundo.com.br/wp-content/uploads/2022/01/21_01_combate_a_intolerancia_racial_Eixo_Benguela_VF.pdf

https://www.cidadesc.com.br/_o_caso_de_mae_gilda_e_a_intolerancia_religiosa_no_brasil.628823

https://www.trf5.jus.br/index.php/noticias/leitura-de-noticias?/id=325255#:~:text=Leis%20estaduais%20tamb%C3%A9m%20refor%C3%A7aram%20proibi%C3%A7%C3%A3o,frequentar%20as%20escolas%20p%C3%BAblicas%20(Art.

https://combateasdesigualdades.org/wp-content/uploads/2024/09/RELATORIO_2024_v3-1.pdf

JARDIM, Edison Donizetti Rodrigues. **Candomblé: Expressão da cultura e religiosidade do negro no Brasil.** 2016.

JESUS, Gabriel Henrique Vitorino Alves de. **Religiões de Matriz Africana: A omissão do Estado Brasileiro no combate à intolerância religiosa.** 2021. Acesso em: 30 jan. 2024.

KAMMER, Iris.**Considerações Sobe O Estado Democartico De Direitos E Os Fundamentos Da Republica** federativa do brasil.https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecadigital/496_arquivo.pdf

LIMA, Renato Rodrigues, **CIDADANIA NO BRASIL**: O longo caminho.REDESG / Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global – www.ufsm.br/redesg v. 5, n. 2/2016.

LOPES, Débora Martins .**Necroeducação, Diversidade E Inclusão: Um Estudo Etnográfico Sobre A Formação Básica De Adolescentes Calungas.** 2023

MORAES, Alexandre. **Direitos Humanos Fundamentais.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2005. p. 21.

MIDZUNO, MILENA MAYUMI SANCHES**; APARICIO**, STEPHANIE MERCEDES MEIRELES. MÍDIA E CONTROLE SOCIAL: UM RETRATO DA CRIMINALIZA-ÇÃO DA JUVENTUDE NEGRA E PERIFÉRICA NO INTERIOR DE UM JORNALISMO CORROMPIDO ATUANTE COMO ATOR POLÍTICO. CRIMINOLOGIAS E POLÍTICAS CRIMINAIS, p. 166, 2021.

NOGUEIRA, Sidnei**. Intolerância Religiosa**. São Paulo: Jandira, 2020.

OLIVEIRA, Ariadne Moreira Basílio. **Religiões Afro-Brasileiras e o Racismo: Contribuição para a categorização do Racismo Religioso.** 2018. Disponível em: Revista Calundu - v. 2, n. 1, jan-jun. Acesso em: 30 jan. 2024.

OLIVEIRA, Julvan Moreira. **Racismos**. Selo Negro, 2023.

REINALDO José. **A segregação Racial e Desigualdades urbanas nas Cidades Brasileira: Elementos Para Uma Observação da Necropolitica**. Revista da Abpn.2020

REGINALDO, Sidney Guerra. Democracia em Aristóteles. **Revista Opinião Jurídica (Fortaleza)**, v. 2, n. 4, p. 252-265, 2004.

PARRON, Tâmis. **A Política da escravidão no império do Brasil**, 1826-1865. 2011.

PINTO, Alexandre Guimarães Gavião. **Direitos Fundamentais: Legítimas Prerrogativas da Liberdade, Igualdade e Dignidade**. Revista da EMERJ, v. 12, n. 46, 2009.

Pele Alvo a bala não erra o negro.https://ponte.org/wp-content/uploads/2023/11/boletim-pele-alvo.pdf

PRADO, Paula Borges de Paula. **Seletividade Penal e a influência da mídia no processo de criminalização dos indivíduos.** 2021.

ROSA, Rowena.Agência Brasil. https://pt.org.br/a-face-do-bolsonarismo-mortes-pela-pm-de-sp-disparam-71-no-governo-tarcisio/#:~:text=Letalidade%20da%20Pol%C3%ADcia%20Militar%20do,no%20mesmo%20per%C3%ADodo%20de%202023

RIBEIRO, Djamila. **Encruzilhadas da democracia: género, raça e classe em questão**. 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismos Plurais**. 2019.

RAFAEL, Ulisses Neves. **Xangô rezado baixo: religião e política na Primeira República. São Cristóvão**: Editora UFS; Maceió: EDUFAL, 2012. 277 p.

RAMOS,Giovanne. Alma Preta Jornalismo.

https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/mortes-de-negros-pela-policia-de-sao-paulo-sobem-83-em-8-meses-revela-levantamento/

Responsabilidade objetiva e subjetiva do Estado:

https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/responsabilidade-objetiva-e-subjetiva-do-estado

SANTOS, Gislene A. **A invenção do ser negro,** p. 55. Apud Carneiro, 2023.

SILVA, Isadora Brandão Araujo. **Racismos**. Selo Negro, 2023.

SERFEJAN, Tatiana Robles. Liberdade Religiosa e laicidade do Estado na Constituição de 1988.USP.2012. Apud Silva,2010,p.249

SOUZA, Jessé. **Como o Racismo Criou o Brasil**. Estação Brasil, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se Negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

STF. Artigo 13. **Liberdade de pensamento e de expressão.**

SILVEIRA, ALESSON ARANTES et al. Do samba ao funk: quando ritmos viram casos de polícia. **ENCONTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO-FACULDADE LUCIANO FEIJÃO**, v. 9, p. 1-10, 2017.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. RE 494601.https://jurisprudencia.stf.jus.br/pages/search?base=acordaos&sinonimo=true&plural=true&page=1&pageSize=10&queryString=liberdade%20de%20culto%20&sort=_score&sortBy=desc

VICENTE, Romilson José. **Polícia Penal: Entenda sua importância e papel na estrutura da segurança pública brasileira.** 2021.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. **Psicologia social: Análises críticas sobre interditadas e práticas resistentes**. Volume IV, 2019.

11 ANEXOS

11.1 CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- SACERDOTES/SACERDOTISAS RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA-CANDOMBLÉ

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **O RACISMO RELIGIOSO COMO FORMA DE ANIQUILAMENTO E ATAQUE AO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é debater a fim de compreender como o racismo impacta no Candomblé como forma de aniquilamento e ataca o Estado Democrático de Direito Brasileiro, pretendo compreender, como os líderes religiosos entendem o racismo no Brasil diante de sua prática religiosa e quais os mecanismos midiáticos e tecnológicos têm usado para superar, resistir e quem sabe restaurar a vida de pessoas que é ceifada diariamente diante do preconceito racial.

Caso concorde em participar, vamos realizar as seguintes atividades com você:

Realização de uma entrevista semiestruturada. Para evitar quaisquer problemas de constrangimento, a entrevista será confidencial, sem a divulgação dos nomes dos(as) participantes da pesquisa e deverá contar com a anuência da fonte depois de editada. A pesquisa pode ajudar no desenvolvimento de um trabalho acadêmico de Mestrado Profissional, no debate acerca da educação inclusiva e para a diversidade.

Para participar deste estudo, você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária, e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma como você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste trabalho.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido esse tempo, a pesquisadora avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua Identidade com padrões profissionais de sigilo,

atendendo à legislação brasileira (Resolução No 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Bauru,_____, de _____2025

_____

Assinatura do participante

RG:_____

_____

Assinatura do pesquisador responsável

RG:_____

Pesquisador Responsável: Gabriel Henrique Vitorino Alves de Jesus

Instituição: FAAC-UNESP/BAURU

Contato: (14)99188-8007/vitorino.alves@unesp.br

Orientador: Prof.Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier

Instituição:FAAC/UNESP

Contato:(14)99760-0290/juarez.xavier@unep.br

11.2 Entrevista babalorixá 1

Pesquisador: Qual é o seu nome e como você se identifica? Como você chegou ao Candomblé?

Babalorixá 1-Meu nome é Babalorixá 1, dentro da religião, só conhecido como …, …, ou. Eu nasci dentro da religião; meu pai também é da religião, então consequentemente a família toda é da religião de uma coisa africana. Nunca pensei em ir pra outra religião, porque amo o Orixá, amo o Candomblé, amo isso aqui. Nós temos aqui o nome do meu axé agora; eu amo isso aqui, isso aqui é minha vida.

Pesquisador Quando você abriu a casa? Quais eram os seus planos e suas primeiras ideias quando decidiu abrir a casa?

Babalorixá 1: A princípio, eu não tinha pretensão nenhuma de ser Babalorixá e sim de ser um cargo dentro da casa de axé, ou pai de santo, do irmão do santo. Mas o orixá leva a gente. Aí acabou que o catiço da casa ganhou o terreno onde é construído o barracão hoje, por trabalhos realizados, melhorias. E aí uma coisa levou a outra, construiu o axé, depois o filho de santo. E o meu axé é formado por família; um irmão recolheu, outro irmão recolheu. E foi assim que cheguei aqui hoje. Entendeu? Foi bem assim. E eu sempre pensei em cultuar Orixá. Agora, muito mais difícil é você ser o mentor da casa do axé; lidar com pessoas não é fácil. Mas é gratificante, tem as suas decepções com as pessoas. A pessoa vem, recebe a graça do Orixá, não que tenha como jogar barril de ouro aqui na casa, mas sim é um pouco mais de carinho, um pouco mais de gratidão.

Pesquisador: O que define um sacerdote?

Babalorixá 1: Responsabilidade. Carinho para com as pessoas. Eu fico mexendo com vidas, né? Está aí mesmo o odu; quer dizer, caminho, está mexendo no caminho da pessoa e botando energia na vida dela. Cada um tem uma crença, e a nossa crença é o orixá, até mesmo orixá Exu. Nosso papel com orixá, tomar conta do nosso destino, e nós também realizamos o nosso destino. Então, ser sacerdote é uma responsabilidade muito grande.

Pesquisador: E para o senhor, o que é o candomblé?

Babalorixá 1 Fica difícil falar o que é o candomblé, sendo que eu amo o candomblé, né? A pergunta até vem assim. O candomblé para mim é tudo. É um local onde você vem buscar suas energias, terreiro de candomblé, né? buscar seu axé, cultuar seu

orixá, cultuar seus antepassados, egungun, babá egun , aquilo que vem lá de trás, até antes de Cristo, né? Então é muito gratificante ser do candomblé, ser do candomblé, fazer parte do candomblé.

Pesquisador: O senhor acha que o candomblé é uma religião negra com valores cristãos?

Babalorixá 1:Para mim, não. Mas para muitos, sim. Para muitos, mistificam muito o candomblé. Não, eu não faço da minha casa Oxalá Jesus Cristo. Eu não faço da minha casa Ogum São Jorge. Ogum na minha casa é Ogum E São Jorge, São Jorge. Tem seus jeitos, mas ele é um santo na igreja católica. Aqui não vai colocar a capinha, colocar a espadinha e montar no cavalo branco. Não, aqui não. Não dá. Não rola.

Pesquisador: Que tipo de público vem na casa do senhor?

Babalorixá 1: Todos. Todos os tipos de público. Na minha casa vem juiz, vem promotor, vem médico, vem dentista, vem pessoas em estado vulnerável. Vem até mesmo bandido. Vem de tudo na casa de axé. Com tudo. Todos vêm buscar axé. Criança, todo tipo. Todo tipo de público.

Pesquisador: Uma iniciação hoje no candomblé é cara?

Babalorixá: Muito. Se for iniciar como pede o figurino, muito. Os artigos religiosos hoje estão no valor do dólar, né? Você vai comprar uma miçanga, você vai comprar um búzio, você vai comprar os fundamentos para fazer um orixá. É um absurdo. Isso é um erro para mim. Isso é um erro.

Pesquisador: Existe alguma maneira, de acordo com o senhor, de baratear isso? Ou é algo que a casa, o sacerdote, não tem muito o que fazer em relação a isso?

Babalorixá: Tem. Tem várias coisas, mas aí ficaria muito primitivo a coisa, né? Você plantar muito, cuidar dos seus animais. Hoje, para ter animal vir em uma casa às vezes é complicado. Para você pegar um cabrito ou um casal de cabrito e deixar aqui para criar aqui... Aí vem a saúde sanitária ou uma galinha de Angola ou uma galinha comum que seja, entendeu? É complicado. Não tem como. Então você tem que comprar os animais. Então você vai plantar, vai colher e vai fazer... Não tem campo para isso hoje; não tem espaço. Infelizmente não tem como...

É porque a maioria dos sacerdotes hoje trabalham também.

Pesquisador: É porque a maioria dos sacerdotes hoje trabalham também.

Babalorixá: Eu mesmo trabalho; eu sou funcionário público, entendeu? Acabei de sair do serviço até... Então aqui na casa achei que vai ter função hoje... Então não tem como... Infelizmente tem que comprar; não tem jeito.

e tem o trabalho das pessoas também, né? Querendo ou não, sempre teve o Joãozinho da erva da esquina, entendeu? Que vai lá e você compra uma erva, Santa Maria, aquele que não sabe ir lá colher. Sempre tudo deve ser, mas está absurdo os valores, entendeu? Uma pena de ekodidé hoje, pelo amor de Deus! Que é isso? Uma pena de leleque olha o preço da criança, pelo amor de Deus! Tem que ter essa necessidade, né? Pelo amor de Deus!

Ou o ataré... quanto é um ataré hoje? É demais! O obi ... olha o preço do obi, né? Nós temos plantações de obi no Brasil, já sabemos disso. E falam que vem lá não sei da onde,não vem nada. Eles falam que vem de lá, mas é daqui mesmo. Então, o próprio religioso está acabando com a religião, entendeu ? Todo mundo quer ganhar, quer enriquecer fácil.

Pesquisador: O senhor tem certa dimensão do que seria o racismo religioso?

Babalorixá: E como tenho! Eu tenho, eu vejo bem.

Aqui de supermercados... vou dar exemplo do supermercado shopping. Quando eu vou no supermercado do shopping, eu encontro muitos clientes que vêm tomar ebó aqui. Estou falando de “gran fina”, de dinheiro, de grana. É cliente de grana, né? Tu vem que toma ebó, paga o ebó e aí você vai e entra no mercado. Aí dá lá a pessoa com o carro e você passa do lado finge que não te conhece. Depois ele vem falar pra você: "me desculpa, estava com o marido do lado, estava minha filha do lado". Estava amigo do lado... ainda mais quando se está trajado no mercado ainda! Entendeu?

Uns 100% do mercado 2% te cumprimentam. “Oi, tudo bem?” Pergunta sobre a religião ou até mesmo quer cartão pra vir até a casa pra fazer uma visita, outros fingem que não te conhecem. Mas com certeza 70% já passaram por um ebó em uma casa de axé ou vem tomar passe! Pode ter certeza disso! Entendeu?

Então tem muito... muito a própria pessoa tem preconceito porque outros preconceitos vêm atrás pra ter uma solução na vida e alguma coisa. Então são pessoas sórdidas.

Pesquisador: E por que o senhor acha que o candomblé passa por isso ainda?

Babalorixá: Devido antes, né? Devido falar que é uma religião da bruxaria, que é uma religião que mata; uma religião que faz a; que faz b; que vai fazer maldade pros outros... nada a ver! O candomblé tem a ver com isso! Candomblé é natureza; candomblé é folha; candomblé é vida; candomblé é coisas boas! Não é nada disso que as pessoas pensam por causa do preconceito! Entendeu?

De ignorância! Não sabe o que é! É coisa do diabo... se tiver alguém falando que o candomblé é a melhor coisa do mundo, todo mundo concorda, se tiver falando que do diabo concordam também, onde o boi vai a vaca vai atrás e assim vai indo.

Pesquisador: O senhor acredita que existe alguma influência social para que as pessoas não cheguem até o terreiro de Candomblé?

Babalorixá: Sim, lógico! influência social. Você vê nas escolas hoje onde na escola hoje fala alguma coisa de orixá? Já vi meus filhos que são candomblecistas, meus filhos são candomblecistas na escola têm que rezar.

Onde lá na escola fala de todas religiões? Isso não está influenciando? Concorda comigo ou estou errado? É obrigado, então não vai ter nada aqui na escola não, tem que ser aberto cada um na sua.

Ah, o cara candomblecista ele, ele não obriga, mas vai ser taxado como macumbeiro, né? outros ficam quietos porque tem medo; outros vão tirar sarro... é complicado! Mas ninguém tira sarro para aquela pessoa assim: "ah você é evangélico", "você é católico", "você é árabe" ou "você mais fraca", "você da religião da umbanda", etc.

Você é taxado... cuidado não come nada dele não, hein? Cuidado! Entendeu? Então tem uma influência social muito grande sim começando já nas escolas. Começa pelo pai e mãe falando: "não passa naquela rua não" porque "lá é a rua do Macumbeiro". Aqui foi apelidado uma época aqui no bairro a rua da macumba. Olha só que beleza!

Alguém fala assim: "a rua da igreja". Pode até falar igreja, mas não fala como assim?! A rua da macumba é a rua da igreja.

Pesquisador: O senhor acredita que esse boom da internet e essa revelação de segredos religiosos influenciam no racismo religioso, influenciam na intolerância religiosa ou não?

Babalorixá 1: Ah, em partes, em partes, esse boom, né, nós temos que acompanhar. Eu acredito que nós temos que acompanhar a modernidade, nós temos que acompanhar o desenvolvimento. O candomblé acompanha o desenvolvimento, se bem que nós fazemos coisas lá de trás, que hoje vêm à tona. É muito de todas as coisas, mas nós temos que acompanhar. Esse boom é interessante, é interessante, mas também tem suas críticas porque onde nós estamos conversando eu consigo conversar com Babalaô da África. Com Babalaô da África, eu consigo me comunicar com ele rápido no telefone, eu chamo ele de vídeo fácil. Só que tem pessoas que usam pra essa outra coisa. Vai lá e fala assim: "Olha, estão fazendo e acontecendo", só que eu não concordo de colocar matança e segredos fundamentais do candomblé em vídeos lá na internet. Isso eu não concordo; isso é uma coisa fechada, isso não rola. Mas sobre o que é o boom, sobre o que é o sangue, sobre os contos dos orixás, as histórias dos orixás super concordo. Mas o fundamento mesmo lá, o mexidinho lá no fundo, acho que isso tem que ser passado de boca a boca dentro da casa. Hoje tem muitos livros falando muitas coisas, mas nem sempre está tudo ali e nem tem tudo no livro. Mas em partes é bom; em partes é ruim.

Pesquisador: O senhor acredita que em algum momento a gente vai superar esse preconceito?

Babalorixá 1 Já crescemos bastante, mas devagar, né? Muito pouco. Olha quanto tempo ele tem no Brasil, né? E aí há quanto tempo temos a liberdade religiosa entre aspas. Tem cidade que você não pode botar um padrão na esquina. Tem cidade que você não pode fazer uma roda de capoeira ou ir na praça. Então, lógico, é popularização. Mas você tem culto na praça, aqui na Praça Central, porque você tem culto na praça. Aí o que você está lá, vai lá você bater um tambor na praça, vai ver o que vai acontecer. Você viu os evangélicos passando aí na porta da sua casa, vai bater no pau, vai bater palma na porta, vai falar para o que é o mundo. Entendeu? Então, lógico, os direitos são iguais.

Pesquisador: O senhor acredita que na casa do senhor exista alguma tecnologia contra o racismo?

Babalorixá: Uma tecnologia contra o racismo na minha casa? É. Não entendi a pergunta.

Pesquisador :Como a sua casa enfrenta o racismo?

Babalorixá 1: Olha, se eu falar que já aconteceu racismo dentro da minha casa, o que você acha? Eu ia perguntar isso, inclusive, depois,se eu já sofri, mas... Tipo assim, eu não tenho nada contra branco. Sou negro. Já fui casado com uma mulher branca, descendente de italiano. Tive filhos com ela e tudo. Isso aconteceu na minha casa; mas você chega num ambiente e a pessoa te olha assim. Pra mim, que estou no cargo de pai de santo, nem tanto. Mas já vi de um irmão de santo olhar pro outro do tipo assim querendo diminuir, sabe? É sou branco ou sou melhor, entendeu? E aí eu tenho que lembrar que ele está numa religião de negro entendeu? Que ele vai comer com a mão; que o prato dele vai lá no chão no quarto; você vai ter que comer com a mão; vai ter que limpar a banheira como todo mundo. Entendeu? Isso já aconteceu também na casa; eu vou olhar assim tipo uma coisa de superioridade assim; eu falo puta que pariu; eu não acredito que essa pessoa está aqui dentro, entendeu? Minha vontade é de querer mandar a pessoa embora; mas um Babalorixá não pode fazer assim; ele tem que educar aquela pessoa né? Educar não; ele tem que dar humbê mostrar a educação da pessoa e a pessoa acatar a educação e ver se serve qualquer coisa pro amanhã. Então imagina por aí isso já é da minha casa aconteceu isso imagina tudo por aí entendeu?

Pesquisador: Então uma dessas formas seria mostrar para as pessoas que aqui é uma religião negra e aqui não vai ter essa diferença

Babalorixá 1: aqui é uma casa de negro eu sou negro; a maioria dessa casa aqui é negro 90% dessa casa aqui é negro entendeu? Estou com uma pessoa recolhida hoje no Orixá; a pessoa é branca não tem descendente não sei das contas lá tem mistura de raça brancos não tem nada a ver entendeu? E eu vou passando tudo tranquilamente normalmente, tem orixá também entendeu? Mas eu não tenho preconceito;

Pesquisador: O senhor acha que o Estado brasileiro ele é parte incentivo à intolerância e ao racismo religioso?

Babalorixá1: Estado é omisso. Tá? , eu falo: o Estado é omisso por conta religiosa. É tudo que tenho a dizer.

Pesquisador: Por que a gente tem tanto branco no candomblé? Que os negros não estão no candomblé?

Babalorixá1: É porque, na verdade, somos mistificados, né? Vamos colocar assim, o Brasil na verdade é mistificado, né? Não tem branco cem por cento branco. Sempre lá, ou o branco pegou uma negra, ou a negra pegou um branco, né? Ou vice-versa. Aí, né? são do macho-fêmea aí mexendo atrás. Então traz um pouquinho lá da essência, lá no sangue lá no fundo tem, entendeu?

Mas qual foi a pergunta que eu me fugi? Por que que os negros não estão no candomblé? É porquê…

Pesquisador: Porque tipo assim, na casa do senhor a gente pode colocar, por exemplo, que ela é uma exceção dela ter muita gente negra. Sim.

Pesquisador: É uma exceção porque nós já viemos de família. Né? E pra logicamente eu tenho negro aqui, outro ali e vai indo. Mas também... e porque tem muito branco também lá dentro. Quando eu vejo o pastor negro, eu fico de cara. Não que ele teria que ser pai de santo, entendeu? Mas eu olho e eu falo assim: meu! Né?

Você procura Deus em todos os lugares, ele tem o direito de ir pra ir e vir e fazer o que ele quiser da vida dele. Mas eu fico de cara. Entendeu? Eu sou... eu fico de cara! É muito estranho, é estranho você ver, você vê o branco da religião e você vê o negro na igreja evangélica é muito estranho.

Pesquisador: Como o Candomblé salvou a vida do senhor

Babalorixá 1: dos meus 14 pra 15 anos de idade, meu pai era um homem difícil, ele é muito difícil, está vivo ainda, ele é da religião também, pra você ter ideia está com quase 90 anos agora. E eu com uns 14 anos adolescente, ele surrava muito a gente, eu não aguentei aquilo, fui feito do Oxóssi, não fico em um lugar que não me sinto bem, não adianta, não tem como né? Sou do Oxóssi com Ogum, não dá, não consigo. falei “vou sair de casa, viver minha vida”, já frequentava o terreiro do meu pai, quando tinha sessões lá e tal. Sai,na verdade fui duas vezes na igreja evangélica, congregação cristã do brasil com minha tia, que também era da macumba e me levou,

mas não deu certo, não rolava, aquele terno me sufocando, me prendendo “ falei meu Deus do céu, não tô na minha casa, não dá”, encontrei a dona Dirce, minha mãe de santo de umbanda, e desenvolvi na umbanda, aí conheci o candomblé, fui iniciado, olha que coisa engraçada, fui iniciado pela mão de um branco e eu podia ter sido qualquer tipo de coisa na minha vida, mas o santo sempre me guiou “não vai por esse caminho” “não vai aqui”, “ fica aqui” “ não fica andando com esses elementos”, tenho um catiço chamado seu marabô, ele sempre me alertou, cuidou de mim, não tenho nem o que dizer, falar a respeito dele, ele é meu pai, é meu tudo. O candomblé me salvou, me encaminhou, me guiou, as orientações dos mais velhos também, meu tio me orientou muito, eu seguia a coisa. São dois respeitos, duas educações, dois ritmos, dois sentidos, que no fim se torna um só, um a sua vida comum trabalho, estudo, faculdade, mulher, filhos e etc. e o outro o candomblé, unir essas duas coisas não é fácil, não é fácil. Ter sua família e ser do candomblé e quando não é? Então o candomblé, ele vem o orixá, te traz tudo, eu tive mulher na minha vida que não aceitava religião e o orixá aceitou isso da minha parte e da parte dela. Cada um tem o seu caminho e o orixá entende tudo, desde que você sempre procure sua melhora, Orixá ele salva de todo tipo de coisa, de doença, de tiro, desde que você tenha o merecimento e queira o desenvolvimento pessoal para você e espiritual. Orixá é maravilhoso, basta cada pessoa enxergar, ver. você vem na religião e conversa com baba exu, exu ele é o responsável de levar seus pedidos até o céu. exu sai daqui e leva seus pedidos lá pra Deus “ ó o fulano tá querendo, isso, isso e isso” “ ele ta querendo tudo isso, mas nós só vamos dar isso aqui pra ele, de 100% do que ele ta querendo, vamos dar 40, porque se eu der os 100 pra ele, ele vai se tornar uma pessoa arrogante, isso e aquilo” entendeu ? ou “ se eu der tudo isso pra ele, ele vai comprar uma porsche e vai enfiar no primeiro poste ou vai cair na cachaça e vai até esquecer” só que você fez sua escolha lá no Orum do que você vai querer ser, mas orixá ele vai te dando, a mais eu sou rico e eu sou pobre, por que na casa de axé tem pessoas que tem dinheiro e outras não tem dinheiro, a culpa é do mundo. só que aquela pessoa sabe administrar a vida dela com dinheiro e você saberia administrar ? Se você ficasse rico hoje, você saberia administrar sua vida? a sua cabeça vira. Preste atenção, de repente no meio do caminho da sua vida, você pega um montante de dinheiro, 500 mil reais resolveria sua vida? na minha iria atrapalhar, mas eu quero lógico, mas eu saberia administrar isso? eu poderia dar um bom estudo pra minhas filhas, comprar uma casa, um bom carro, viajar e viver pro resto da vida com 500 mil reais? não, mas uma pessoa que sabe viver com esse dinheiro, top.

Eu não saberia eu saberia fazer a; b; c; d, outros pegariam, não comprariam nada, e outros dobrariam esse dinheiro. Então cada ori tem o seu papel, cada um tem o seu destino, uns é pra ter bastante dinheiro, outros pra ter pouco, outros para ajudar os outros e assim vai indo, essa é a vida, o quente e o frio, o doce e o salgado, essa religião é maravilhosa.

Não adianta chegar para exu e falar assim “exu eu queria isso” exu vai dizer “nós vamos poder ajudar você assim, assado não tem como” ah mas o outro tem, já começou errado, seu ori dá tudo o que você quer, desde que seja do seu merecimento, tem que ver bem o que você escolheu pro seu caminho “Orixá eu quero saúde, eu quero ter uma boa vida”

11.3 Entrevista babalorixá 2

Pesquisador: Como o senhor se identifica.

Babalorixá 2**:** Bom, meu nome é Babalorixá 2. Na minha vida profissional, estou há quarenta anos no tribunal de justiça, ou seja, desde que me conheço por gente. Na minha vida religiosa, eu vou fazer trinta e cinco anos de iniciado. A minha casa está aberta desde o ano 2000. Ou seja, esse mês... esse mês não, mês que vem, em fevereiro, completo vinte e cinco anos de casa aberta. Já passei por Ketu, já passei por Angola e hoje estou na casa de meu pai de efon, aqui em Bauru mesmo. Já está indo pra uns doze ou treze anos na casa dele.

Pesquisador: aí, outra pergunta é, como o senhor se torna sacerdote?

Babalorixá 2: Como eu me torno sacerdote? espera aí, deixa eu ver como é que eu posso te responder isso. Eu tô na religião desde que eu me conheço por gente. Eu sou espiritualista, desde que eu me conheço por gente. Eu nasci em Umbanda. Minha avó era uma sacerdotisa de Umbanda. Eu tenho 56 anos hoje, vou fazer 56 anos. Quando eu nasci minha avó já tinha a casa aberta e enfim. Com 17 pra 18 anos eu descobri o candomblé. E fui iniciado com 22. Pra mim era um sonho, porque eu achava lindo o Candomblé. Mas eu falava assim, eu sou de Umbanda. O que eu vou fazer no candomblé? Mas a coisa foi acontecendo, acontecendo. E eu fui me apaixonando pelo candomblé. E conheci bem assim, em abril de... Em abril, mentira. Em janeiro de 91. A casa do meu pai de santo. E foi muito rápido. Ele falou pra mim, olha, em abril eu vou recolher um pessoal e você vai entrar. Eu falei, não, não posso. E ele falou, não, você vai. E eu, de fato, quando eu vi, estava dentro do quarto de santo. Mas na minha época nós ficávamos 21 dias recolhidos, sete dias de oxalá e enfim. E foi um pouco

decepcionante pra minha avó. Porque ela não esperava que eu fizesse isso. E eu era mais ou menos o xodó ali da casa da minha avó. Enfim.

E eu fiquei seis anos na Angola. E meu pai faleceu. E eu já estava morando aqui em Bauru. E eu fiquei totalmente perdido. E aí conheci o meu pai de santo onde tomei Oye aqui em Bauru: o pai do Ogum. E tomei meus sete anos ali e a coisa começou a fluir.

E fui passando... Passou um ano... Passou dois... E a santa querendo casa... E aí eu falei: não tem jeito! Foi onde eu me tornei um sacerdote e abri a minha casa.

Como eu me vejo como sacerdote? Eu acho que pra mim o sacerdócio é algo muito sério e que hoje em dia está deixando muito a desejar. Não digo só com relação a filhos de santo; digo também do próprio sacerdote ou sacerdotisa. A coisa não está indo muito... sendo levada muito a sério.

Não vou generalizar, mas a gente sabe que tem muitas casas por aí que estão havendo uma misturada de tudo e ninguém está entendendo nada.

E é assim que eu vejo o sacerdócio hoje: as pessoas não levam a sério; são poucas as pessoas que estão na religião, na espiritualidade, olhando isso como espiritualidade.

Pra mim está faltando muita coisa! Eu acho que se nós tivéssemos algo ou uma federação ou alguma coisa que tomasse conta, o sacerdócio seria um pouco mais apurado pelo menos.

Eu não sei se é isso — não é assim que fala — mas seria dado autorização pra pessoa: "Olha, não! Você está aprovado e você pode ser sacerdócio." Não é só o seu pai de santo que pode te autorizar.

Eu acho que hoje em dia deveria ser assim.

Pesquisador: Quando o senhor se tornou sacerdote, quais eram os seus primeiros planos? O que o senhor idealizava?

Babalorixá 2 Olha, a gente tem sonhos. A gente tem sonhos quando tudo é muito lindo, tudo é muito maravilhoso. Você acha que o sacerdócio vai ser assim... Imagina, tudo muito fácil. E aí, de repente, você acorda desse sonho e você vê que não é assim. Mas a pergunta foi quando eu me tornei sacerdote, quais eram os meus planos? Em primeiro lugar, era ter uma casa onde eu pudesse passar o meu conhecimento. E aprender, porque, na verdade, eu tinha apenas oito para nove anos de santo quando eu abri a minha casa. Então, eu não sabia quase nada. E até hoje a gente acha que sabe e cada vez chega mais novidades. Mas, enfim, os meus planos não eram assim.. Oh, eu quero ter um palacete, eu quero dar um palacete para o meu santo. Não, eu quero dar aquilo que esteja ao meu alcance. Com muita humildade. Continuar a humildade que eu aprendi na Umbanda. Porque, afinal de contas, eu vim de uma casa onde a minha avó era totalmente humilde. Enfim. E eu queria continuar isso. Mas, infelizmente, até isso você se perde um pouco. Você tem que deixar um pouco essa humildade de lado.

Apesar de Bauru não ter tantas casas de candomblé assim. Na minha época não tinha muitas mesmo. Tinha três: tinha eu, o pai Paulo e o pai Mário. Depois vieram surgindo outras que também... Não sei... Acho que eram essas casas que eu conhecia. E meus planos foram mudando um pouco porque eu fui me decepcionando um pouco pelas guerras que a gente encontrava pelo caminho. Com sacerdotes que não estavam na religião para culto ao orixá e sim para saber se ele era melhor que eu ou eu melhor que ele.

E aí vieram as decepções com o filho de santo e com pessoas que se diziam do santo mas não tinham conhecimento nenhum de nada. E aí você acaba começando a entender que, pera, vamos respirar um pouquinho porque isso está te prejudicando. Inclusive em saúde mental! É lógico que você é novo e acha que pode tudo! E de fato a gente até aguenta... Só que chega uma hora que o corpo não aguenta e ele fala: “Ó, para! Porque senão eu vou ter que te parar.” E aí esses planos começam a ir um pouco por água abaixo.

Eu tive que interromper muito cedo; fiquei parado quatro anos devido a alguns problemas de saúde. Quando voltei, já voltei com outros planos: “Vou realizar aquilo que tenho que realizar para o meu orixá; vou cuidar do meu orixá”. Não quero saber de mais nada! Mas aí vem um ou outro dizendo: “Não, pai! O senhor tem que continuar!” E aí você continua... Só que já não com tantos planos assim.

Entendi? Eu acho que é mais ou menos isso! Pelo menos é assim que vejo hoje…

Pesquisador: O que define um sacerdote para o senhor?

Babalorixá 2: A primeira coisa que o sacerdote tem que ter é caráter. E o caráter acima de tudo, independente de idade. Porque eu conheço vários sacerdotes novos que dão aulas de como ser um bom sacerdote, assim como conheço muitos que não têm essa essência. Para mim, o sacerdote precisa ter caráter e humildade. Isso é a base.

Pesquisador: E para o senhor, o que é o candomblé?

Babalorixá 2: Complicado responder isso hoje! O candomblé, para mim, deveria ter um pouco mais de respeito pelo próximo. É acolhimento! É estar aberto, com a porta aberta para receber a todos, desde que essas pessoas também estejam dispostas a receber o que você tem para oferecer. Quando você acolhe alguém, não quer dizer que você aceite tudo o que ela traz de fora; muito pelo contrário! Você precisa mostrar até onde elas podem ir com suas influências externas.

O candomblé é uma reunião de pessoas, independente da nação ou rito da sua casa. É uma responsabilidade com seres humanos, cada um com sua cultura e bagagem. Temos que respeitar a personalidade de cada um e entender que o candomblé é feito por pessoas. Não é um lugar onde você vai e depois de alguns anos vai embora; pode ser que você fique uma eternidade! Então, é importante que esse acolhimento seja visto como afeto e respeito, como se fosse uma verdadeira família, porque você vai passar muito tempo ali e isso cria laços significativos.

Pesquisador: O senhor acredita que o candomblé é uma religião negra com valores cristãos?

Babalorixá 2: Infelizmente, sim. Imposições, né? Quando você começa a entrar pro candomblé, na casa onde fui iniciado, por exemplo, é tão idiota, mas é o que aconteceu: você tem que tomar a bênção do padre. O que o padre tem a ver com a minha religião? O que o padre tem a ver com os orixás? Mesmo que ele cultue algum orixá por baixo dos panos, eu não. Então, eu não devo nada pro padre. E muitas casas ainda mantêm isso. É horrível ver pessoas sendo humilhadas e proibidas de entrar num local sagrado. Quando uma pessoa tem a pele clara, é tratada de uma forma; quando tem a pele escura, é tratada de outra, no mesmo ambiente. Vemos isso nas redes sociais, e é absurdamente horrível. Muitas vezes, você não pode fazer nada ou acaba sendo malhado por tentar. Se o sacerdote ou a sacerdotisa leva alguém pra tomar bênção do padre, pra eles está tudo bem. Se uma pessoa mais esclarecida tenta discutir, acaba sendo repreendida pelo próprio sacerdote.

Meus filhos de santo não vão a essas práticas. Não proíbo ninguém de ir onde quiser; se quer comemorar o Natal, comemore. Eu respeito outras religiões, mas não cultuo; não faz parte da minha religião.

Pesquisador: E hoje, qual o público que frequenta a casa do senhor?

Babalorixá 2: Todos! Já recebi pessoas de tudo quanto é gênero. Não faço diferença; quero saber que você vai entrar, respeitar minha casa e louvar ou ficar quietinho. Não tenho problema com nada disso. Respeito a opinião de todo mundo. Se alguém não quer respeitar, é só não comentar comigo porque não vou entrar em debate.

Hoje em dia há muita discussão sobre como se deve vestir ou se tocar atabaque. Na minha casa, frequenta quem chega e entra; gosto de conversar com quem está alterado e levar pra fora se necessário. Às vezes, a pessoa entra porque está com fome ou precisa de ajuda. Eu não tenho esse problema!

Pesquisador: Uma iniciação, ela é cara? E por que, se for?

Babalorixá 2: É cara. Por menos, por menos que tenha sido dado um valor, é cara. É cara porque o material é caro, porque a gente não encontra ali na esquina brotando do chão, o material, as coisas, os animais que são usados na ritualística, não é fácil. Tudo é caro; você vai manter uma pessoa, pelo menos, no máximo, numa iniciação... São sete dias onde você vai manter pessoas ali dentro daquela casa que estarão ajudando. Mesmo que você tenha um fogão de lenha, a lenha vai sair de onde? Então, se você for juntar tudo, é caro. Você vai levar uma pessoa no mato pra passar um ebó. E se o mato for longe? Você vai a pé? É caro.

Pesquisador: E o senhor acredita que existe alguma forma de baratear a iniciação?

Babalorixá 2: Eu acredito que baratear só seria possível se houvesse um pouco mais de irmandade. Hoje é difícil. Na minha casa, houve muitas iniciações dessa forma, mas isso foi há muitos anos atrás. Hoje em dia, já não sei. E assim, me arrependo? Não, não me arrependo, porque quem tem que se arrepender foi quem fez bobagem. Eu fiz a minha parte; era como eu imaginava o candomblé: um ajudando o outro para todo mundo conseguir realizar seu sonho. Muitos entraram para realizar sonhos. Não vamos ser hipócritas e falar que não era uma necessidade ou um sonho. A pessoa queria ser iniciada e foi iniciada. Isso ninguém tira. Nasceu uma vez e vai para o resto da vida. Pode até não estar no culto ou seguindo, mas é iniciada. E naquela época havia formas de baratear a iniciação. Era uma forma de ajudar as pessoas a realizarem esse sonho.

Pesquisador: E aí pro senhor, o que é o racismo religioso e se o senhor acredita que o candomblé sofra com ele?

Babalorixá 2: Olha, racismo religioso... A gente vê tanta coisa, é difícil. É muito difícil a gente falar de racismo religioso, porque isso envolve muito preconceito, né? O

racismo religioso, ele hoje ou ontem, foi hoje uma cena. Foi ontem que eu vi, eu ouvi, né? Alguém me contou, tá até gravado aqui no meu celular. O menino me mandou sobre uma casa de candomblé que foi atacada por uma facção. Estava vendo candomblé, rito... tá aqui, eu, o menino mandou pra mim e é lá do... a gente está acostumada a ver isso no Rio de Janeiro, na Bahia e tal. Mas foi no sul, num batuque. O rapaz e os meninos estavam em um culto, eles cultuam muito Xangô, se não me engano. Eles estavam fazendo uma fogueira de aira ou alguma coisa nesse sentido; eu não entendo muito de batuque E eles estavam lá fazendo isso e primeiro começaram a colocar som alto pra atrapalhar o culto. Eles fecharam a porta com medo de ser atacados e tal. E de repente... só ouviu barulhão. Eles arrombaram porque não conseguiram parar com o culto. Entraram lá, quebraram, bateram nas pessoas e só pararam quando falaram que a polícia estava chegando.

Quer dizer, hoje em dia não tem mais esse negócio de ser só lá no Rio de Janeiro ou ser só na Bahia; eles estão praticando racismo religioso porque se tratava de um terreiro onde o sacerdote era negro e a grande maioria das pessoas desse batuque eram negros. Não que isso seria diferente se fossem pessoas brancas, tá? Eu vejo o racismo religioso como algo que ocorre quando o culto é referente a tradições negras. Não precisa mais nada pra ver o preconceito.

Pesquisador: O senhor acredita que exista alguma influência na chegada dos adeptos até o terreiro de candomblé?

Babalorixá 2: Eu acho que algumas vezes sim. Eu acho que algumas vezes acontece isso. De pessoas que sejam preconceituosas com relação a isso. Ainda é aquela coisa que é uma religião do demônio. Então, tome cuidado. Cuidado onde você está se envolvendo. Cuidado para você não sair de lá possuído. Enfim. Eu acredito que exista... Pode acontecer. Não que hoje seja normal, não. Seja frequente. Porém, eu acredito que sim.

Pesquisador: O senhor acredita que a revelação dos segredos religiosos, como a gente está nesse boom de internet, né? Ele influencia em fortalecer o preconceito contra a nossa religião?

Babalorixá 2: Eu acredito. Eu acho que teria que ter um pouco mais de limites. Eu acho que teria que ter um pouco mais de... Como é que eu posso dizer respeito? Não é nem pelo fato de você estar expondo aquilo que você faz, ou aquilo que você prega, ou aquilo que... Mas pelo fato das pessoas não respeitarem. Olha, não vai muito longe. Você faz uma oferenda, as pessoas, elas não querem saber se aquilo é uma oferenda, elas não querem saber se aquilo é um agradecimento. Elas não querem saber qual é o simbolismo daquilo. Elas simplesmente ou chutam, ou profanam, ou... Elas não querem saber.

Se elas não aceitam, elas vão dar um jeito. Eu já vi casos em que a pessoa mijou em cima da... Mas não foi para quebrar o feitiço, porque diz que fez o feitiço, você vai lá, mija em cima, que está tudo certo. Acho que você já ouviu falar isso. Mas não foi isso. Foi no caso de realmente profanar, porque não aceita que a pessoa... Você não pode colocar numa esquina. Você tem que colocar o mais longe possível. Mesmo longe, já houve casos em que a pessoa chutou, a pessoa, enfim, quebrou.

Então, acho sim. Acho que é um desrespeito e vai continuar havendo enquanto as pessoas continuarem colocando, gravando, mostrando para o povo o que está fazendo. Gente, eu acho que tem coisas que a gente tem que guardar só para a gente. Só interessa a nós, nossa comunidade. Faz parte para a nossa comunidade. Não faz parte para a comunidade de outras pessoas que professam outra fé.

O que o meu irmão aqui do lado, que é crente, tem que saber o bicho que eu matei, como eu matei e como eu fiz a oferenda? Para quê? Ele pode até ser meu irmão perante a Deus. Somos todos irmãos. Agora, ele não faz a mesma coisa que eu. Ele não professa a mesma fé que eu. Então isso não interessa para ele. E é lógico, para aqueles que comungam comigo na mesma fé.

Não tem eu particularmente; são coisas minhas, tá? Eu acho que é isso que eu penso. Não acho que esteja... Cada um faz aquilo que acha melhor para si. Mas eu não faria. Eu não gosto; eu não gravo. É lógico: se eu limpo meu santo e tiro uma foto e... tudo bem! Agora eu vou colocar lá um orô que eu fiz com cabeça de galinha, pescoço de pato cheio de sangue... Não sei se isso faz bem sabendo o preconceito e até mesmo o racismo que eu sofro.

Porque querendo ou não eu professo uma religião negra. Ah, mas você é claro; você tem pele clara! Gente! Eu me sinto tão negro quanto! Eu sou filho de mãe negra e pai branco; eu não sou negro! Só não tenho a pele! Um dia até entrei numa discussão sobre isso; mas isso é outro assunto.

Pesquisador: O senhor já sofreu algum caso de intolerância religiosa, racismo religioso?

Babalorixá 2: No começo, aqui, sofri bastante. Assim, que eu me lembro, né? Já devo ter sofrido outros, mas não... Mas, assim, no começo, aqui, a gente tinha as pessoas, quando eu abri casa aqui... Na verdade, quando eu abri casa no M.D, porque a minha casa eu abri no M.D, né? Depois de um ano que a gente veio pra cá. A gente veio pra cá em 2001. Mas, em 2000, eu abri lá no M.D, a gente tinha um vizinho na rua de trás, que também era uma Cohab. E a gente tinha um vizinho que, toda vez que a gente tocava, e eu tocava todo domingo, era começar a tocar, era, assim, xingos e xingos e xingos. E, depois, ele tacava umas pedrinhas. Então, aí o pessoal queria ir lá bater no vizinho e falava: "não, gente, não vai. Não vai bater, vocês vão ter que entrar na casa do vizinho." Então, e outras vezes, na saída da primeira obrigação que eu fiz lá chamaram a polícia. Aí a polícia foi na porta e teve que conversar; não sei se tirando sarro ou não, pediram pra baixar o som, pra baixar o volume. E tal, não sei como é que abaixa o volume do atabaque. Mas falamos e tal, conversou e deixou tudo certinho; aí não voltaram mais. Mas praticamente todas as semanas a gente sofria um pouco desses ataques de intolerância. E quando mudou pra cá também no começo era um Deus nos acuda porquê... Mas era coisa mais de... eu acho que mandavam os moleques. Porque a gente nunca achou quem era; quando corria pra ver e que não tinha ninguém; as pessoas falavam: "ah foram umas molecadas", tá não sei o quê. Mas nunca conseguimos achar. E aí foram se acostumando com isso.

Pesquisador: E o senhor já chegou a denunciar?

Babalorixá 2 Os vizinhos mesmo não. Na época a gente não denunciava. Eu acho que só uma vez que nós chamamos a polícia, mas foi por... Aí foi até uma coisa meio absurda. Que o rapaz estava muito drogado; muito muito muito muito; ele quebrou as telhas daqui desse corredor aqui. Quebrou praticamente todas as telhas. Eu estava sozinho aqui e acordei meio no susto; não sabia o que estava acontecendo. Aí chamei a polícia e eles vieram. Mas foi só dessa vez também que eu me lembro. Às vezes a gente sofre sim algumas coisas; você vai fazer alguma coisa no Rio ou algo assim e as pessoas falam; comentam; cochicham; mas nunca diretamente assim né? Então nunca tive muito problema sério não.

Pesquisador: Quais as tecnologias que o senhor acredita que a casa do senhor tem hoje pra enfrentar o racismo? Tecnologia?

Babalorixá 2 : Hoje eu acho que só o celular.

Pesquisador: Não, não, é eu digo tecnologia como uma ferramenta, né? É que aí eu uso a palavra tecnologia como uma ferramenta, assim os formatos, tipo, se o senhor conversa, se o senhor instrui algo, se as pessoas já chegam destruídas. E caso passe por alguma situação, como elas agiriam?

Babalorixá2 : Olha, aqui em casa, eu acho que a grande maioria das pessoas já sabem como elas têm que, o que elas podem fazer, né, pra sair de uma intolerância por exemplo. Aqui por exemplo já aconteceu de uma pessoa quando chegar aqui na porta, o Uber não querer receber o dinheiro. Se for PIX, tudo bem, senão não precisa nem pagar. Como assim, gente? Pra não pegar o dinheiro, porque elas não sabiam que a pessoa era evangélica e ele também não se identificou como evangélico então não tem como você saber e elas também não estavam, né? Não falou pra onde estava indo, né? Então, não tinha como saber. E aconteceu isso aí. E aí chegou aqui, elas fizeram: "não, a senhora vai fazer." A senhora vai fazer porque se não fizer ele vai se acostumar e ele vai continuar fazendo com outras pessoas, né? Então a maioria que vem aqui tem essa noção do que pode fazer, inclusive eu também. Se acontecer

comigo também! Porque uma vez também fui lá no Barracão do seu pai e o cara quando chegou aqui cancelou. Porque estávamos todos paramentados, né? E aí ele cancelou a corrida porque ele não queria ser esse tipo de pessoa dentro do carro. E aí minha filha falou: "não, você não quer? Não tem problema, mas a gente vai processar você." Não sei se processou ou não porque na época eu falei: "ah gente, então já que vocês vão processar se precisar de testemunha ou alguma coisa." Porque todo mundo processar também não vai adiantar nada; B.O só já está bom, né? Então a grande maioria das pessoas que vêm aqui sabem que podem usar esse tipo de tecnologia para se defender ou até mesmo para se proteger. Porque tem pessoas que não têm noção de como fazer. Mas hoje em dia está muito fácil; só não usa se não quiser. Eu acredito que inclusive esse semestre passado a gente falou muito a respeito disso na faculdade. Fizemos até trabalho sobre isso e tal porque era o que estava na pauta no semestre passado – não esse semestre passado foi agora né – do final do ano; no semestre passado do começo do ano. Então teve muita gente que fez trabalho referente a isso.

Pesquisador: O senhor acredita que o Estado brasileiro tem parte no projeto racista contra o candomblé?

Babalorixá 2: O Estado? O Estado? Por que isso eu responderei, sim? Eu acho que em parte, sim. Eu acho que... Eu acho, não, eu tenho certeza que em parte, sim. Porque a política é muito grande. Com relação ao atacar terror. Porque hoje em dia, a gente vê muito, não é intolerância, é terrorismo religioso. Tem muita coisa acontecendo aí. Terrorismo religioso. E isso é influenciado pelo que as pessoas aprendem na política. Com a política. Com deputados, vereadores, enfim. Não vou nem dizer até eleitores que estão ali pra... Não, não tô falando só que o nosso assunto aqui é esse. É sobre o racismo religioso. Mas, se você for negro, gay, trans. Não precisa falar mais nada. É... Seremos atacados e, politicamente falando, culpa do Estado. Porque é o Estado que permite isso. As leis são muito brandas. Então, vamos continuar sofrendo isso, sim. Eu vou morrer e não vou ver alguma coisa que... Vocês, mais jovens, talvez encontrem. Mas, se não for feito nada, vai continuar acontecendo. E é o Estado que tem culpa disso, sim.

Pesquisador: Por que pessoas negras não estão no candomblé?

Babalorixá 2: Existem muitos motivos para isso. Não posso culpar apenas o racismo religioso. Há muitas decepções em relação a dirigentes religiosos e ao embranquecimento da religião, que as pessoas não estão percebendo.

Como isso se relaciona com a percepção do negro dentro do candomblé?

Muitas pessoas ainda veem o negro como escravo dentro do candomblé. O tratamento que uma pessoa negra recebe em comparação a uma pessoa branca, mesmo quando ambas têm a mesma idade, é frequentemente desigual. Isso acontece em algumas casas de candomblé, e já houve reclamações sobre esse tipo de tratamento.

O que acontece quando alguém se sente maltratado?

Já vi pessoas decidindo sair da casa por causa do tratamento que receberam. Quando se questiona o comportamento de alguém que maltrata outra pessoa, pode haver resistência e até mesmo a pessoa se sentir ofendida, levando à saída dela da casa.

Existe racismo inverso dentro do candomblé?

Não acredito que exista racismo inverso. Mas já vi pessoas negras tratando brancos de maneira superior por serem iao. É uma situação complexa, onde se observa um tratamento desigual.

O que leva alguém a abandonar o candomblé? Muitas vezes, a pessoa não está satisfeita com o tratamento que recebe ou com o que veio buscar na casa de candomblé e acaba migrando para outra religião, acreditando que lá será mais respeitada ou terá melhores condições de vida. Contudo, isso é uma ilusão, pois muitas vezes ela será apenas mais uma.

Pesquisador: Como o candomblé mudou a vida do senhor?

Babalorixá 2: Nossa, em vários sentidos,a princípio, eu acho que, quando eu fui para o candomblé, eu nunca fui de outra religião né, eu sempre fui espiritualista, eu era de umbanda. Então, desde que eu nasci, mas ao ir pro candomblé, eu acredito que eu passei a ver as coisas de uma forma bem diferente do que eu via antes. Eu acreditava que o candomblé e a umbanda eram a minha vida, né? Não que não fosse; até no momento era.

Mas o candomblé me ensinou muita coisa. Ele me ensinou, principalmente, a ser humilde, que era uma coisa que eu não era tão humilde assim. E eu vou falar de boca cheia porque não é que eu aprendi a diferenciar a humildade de ser besta. Eu comecei a entender que não é porque eu sou o bonzinho que fala amém pra tudo. Apesar de na nossa religião o amém não significar muita coisa, eu comecei a entender qual era a minha posição, o que eu estava fazendo dentro da religião.

Comecei a respeitar mais o outro como ser humano, não achar que eu era melhor que ninguém. Porém, também não era pior que ninguém. Apesar de vir do candomblé, onde você não abaixa e não olhava nos olhos das pessoas, você começa a entender que não é bem por aí. Quando comecei a entender o candomblé foi aí, nesta época, que percebi: eu não sou melhor que você; você não é melhor que eu; e assim como nós não somos melhores que ninguém, todo mundo é ser humano.

Todo mundo chora, todo mundo sente dor, todo mundo ri e brinca. Enfim, outras coisas que sabemos que todo mundo faz. E se um dia cairmos num hospital, sinto muito, mas será um ser humano ali cuidando de você. Se for num hospital onde você possa ter tratamento melhorzinho, beleza; mas enquanto estão olhando pra você — seja algum parente ou algo assim — fora isso, você vai ser tratado igual a todo mundo. E quando morrer, não vai ser diferente de ninguém. A não ser que a pessoa queira ser cremada; aí foge da nossa religião.

Eu ainda vou descobrir isso porque não concordo com o que falam. Mas não vai ser nada diferente! Então descobri que no candomblé quando passei a ver de outra forma

comecei a ser um pouco mais feliz com relação a isso: saber que eu não preciso ser humilhado nem humilhar ninguém. Para mim, o candomblé começou a fazer sentido.

E ia ser mais solícito; porque achar só que pode ser servido está tudo errado! Se o candomblé for só isso, está tudo errado.

11.4 Entrevista Babalorixá 3

Pesquisador: Senhor, quem é o senhor, como o senhor se identifica?

Babalorixá 3: Bom, eu sou o Babalorixá 3, um homem negro de 44 anos, que ia me dar 10 anos a menos. Sou homem negro, gay, profissionalmente sou professor, atuando no ensino fundamental e educação infantil aqui na Prefeitura de São Paulo, efetivo há quase 25 anos. Eu também sou sacerdote de religião de matriz africana, especificamente do Candomblé, onde tenho uma casa no bairro do Tremembé, na zona norte de São Paulo. A casa se chama Terreiro e conta com aproximadamente 100 pessoas entre filhos mais próximos, retirando os atendimentos diversos. Sou o quarto de sete filhos e nasci e cresci em uma favela que fica a menos de 10 quilômetros de onde moro hoje, no bairro do Parque dos Chaves. Nesse lugar, me formei e estudei todos os níveis da educação básica. Fui aluno da escola estadual Gabriela Mistral e fiz o curso técnico de magistério na escola Johan Gutenberg, onde me habilitei para a educação infantil. Me formei em 1998 e prestei concurso para a prefeitura em fevereiro de 2000. Hoje sou graduado pela Universidade de São Paulo desde 2005 e estou mestrando em educação pela Unifesp. Axé.

Pesquisador: como se tornou sacerdote, um pouco da sua história

Babalorixá 3: contar um pouco, uma pequena história, né, é bem resumida pra você entender um pouco, eu fui de criança, ainda criança, eu sempre fui uma criança muito ligada à religiosidade, muito pequeno. Minha mãe é umbandista, sempre a acompanhava, aos terreiros, as festas que ela participava, sempre via a minha mãe trabalhar com os seus sete flechas, que era o seu caboclo, minha mãe atendia as pessoas, dava consulta, dava passe, dava as receitas, pra ajudar as pessoas. E ainda muito criança, tive as primeiras manifestações de mediunidade quando eu passei a ser perseguido por um espírito, né? Inicialmente esse espírito começou a me perseguir em sonhos, através de sonhos, mas depois eu comecei a ver esse espírito,

e aí você pensa em uma criança de 5 anos e esse espírito apareceu do lado da cama e depois começou a aparecer quando eu ia tomar banho e eu passei a ter medo a acordar de madrugada, eu passei a ter medo pra ficar sozinho, né? não tomava banho mais sozinho, e isso começou a me fazer problemas, claro. Inicialmente minha mãe me leva a um centro kardecista, onde eu frequentava, ainda criança, e aí nesse centro é comunicado pra minha mãe que era já da minha mediunidade, mas por ser muito criança isso poderia eventualmente me trazer algum problema. Então, eles falam que não podem investir comigo, né? Vocês não podem desenvolver essa mediunidade, e aí minha mãe, desesperada com o que tá acontecendo, porque inclusive minha mãe a ameaça de me bater com o espada de São Jorge, porque se fosse algo na minha cabecinha, na cabeça dela isso seria resolvido e aí eu, mas não resolve, ameaça não resolveu e ela viu que era coisa séria, e aí ela me levou até um terreiro de umbanda que ainda existe no Bairro Edu Chaves, que é tocada pela dona Maria José, terreiro de umbanda João do Laço, e foi com o Caboclo Pena Verde da dona Maria José, quem faz essas mirongas, e mandou me mandar fazer uma mironga embaixo da minha cama, mas avisa minha mãe que em algum momento essa mediunidade voltaria. Minha mãe fez o que foi indicado, e aí de fato essas manifestações, essas visões, essa sonharada que eu estava com o espírito, esses sonhos com o espírito acabaram, cessaram. Bom, como no Brasil ninguém nasce preto, e todo mundo vai pra, a gente é sempre levado pra espiritualidade, pra religiosidade dominante, que é a religiosidade cristã, quando eu estava mais ou menos, aliás, que eu fazia parte, eu fazia parte de um centro comunitário que era confessional, que era ligado à igreja católica do bairro, e no contra turno escolar, nós ficávamos nessa instituição, onde a gente tomava café, almoçava, fazia atividades pedagógicas, de reforço escolar, aquela coisa toda, e aí esse centro comunitário, por ser confessional, dava pra gente a possibilidade, ofereceu pra gente a possibilidade de fazer a primeira comunhão, eu estava com 9 anos, eu não tinha feito ainda, mas como meus amiguinhos da escola tinham, já estava fazendo, então eu inseri nesse contexto aí, e aí fui engolido por essa religiosidade dominante, fiz parte da igreja católica, comecei a frequentar as missas dominicais, e aí eu ia pros ensaios, do coral, de crianças, aprendi a tocar violão, pra tocar nas missas, fui ministro de eucaristia, ministro de liturgia, viajei pra fora do estado de São Paulo, pra ser, ter o ministério, né, pra fazer, tanto pra ministrar quanto pra ter cursos de liturgia, pra fazer custos de liturgia, isso ainda durante a minha adolescência, foi um processo,hoje eu entendo que é um processo violento, porque a

gente não tem opção, no Brasil a gente não é nos dado a opção de não ser cristão, tudo aquilo que sai, que desvia disso, é rechaçado, mas a gente vai ver mais pra frente, e a gente vai pro possível de sentir isso, a minha inserção na religião cristã católica, foi tão forte a ponto do padre, a época, cogitar e me enviar pro seminário, né, eu tinha um sacerdotal, eu sei que eu tinha mesmo, como eu tenho hoje, né, como eu tenho hoje, mas, em 1995, em 1995 eu ter acabado de me crismar, tá, olha só, me crismei em 1995, me crismei em agosto, se eu não me engano, quando foi em setembro minha mãe me convida pra ir numa festa de terreiro, em um terreiro de umbanda que tinha, que tinha lá no bairro vizinho, e muito movido inicialmente pela curiosidade, eu me joguei na festa com ela, e quando eu pisei, já adolescente, já um pouco mais consciente, e aí eu preciso fazer um adendo aqui, abrir um parênteses, e durante esse processo eu estava com formação no curso de magistério, e eu tive um professor de história que ele, eu falo, eu converso com ele hoje, eu falo pra ele que ele foi o grande responsável por expor as mazelas do catolicismo, e que me fez romper o catolicismo ali naquele momento, ele me fez, eu entrei numa crise severa com a religião cristã, a partir daquele momento, quando eu consigo entender como a igreja católica colaborou, ratificou a escravidão dos meus ancestrais, e isso me abriu, eu entrei numa cabeça de um adolescente de 15 anos, em crise com a sua religiosidade, porque eu estava muito inserido.

Então é nesse contexto, é nesse contexto que eu, convidado pela minha mãe, fui até essa festa de terreiro, no Jardim Brasil, terreiro de Umbanda, cacique, pai pena branca, e quando eu entro naquele terreiro, eu não sei o que me moveu, hoje eu tenho consciência do que me moveu, mas aquilo eu não sabia, eu só sabia que era aquilo que eu queria pra mim, eu só sabia que eu queria estar naquele lugar, eu queria estar naquele ambiente, eu queria estar, fazer parte daquilo. Ela não sabia, não sabia como, porque minha mãe sempre dizia que terreiro é muita responsabilidade, aquela coisa toda. E aí quando eu fui nesse terreiro, a primeira festa eu saí de lá, e que a mãe de santo terminou, encerrou a festa naquele dia, nos convidando a todos que estávamos lá, para a gira da semana seguinte, que era a gira do Boiadeiro. Então, naquele momento eu estava na igreja, e sabendo, recebi, fui catequizado convidado a entender, que aquela prática, que era a prática da minha mãe, que era a prática do meu avô, era ruim, era demoníaca. Então, eu queria estar ali, mas ao mesmo tempo

eu queria permanecer onde eu estava, porque era uma zona de conforto pra mim. Era essa zona que me protegia de ataques das outras pessoas. Minha mãe já era atacada, chamada de macumbeira. Justo isso aí no início, no meados dos anos 80, início dos 90, meados dos 90, isso coaduna, isso está muito próximo, e aliás, concomitante, com a grande, com a expansão do evangelismo no Brasil. É aí onde as igrejas evangélicas são mais incisivas, elas vão catequizar também, elas vão evangelizar, elas estão lá, eu frequentava as sessões de evangelismo, a casa de pessoas lá, participava de cultos, porque a igreja evangélica passou a ser mais enfática, mais incisiva na captação de pessoas para sua horda. Então, vendo minha mãe sofrer, automaticamente eu podia me afastar desse lugar, que também poderia nem ter que fazer sofrer. Pois bem, na semana seguinte, ainda com muito medo, acordei cedo, fui pra igreja, toquei na missa, a missa que eu tocava era a missa das crianças, e aí, eram umas horas da manhã, acabou, fui pra casa, né, e aí, deu um “siricutico”, troquei e fui pro terreiro. Muito com medo de ser visto, de ser reconhecido, e aí, foi quando, e aí foi a hora de eu passar com, um boiadeiro, com uma entidade que estava incorporada numa pessoa lá, e aí, o boiadeiro, e eu conversando com boiadeiro, uma entidade, eu comecei a me sentir meio tonto, como se, uma sensação de desmaio, bom, uma pessoa que estava completamente desacostumada, aquela, a ambientação, aqueles toques, a defumação, e aquilo começou a me fazer muito mal, assim, no sentido, eu achei que estava, eu achei que estava, eu estava muito mal, né, você fica muito, tonto, assim, uma sensação de desmaio, e a voz da entidade foi ficando uma cada vez mais longe, longe, e eu não conseguia mais entender o que ele estava falando, ia tentar as palavras dele, até que eu falei, ô moço, ô moço, eu posso, apesar do cavalo ser uma mulher, ela estava em entidade ali, né, eu falei, ô moço, eu posso falar uma coisa? Aí ele falou, a gente falou, claro, pode, eu acho que eu estou passando mal, e aí ele falou, ele deu uma risadinha, de canto boca, ele falou, tá passando mal? Tá bom. Ele me deu uma vela, ele falou assim, vai, tá vendo aquela pedra que está na frente do Congá, vai lá e firme essa pedra, aí eu, Batendo, me batendo, eu caindo para um lado, caindo para o outro, o moço que estava camboneando, tendo que me amparar, eu não estava entendendo nada, eu falei, meu Deus do céu, o que está acontecendo? Que loucura é essa aqui? Eu estou passando mal, estou passando mal. Bom, eu fui lá, botei a vela toda bem tremendo, e, aí, quando eu voltei, ele pediu para estender minhas mãos, e falou assim, agora fecha os olhos, e só pense em Oxalá. Bom, ele falou isso, e aí, de repente, eu me vejo no meio do

barracão, pulando, chacoalhando, um laço imaginário, e gritando, eu falei, o que está acontecendo? Que loucura é essa na tua cabeça? E aí, foi quando eu tive a minha primeira manifestação, de entidade eu já estava com 15 anos.

Quando eu volto, quando eu recobro a consciência,é como se eu tivesse lavado a alma, assim como se eu tivesse tirado um, hoje eu falo que é um ebó, um ebó ancestral, um ebó de carrego ancestral, que estava em mim até ali, eu falei, e aí eu tive certeza que é, qual era o meu caminho. Dessa data em específico, as entidades começaram a se manifestar, porque aí eu comecei de manhã a entrar para a igreja e a noite pra macumba

Pesquisador: uma dupla pertença?

Babalorixá 3: Exato, a dupla pertença porque o que é muito comum no Brasil, muitas pessoas fazem isso, é muito comum que ocorra ainda hoje, só que durou muito pouco tempo, porque aí a igreja deixou de fazer sentido pra mim, a igreja deixou de ser algo que fosse relevante, não tinha mais sentido permanecer tocando na missa, tal, e foi quando eu rompo de vez com a igreja e mergulho na Umbanda, com o trabalho com as entidades, e tal, e nesse terreiro, eu acho que cada terreiro tem a sua hierarquização, o seu modo de operar, e ali tinham certas obrigações, e geralmente só ao final da 7ª obrigação, as pessoas poderiam dar passes, se tornar passistas, né, a menos que tivessem um chamado muito mais forte ali, então eu entro nessa com 15 anos de idade, ainda com 15, porque eu fui o primeiro de 98, fevereiro 96, e eu me batizo nessa casa de Umbanda, e é o segundo batismo que era batizado, já por seu Pena Verde, lá no passado, quando começou aqueles, aquelas coisas de perseguição espiritual, e aí, e aí, ainda nesse ano, em 96, a entidade, a Pena Branca, que era a entidade-chefe da casa, me chama, e aí ele começa a fazer umas perguntas, pra saber se eu sabia o que era a erva quente, quais eram ervas quentes, ervas frias, se eu sabia interpretar um ponto, de entidade, tal, tal, tal, e aí nessa, e aí ele fala, então a partir de hoje você vai ser passista com 16 anos, ele me alça o grau de passista lá, ainda muito novo, comecei, eu e minha entidade começamos a atender as crianças, mas ainda assim, não fazia muito tempo pra que eu, de fato, passasse a atender também os adultos, e tão forte que foi o boom ancestral, da manifestação ancestral

na minha vida, né, e é nessa, então é nessa época que eu conheço as entidades que eu posso fazer o trabalho até hoje, seu gentileiro, seu marabô, e aí todas as entidades que aquela casa trabalhava, todas as linhas, baiano, preto, velho, ere, marujo, marinheiro, né, e todas as linhas que aquela casa trabalhava, minha entidade se apresentava, os ciganos, quando me aproximo ali dos meus, é nessa época também, enquanto eu estava nessa casa de

umbanda aqui, eu que, minha mãe, sofreu acidentes muito sérios, que eu perco minha mãe, para violência, vítima de violência, então já estava com 17 anos, e aí foi uma fase muito difícil, onde hoje eu entendo que eu entendo uma depressão muito profunda, mas quase não se falava sobre isso, em depressão ainda, era tinha como coisa como desculpa, e ainda mais nesse momento que eu precisei tanto de apoio, né, eu precisei tanto de apoio, a pessoa que eu achei que fosse, que mais fosse me apoiar, foi a mãe santo dessa casa de umbanda, onde eu me afastei dessa casa de umbanda, e aí eu fiquei um período muito sem referência religiosa, né, aquela casa já não me comportou.

Tinha me feito mal, né? E aí eu tentei, confesso, tentei voltar pra igreja católica. Mas aí eu já estava com 18 anos, eu já entrei lá," eu falei assim o que é que eu estou fazendo aqui? O que é que estou fazendo aqui? O que é que esses homens estão falando? "Pra mim não faz sentido nenhum isso aqui mais. Não deu certo claro que não deu certo eu essa tentativa de regressar para o pro cristianismo católico. Pois bem, nessa casa de umbanda eu conheço uma irmã de santo, conheci vários irmãos é claro, mas uma irmã de santo a gente a gente se aproxima muito, e aí ela por alguns motivos dela, ela se aproxima do candomblé, a irmã dela tinha amigo que era Babalorixá e, ela faz ela faz tratamento espiritual com esse com esse sacerdote e ela me chama. Quando eu fui para a casa dela, aí eu fiquei maluco," eu falei o que que aconteceu? você foi para o candomblé, você ficou maluca não" e não sei o que não sei o que você. Isso foi num domingo na segunda-feira, eu bati na porta desses sacerdotes. Que era pra ficar muito próximo de onde eu morava. Falei "olha, eu sou amigo da fulana tal, gostaria de conversar como senhor". Aí, nós, eu entrei e tal, ele estava terminando de fazer janta e jantei com ele e começamos a conversar, olha que horrível né? Eu jantei com o pai de santo no primeiro dia e a gente começou a conversar.

Pesquisador: Muito comum também né?

Babalorixá 3: Muito comum. No candomblé a comida tem muito presente né? A comida é a nossa comunhão. E aí, essas conversas ficaram recorrentes, todos os dias eu estava na casa do homem, todo dia estava jantando com ele. Ele também estava numa fase muito delicada porque a mãe tinha acabado de sair da casa dele então ele estava, então acho que uniu o útil ao agradável ali e tal. Bom, no mês seguinte eu marquei o primeiro jogo de búzios. E foi quando eu fui na primeira vez que eu ouvi falar em oxaguian, né? No primeiro jogo de buscas, ele falou "olha, você pode até ser de outro orixá. Mas hoje mas o Ogiyan é muito presente no teu jogo e se hoje eu precisasse te iniciar, você seria na minha casa sairia do Ogiyan. E você tem caminhos para iniciação", aquela coisa, eu não sabia nem saber o que era isso de fato, mas ouvi com muita atenção. Então sai na casa dele achando ele maluco naquele dia porque eu tinha muito apego ao orixá que foi me dado na casa anterior. E aí ele foi me levando, e aí marquei um ebó e um bori para acalmar a cabeça e depois a gente vê essa questão de outro orixá. No dia vinte de novembro de dois mil, olha só, eu me recolho, na verdade era micro recolhimento mesmo porque começava tudo começava na sexta-feira e durava até domingo, o bori, foi recolhido ali, dia vinte de novembro eu tomo meu bori, e aí depois na sequência, ele marcou e me mandou ir lá gente fez comida para o pro orixá que eu cheguei na casa dele que eu ainda pra o me levou no quarto de santo no pé do santo dele no quarto no pé do de logun edé, E aí foi quando ele falou, ele cravou você é, de oxaguian, minha cabeça, um turbilhão de coisas, e aí eu fui pra ele falou "você tem alguma dúvida meu filho" eu falei assim, "eu posso ir ao banheiro?" O banheiro era porta a porta com o quarto de santo, eu fui entrava de costa e quando eu fui virar, cai duro no chão. Tem algo que a gente chama hoje de bolar no santo, né? Que o que é o bolar no santo? É quando uma pessoa não inicia, recebe ou tem ou fica a energia do orixá essa pessoa fica muito próxima, e como o corpo não tem preparação, o orixá a pessoa cai desacordada no chão. Como desmaiar né?

Isso aí foi no início de no final dos mil, em 2001 a gente já estava começando a frequentar a casa de falar, isso é participar dos rituais, ajudar, preparar, ebó, bori.

Então como era eram pouquíssimas pessoas, então eu estava sempre do lado dele para ajudá-lo. Até que em julho, eu entro pra fazer santo final de junho e julho, dia vinte e vinte sete de julho de dois mil e dois, é quando o pai Oxaguian pula seu nome, seu Orukó, no barracão e anunciando assim o nascimento de mais iniciado pra esse orixá. E ali é de fato isso na minha jornada como filho de orixá, eu iniciei com o Babalorixá. E ali comecei a minha trajetória onde eu, eu aprendo a ser bom vodunce, onde eu cresço, dando os primeiros passos, eu aprendo o que é ser de fato a ser filho de orixá, eu aprendo a hierarquia, eu aprendo a cantar, eu aprendo a dançar, eu aprendo a tocar atabaque, eu aprendo a rezar pro orixá, eu aprendo a fazer banho de folha, eu aprendo, quem são os orixás, então, foram, anos muito importantes da minha vida, importantes e decisivos, eu vou entender isso mais pra frente né.

O candomblé é uma religião iniciativa, onde você após a iniciação você precisar renovar os votos cíclicos né em obrigações cíclicas. Então com a obrigação após a iniciação. Então vamos lá primeiro eu iniciei Abian, que é o primeiro grau dentro da casa de axé onde a pessoa não é iniciada, quando eu início em 2002 eu me torno que é o primeiro grau da hierarquia no candomblé, enquanto o Iyawo é onde eu tenho aprendizado, mais, mais forte mais pesado, é período de mais período de aprendizado mais efetivo. E aí ainda Iyawo existem as renovações de votos que nós falamos de obrigação, né? É obrigação de 1, depois obrigação de três. Na casa que eu estava no meu pai dava obrigação de cinco, e me tornei Ebomi, que é o que é o segundo grau, se eu considerasse abianato, terceiro grau hierárquico dentro de uma casa de axé, me tornei Ebomi, em julho de 2010 quando eu completo, eu arreio, né, minha obrigação de sete anos me tornando ebomi. Ainda Iyawo, Logun edé, que é o patrono da casa, me suspende pai pequeno da casa, que é auxiliar braço direito do pai de santo, exerce esse cargo durante o tempo que permaneço naquela casa. E só me afastei dessa casa, eu já estava com onze anos de santo. Então foram pelo menos treze anos de dedicação a essa casa, ajudar a identificar essa casa, a instruir pessoas, eu criei barcos pra casa, eu ajudei a iniciar pessoas, eu colaborava com a casa enfim, tudo aquilo que se espera de bom filho de santo.

E, me afasto dessa casa depois de onze anos de iniciado, com pensamento muito voltado pra academia, mestrado e doutorado. Mas aí vem uma outra parte da minha vida, que é o babalorixá 3 carnavalesco. Eu sou filho de Sambistas, minha avó, meus

tios, meus tios, todos eram sambistas, desse lado meu tio era, chefe de ala na X9 Paulistana, depois Acadêmicos do Tucuruvi. E eu sempre cresci nesse meio, fazendo fantasia Virava a noite fazendo fantasia depois a gente virava a noite assistindo carnaval, depois veio pra Avenida, dentro da Avenida Tiradentes. está aí, quando estava mais ou menos 98 eu sempre fui apaixonado pela arte do casal Mestre Sala e porta-bandeira. E começou mais ou menos noventa e oito eu me torno o mestre sala de algumas agremiações aqui em São Paulo. A primeira agremiação foi passo de ouro depois eu fui mestre sala.

Como por exemplo Acadêmicos do Tucuruvi que é muito próximo e também na zona norte de São Paulo. Depois eu fui nessa sala lá da Mocidade Alegre, em dois mil e quatro, quando a gente é campeão no carnaval de São Paulo. Fui Mestre-sala da Leandro de Itaquera também 2014, e aí a Leandro de Itaquera me apresentam duas pessoas que foram muito importantes pra minha trajetória sacerdotal, porque enquanto você quando você toma seus sete anos, você se torna ebomi e uma delas me pede pra abrir o jogo de búzios, eu não tinha não muito, né, não ia fazer nada disso tal. E aí fez despretensiosamente abrir o jogo de e essa pessoa me diz, essa pessoa é M.,do carnaval. “Olha, se meu pai melhorar eu faço o santo”. O jogo tipo que ele fizesse algumas coisas e aí fez o que o jogo determinou, o pai dele fica bem e aí então me dá a lista eu quero fazer meu santo. Eu fiquei desesperado porque não estava em casa de ninguém naquela época. Busquei um amigo pra me auxiliar, sua casa também era do oxaguian com a sua casa está aqui, você precisava desse espaço pra fazer os seus filhos e tal. E o que era na verdade fazer seu filho né? O que era pra fazer isso, O que era pra ter barco de uma pessoa só, no jogo de apurar a iniciação, Oxóssi não entra sozinho, e que era pra ele botar a menina que mora que vivia com ele que é a M. que é que foi minha, que eu fui apoio de casal dela e do de do outro mestre sala e depois eu fui lá pra minha parceira, de dança. E aí e aí depois determina que a M recolha com o M. Eu quase caí na cadeira de susto, que era pra iniciar uma pessoa só, já era pra poder começar com dois, mas assim foi feito. No primeiro barco, o M. Oxóssi e M. do Oxum, pulam o nome no dia cinco de julho, 2014, quando eles têm nome e ali inicia nossa casa de oxaguian.

Pesquisador: E aí pensando nisso quais eram os seus planos no início do sacerdócio?

Babalorixá 3:Primeiro que não tinha plano pra ir no sacerdócio né eu falei que meu plano era academia era mestrado e doutorado, mas pra onde eles querem que eu esteja, né? No início, quando eu fui pra aquela casa lá do Jardim Brasil, era meu plano zero, eu não quero casa de axé, eu vou cuidar dos meus ibás, tinha um quarto só pros orixás, A gente põe a água, põe a vela, põe as flores, põe comida seca, faz a matança se for preciso, quando for preciso e tal, mas é isso, eu não quero mais que isso. Esse era o meu plano, porque eu estava muito empenhado em ir atrás da academia de mestrado e doutorado, né? Mas oxaguian falou “não não não não não”. Eu já tinha feito aliás quando isso começou, eu já tinha feito uma pós graduação em educação de jovens e adultos pelo pela instituto Federal de São Paulo então, oxaguian esperando eu falou olha você já estudou graduou foi pro carnaval fez tudo não foi? Agora é o meu momento. Então aí quando eu entendi esse rolê, e aí foi quando eu já conhecia a Pai S. né, já conhecia da época de Orkut das comunidades de Orkut já adorava a o posicionamento dele adorava enfim as ideias conversava muito. E aí eu entendi que eu precisava de alguém que me respondesse né? Porque a gente, quando eu abro a religião de transferência, onde a gente não se faz, ninguém se inicia, e ninguém se dá axé. Então eu precisava que alguém me orientasse mesmo porque muito no começo eu precisava muito que alguém me orientasse. Foi período que eu busquei frequentar casas grandes, casas pequenas, eu fui pra candomblés muito luxuosos, candomblés muito simples, mas e mas na verdade eu precisava de eu precisava de uma figura de referência com a qual eu me identificasse, né, porque é alguém que ia nortear e ia dizer muito sobre o meu sacerdócio porque se eu vou pra lugar onde eu não consigo, eu não consigo ter o mínimo de diálogo ou lugar ideologicamente muito diferente daquilo que eu acredito, não ia dar bom, eu já me conhecia né, já era professor, já tinha, então eu sabia que não podia ir pra qualquer lugar, não era qualquer lugar ,que qualquer espaço que me encaixaria. E aí eu fui atrás do pai S. e pedi pra que ele me orientasse, E aí a casa de oxaguian começa a tomar forma, né? Já soube a orientação do pai S. que tem uma que tem pensamento muito igual ao meu, nós somos homens, pretos, LGBTs, não somos herdeiros e filhos de família pobre, somos professores, a gente não aceita candomblé de opressão, né, então não podia ser ou qualquer pessoa, tinha que ser uma pessoa que estivesse

muito alinhado a aquilo que eu acreditava porque senão não daria certo então. Um Candomblé possível, um candomblé onde a gente possa se se encontrar, candomblé preto, pessoas pretas, para pessoas pretas, e onde eu consiga, eu consegui me ver, né, quando eu era quando eu não tinha quando eu não era racializado totalmente racializado, né? Então eu acho que eu tenho um candomblé que eu consigo me ver aqui, eu acho o orgulho da minha casa ser uma casa de referência preta sabe, me orgulho. Então inicialmente eu não tinha a menor pretensão de casa não, tudo aconteceu porque oxaguian quis mesmo.

Pesquisador: O que define um sacerdote?

Pergunta complexa. O sacerdote, no limiar da palavra, Babalorixá, ele é o pai do segredo do orixá, é aquele que detém o segredo para encantar os orixás, é aquele que orienta as pessoas para tudo aquilo que possa ser via de morte, né? O candomblé é um lugar de vida? Tudo aquilo que pode aproximar, que possa aproximar os meus filhos e filhas da morte, eu posso orientá-los para evitar esse tipo de coisa então. o Babalorixá é essa pessoa que orienta as pessoas para a vida em justa contraposição a tudo que produz a morte, a morte de prematura, a doença, a miséria, a fome, a falta de saúde porque doença ter saúde não é ausência de doença né? Aos cuidados básicos pra vida assim e aí em contraposição em oposição a essa questão do que liga a morte, a gente vai produzir a vida através da prosperidade, da saúde de caminhos abertos, da riqueza, boas amizades, das trocas justas, eu acho que se eu para sintetizar o que é seu sacerdote é exatamente isso.

Pesquisador: o que é candomblé?

Candomblé é um amálgama de cultos africanos que aportaram aqui no Brasil com os escravizados e que a força da opressão era impedida de cultuar suas divindades. Então, nós temos aqui no Brasil, o que nós temos aqui, não é nada que se assemelha

ao que existe em África. Em África, o culto aos orixás, eu gosto dos orixás porque é aquilo que eu culto, por ser uma casa de tradição ketu, eu vou falar muito dos orixás. Em África, o culto aos orixás ou às divindades, eles são cultos familiares, eles são cultos regionais ou daquela aldeia, daquela cidade, daquele estado, e não é um culto genérico para todas as entidades. Ou seja, todo mundo que nasce na região de Oxogbô, culto a Oxum E aí, quando os escravizados chegam aqui e são impedidos de cultuar suas divindades, eles acabam criando uma forma de resistir a essa opressão. Eles escondem a imagem, o altar, ibás, orixá, que representa a sua divindade, aquele seu ancestral, e aí por cima colocam uma imagem do santo católico. E aí eles rezam na língua deles, mas estavam rezando por orixás e não pro santo católico. Então, foi uma forma de resistência e a gente está falando aqui de sincretismo religioso. Então, o candomblé é este lugar, é um quilombo, é um quilombo, falando da comunidade tradicional de terreiro, a comunidade de terreiro, o terreiro é um quilombo que resiste, apesar das opressões que ainda a sociedade nos impõe.

O candomblé quer pessoas livres. Candomblé, tanto é que a gente fala que a gente não tem a figura do diabo, né? Essa figura é tão usada para manipulação, O candomblé é um quilombo de resistência que visa a produção de vida cuidando de pessoas, cuidando de cabeças, cuidando de ori. Eu acho que isso resume o candomblé, assim, uma perspectiva bem afro-centrada mesmo. O candomblé é um quilombo de resistência que visa a produção de vida cuidando.

Pesquisador :o candomblé é uma religião negra com valores cristãos?

O candomblé é uma religião negra com valores cristãos, por que? A gente precisa voltar a história de como o candomblé se formata no Brasil. O primeiro terreiro de candomblé que se tem notícia no Brasil, o primeiro espaço terreiro, é uma comunidade que tem um culto muito semelhante àquilo que nós praticamos ainda hoje. A comunidade é o terreiro da Casa Branca, o ilê axé iya nassô oká", fundado exatamente por iya nassô, Adetá e Akalá. Em Salvador, portanto, o candomblé que nós praticamos, mesmo aqui em São Paulo, aqui no sudeste, é um candomblé de origem baiana, ou seja, a fonte do nosso candomblé é a Bahia, onde estão as Casas Matrizes. E a gente não pode desconsiderar que os ancestrais tiveram que manter o culto aos

santos católicos, a força da imposição e até como estratégia de sobrevivência mesmo. Ainda hoje, todas as Casas Matrizes, pelo menos as que eu já fui, todas as Casas Matrizes mantém um altar com imagens de santos católicos. Então os valores cristãos atravessam muito o que o candomblé ainda pratica. Os valores cristãos atravessam sim o que o candomblé ainda pratica. E aí há um movimento muito inspirado na Saudosa e a mãe Stella de Oxóssi que nos deixou há pouco tempo, quando ela rompe com este lugar, que nós precisamos nos assimilar a santos católicos para existir. Mãe Stella foi no movimento em Iansã, Santa Bárbara não é em Yansan. E aí é nesse movimento que eu me filio, aqui como sacerdote, para romper e descolonizar o candomblé. Ainda hoje é muito comum, sobretudo nas casas mais lá do Nordeste, que sacerdotes e pais e mães de santo levem seus neófitos, levem seus vondunces para tomar a bênção de padres, como se nós ainda precisássemos da bênção ou da permissão de um sacerdote, que não é um sacerdote de matriz africana, para existir. E isso para mim não faz o mesmo sentido hoje. Respeito às pessoas que em nome da sua ancestralidade ainda usam dessa prática, mas eu também não critico quando o padre fecha a porta na cara desses sacerdotes. O padre está sendo padre. O padre está sendo padre. A nossa tradição para ele, a nossas práticas para eles, são para a igreja católica ainda hoje, são práticas demoníacas. Então o padre está sendo padre. Então eu não acho que eu não levaria jamais, nunca levei, não levaria o Iyawo meu para bater cabeça para um Abian, porque o padre não é sacerdote de candomblé. Então para mim não faz o menor sentido. Respeito, mas não faria, não fiz, não farei. E é isso, é isso.

Pesquisador :O público frequenta a Casa do Senhor?

Babalorixá 3: A Casa de oxaguian até pelo meu discurso, que é muito aliado à descolonização, à descolonização, e um discurso afrocentrado, um candomblé possível, um candomblé preto, um candomblé onde as pessoas possam se enxergar. Eu tenho, não vou dizer, para mais de 60% das pessoas que vivem em minha casa são pessoas pretas, ou mais, eu estou citando por baixo, até a pessoa tem esses dados estatísticos aqui, eu tenho esses dados, eu só tabular, mas para mais de 70% de pessoas pretas, por conta do meu discurso, meu discurso é um discurso afrocentrado, é um discurso onde eu valorizo, eu trago as nossas raízes, então é um discurso decolonial, onde a gente aqui não vai, a gente não vai cumprir, com esse

papel da hegemonia religiosa, com o cristianismo compulsório, e aí a Ellen tem um texto que fala exatamente isso sobre o cristianismo compulsório, e aqui em casa é isso. Então, são pessoas em sua maioria pretas, os jovens e pobres, ou seja, de classe baixa, média baixa, que estão lutando aí para a vida, que me veem como exemplo, porque eu sou homem preto, homem preto periférico, saio da favela, que estudei, que trabalho, me formei, então as pessoas aqui são muito aliadas a esse discurso, da potencialidade, o lugar também é o lugar da repotencialização de pessoas, e as pessoas brancas, até tem pessoas brancas na minha casa, eu gosto de falar isso, até tem pessoas brancas na minha casa, porque é uma fala meio irônica, usando um recurso que as pessoas brancas utilizam quando a gente chama elas de racistas, “mas eu não sou racista, eu até tenho pessoas, eu até tenho amigos pretos”, então eu falo isso com uma forma de ironia mesmo, eu até tenho pessoas brancas na minha casa, mas o que eu não abro mão, é que as pessoas brancas na minha casa sejam pessoas aliadas na causa antirracista, porque não faz sentido você ser racista com o candomblé, não faz sentido você apoiar uma pauta higienista de ser de candomblé, não faz sentido você apoiar o desmatamento de ser de candomblé, porque o candomblé é natureza, como que você vai cultuar a natureza se você apoia quem mata, quem desmata, quem faz queimadas, não, para mim não faz sentido, não faz sentido, então as pessoas brancas que eu não abro na minha casa, elas sabem que eu falo abertamente, vocês ficam aqui, mas sabem que eu vou falar mal de vocês, mas eu não falo mal de pessoas brancas, e eu ensino a eles a não pessoalizarem, porque eu estou falando da branquitude enquanto sistema de poder, enquanto sistema de poder hegemônico, porque no Brasil ninguém nasce preto, todo mundo nasce branco, hétero, cristão, e cis, tudo aquilo que rompe com essa hegemonia é passível de sofrer opressão, então nessa casa aqui, nosso discurso é completamente contra essa economia, contra essa colonização, contra essas ideias coloniais.

Pesquisador: E pensando no público, uma iniciação, ela é cara? E se sim, por que?

Babalorixá 3: Uma iniciação é cara, sim, é cara. Ainda hoje é cara. Já foi muito mais, tá? Porque os elementos que se utilizam, nós utilizamos na iniciação, eles vinham de

África, né? Então toda essa travessia, encarecia demais esses elementos, esses produtos. Hoje nós temos um mercado que já é muito mais abastecido, né? O que em tese barateia muito a iniciação. Mas, por exemplo, eu tô numa cidade grande, numa grande metrópole, né? E aqui não tem a facilidade, por exemplo, de encontrar bichos. Então nós utilizamos animais nas nossas ritualísticas no Candomblé. E os bichos, por exemplo, são uma coisa que encarecem bastante. Além disso, aí também tem pessoas, têm sacerdotes que vivem da religião, tem sacerdotes que vivem do Candomblé. Assim como o padre vive e é remunerado por isso, assim como o pastor vive e é remunerado por isso. Mas pessoas que estão conformadas a supervalorizar o seu axé, né? Embora a gente, eu sempre trabalho, trabalho aqui em casa na perspectiva das relações de troca, eu sempre penso que precisam ser as trocas justas. Se eu falo, como é que eu posso dizer que eu quero um Candomblé? Ideologicamente, preto e pobre, isso não significa que as pessoas não tenham condições de trocar. Mas se eu coloco o chão, o valor do chão, da mão de chão do meu trabalho, do meu trabalho intelectual, do meu tempo, eu faço como para esses exorbitantes, automaticamente eu estou excluindo aquela parcela de pessoas para quem eu quero, eu tô falando. Quando são pessoas pretas, pobres, se eu cobro minha mão de chão, que é o valor da troca que as pessoas me pagam, pelo meu tempo, pelo meu trabalho, pelo tudo aquilo que eu represento, pelo meu axé, como nós dizemos, se eu cobro um preço de exorbitantes, as pessoas, para quem eu falo, não vão cobrar. Embora cada um saiba que o seu preço não é um problema nenhum, porque se há quem cobre é porque há quem paga, então não posso falar de de ninguém, mas eu acho para mim um pouco incoerente a partir daqui do meu discurso. Mas sim, Candomblé em algumas casas é muito caro, porque tem muitos elementos, tem muita comida, e a gente, um candomblé aqui em São Paulo, manter um candomblé aqui, um candomblé urbano, não é barato.

Pesquisador: Existem Maneiras de baratear uma iniciação

Babalorixá 3: O custo de vida no Brasil hoje ajuda a que o candomblé seja um lugar não tão barato assim, e por isso aqui em casa eu busco, eu sempre estou pensando muito, buscando formas de baratear com o candomblé, então aqui a gente faz as

obrigações de forma ativa, como uma forma de um ajudar o outro, todo mundo vai ajudar, porque o custo que uma pessoa, duas, três pessoas pagariam, hoje 10 é dividido por 3, por 10, 15 pessoas, o que acaba barateando os custos das obrigações aí.

Pesquisador: o que é o racismo religioso? acredita que o candomblé sofra com isso? E por que?

Babalorixá: Eles gostam de usar intolerância para falar “Eu te tolero sei que você existe aí e não concordo não, tá? Mas eu vou deixar, vou te dar um... Eu vou ser bonzinho com você e deixar você fazer só alguma coisa.” Eu não acho que ninguém precise ser tolerado. A gente precisa ser respeitado. A gente precisa ser respeitado naquilo que nós somos, por aquilo que nós somos, pela nossa fé. Então, o termo intolerância não dá conta, pra mim na minha cabeça, não dá conta do que nós sofremos, porque quando a intolerância... E aí, eu chamo muito as minhas conversas com o pai S. Quando a intolerância é voltada para as religiões de matriz africana, o fundo dessa intolerância é o racismo. Então, o termo mais apropriado, pra mim, é racismo religioso, sim. É racismo religioso, porque a gente sofre com isso. A gente sofre a intolerância só por ser de religião de matriz africana. Só por ser religião de matriz. Eu vou te... Eu vou dar aqui uma ilustração do que aconteceu aqui em casa durante a pandemia do Covid-19. Nós estamos aqui no extremo norte de São Paulo e nós estamos cercado de uma região muito carente, né? Muito pobre, assim. Nós temos uma comunidade... Eu estou do lado da Fernandes Dias, do outro lado da Fernandes Dias tem uma comunidade. E, então, durante a pandemia, eu mobilizei a minha comunidade de axé para que a gente arrecadasse itens para ajudar as pessoas que passariam por dificuldades. Então, nós conseguimos doação de cesta básica, de itens de higiene, roupa, enfim. A gente fez uma campanha e arrecadamos bastante coisas. Mas o que aconteceu? Eu falei, então, que eu preciso voltar esse... Devolver para a sociedade, para a minha comunidade, para o meu bairro, um pouco daquilo

que um dia eu tive. Eu também sou uma pessoa que precisei de cesta básica quando eu era mais jovem, criança, que precisava ter esse apoio. Então, eu mandei algumas pessoas aqui de casa irem até... Toda comunidade tem um líder comunitário. E aí, eu pedi para algumas pessoas irem lá, articularem a entrega dessas cestas. Mas aí eu não abria mão que as pessoas viessem buscar aqui na casa de axé, para saberem que as casas de axé estavam se organizando também para ajudar. Quando voltaram, eu fiquei estarrecido, porque a resposta da liderança da comunidade era que se as pessoas, como a comunidade tinha muitos evangélicos, se as pessoas soubessem que a cesta básica tivesse vindo da casa de axé, de um terreiro, elas não iam pegar. E aí, qual a sugestão que ele deu? É, então, tragam a cesta básica para cá, e aí eu distribuo aqui, como se fosse aqui da associação. É claro que eu não aceitei a condição dele, muito pelo contrário. Eu fui entregar lá na minha comunidade de Brasília, no Parque de Chaves, e eu fiz questão de que todos os meus filhos, em todo o tempo que os meus filhos estivéssemos com as nossas roupas rituais, com os nossos ojás na cabeça, porque não admitia que esse racismo nos atingisse e nos impedisse de continuar seguindo fazendo nossa ação, nossa ação solidária, entende? As pessoas são tão... O racismo é tão cruel que as pessoas se recusam a receber comida, porque eu venho da casa de axé. Não, mas a casa de axé sofre, ainda assim. Aqui, por exemplo, eu vou fazer um candomblé urbano, eu toco um candomblé urbano, e eu tenho plena consciência disso. Eu tenho vizinhos do lado, eu tenho um condomínio de apartamentos aqui perto, do lado da minha casa. Então, eu sei que tem pessoas que já vieram aqui falaram que as pessoas do condomínio se incomodam, mas nunca houve aqui na minha casa, se incomoda com barulho, né? Mas nunca houve uma reclamação, nunca vi na minha casa tentar acabar com a minha macumba, mesmo porque no muro da minha casa está o parágrafo da legislação que fala que é, que ele tende a impedir a prática da liberdade religiosa, dos cultos religiosos, é crime.

Se municiar, né, se municiar de todas as informações possíveis para que a gente não evite ao máximo ser vítima dessas intolerâncias, que ainda outras casas sofrem aqui no Brasil, em São Paulo. A gente fala dos traficantes de Jesus, né, dos traficantes de Jesus que colocam, que impedem lá, aqui em São Paulo também, tá, mas muito mais no Rio de Janeiro, eles estão impedindo as casas de axé de praticarem seus cultos,

de tocar tambor, impedindo que os adeptos do candomblé saiam de branco, com as suas roupas rituais, isso é grave, isso é grave, né, o Estado não age, né, o Estado não age, a gente fica refém desse tipo de pessoas, e aí em 2021 eu participei de uma *live* com uma pastora, quando eu apresentei pra ela, quando eu apresentei pra ela essa questão, dos traficantes de Jesus, ela falou assim, eles podem ser tudo, menos que são de Jesus, Claro, porque tudo isso oferece um princípio básico do cristianismo, né, enfim, mais ou menos assim.

Pesquisador: E aí mediante a isso, o senhor acredita que exista alguma influência na chegada dos adeptos até a casa de candomblé?

Babalorixá 3: Em que sentido?

Pesquisador: Social, racial.

Babalorixá 3: Tudo bem, tudo bem. Hoje é ser do Candomblé né? Hoje é bonito e politicamente correto ser de Candomblé. Embora eu não possa descartar, que modismo seja dos motivos que levam muitas pessoas brancas às casas de axé, mas eu também não posso desconsiderar que felizmente as pessoas estão se conscientizando. As pessoas, sobretudo as pessoas pretas, quando começam a se racializar, começam a entender então e está tudo bem as pessoas pretas que não são de axé também. O Candomblé não é pra ser essa questão universalizada, orixá quer aqueles que querem orixá tá? Fico muito tranquilo em relação a isso. Mas quando a pessoa passa a se letrar, em algumas isso é tema, que pode ser contestado, tá? A gente não gosta, do termo letramento racial, mas quando a pessoa passa a se racializar, a entender os mecanismos que que o racismo e ainda hoje utiliza para nos tirar da nossa negritude pra não tirar a nossa negritude, as pessoas acabam as pessoas acabam entendendo que retornar às origens ancestrais, e isso o candomblé é uma religião ancestral, é uma forma de você reafirmar a sua permanência negra no

mundo. É uma forma de você gritar pro mundo que você é preto, estou falando eu das pessoas pretas, ela é uma forma de você falar pra pro mundo, olha, eu sou preto e tenho orgulho da minha ancestralidade. Eu tenho orgulho daqueles que se foram pra que hoje eu pudesse ser. E enquanto as pessoas brancas, são pessoas que entendem, que buscam aí pelo menos buscam entender o seu papel que ainda hoje colhem as os privilégios, os que são beneficiados dos privilégios, pessoas que assassinaram, que mataram, que violentaram, que estupraram, e os munidos dessa consciência, acabam fazendo querendo fazer parte do candomblé, das religiões de matriz africana em geral, como forma mesmo de dizer que eu estou aliado e eu estou ligado nessa luta que eu tenho lado, e não vai ser lado de lá. Entendeu? Então essa é a essa é a jogada.

Pesquisador: Acredita que com esse boom da internet né, a revelação dos segredos religiosos fortalecem os casos de Racismo Religioso?

Babalorixá 3: A o candomblé é a religião do *Awo* religião segredo, né? Tem uma cantiga que uma das traduções é, os não iniciados não devem conhecer o segredo do Mario. Essa é uma cantiga que ela faz uma alusão, que na casa de axé tem folhas, tem taliscas de *mariô* desfiado. O *mario* é uma folha de palmeira originalmente da palmeira de dendezeiro, que é colocada nas portas das casas de Axé como forma de proteger de influências de entidades, entidades eu não quero dizer negativas, mas entidades que não pertencem aquela aquele espaço pronto. É uma forma de dizer que protege de coisas que não são não pertencentes aqui no espaço. E aí esse ditado essa cantiga, ela fala o quê? O segredo precisa ficar protegido. E aí, eu sou uma pessoa que o pai S. na verdade né o pai S. me respalda para que nós usemos eu acho que a tecnologia eu vou falar da tecnologia, o trabalho que eu desenvolvo nas redes sociais por exemplo, as redes sociais são, uma possibilidade de ampliação da nossa voz contra o racismo religioso. Preciso divulgar o que o que é feito a ritualística feita interna da Casa de axé? Eu preciso divulgar o que é feito dentro do meu quarto de santo? Não, não, mas eu não posso deixar de falar e mostrar a riqueza da nossa tradição, o candomblé é cheio muito sentido, tem muito cheio de produção de sentidos,

significados, e a gente precisa usar a potência das redes sociais para comunicar pra sociedade que a gente não cultua o demônio. O demônio não faz parte do nosso panteão africano. A gente precisa entender que a cosmologia, cosmologia, ioruba, a cosmogonia nagô-Ketu é linda. A gente tem sentido, e usar a as redes sociais para isso usar a os meios de comunicação para publicar isso é muito válido é muito importante. Embora e aí eu vou falar de novo para fazer bom uso das redes sociais né? Mas eu sempre falo as pessoas falam ah mas aí divulgar o orixá, eu falei assim gente nada mais do que pessoa que veio e nunca veio a casa de axé vai ver como vier aqui. Pessoas, eu tenho trabalho na nas redes sociais, que me faz ter acesso a pessoas hoje, que tiveram isso, chegaram até a casa de Axé depois daquilo que eu começo do que eu chamo de alfabetização de axé nas redes sociais né porque eu fui explicando quem é o quê, eu fui falando quem é o quê, o que que é o axé. A gente luta contra o império de comunicação dos evangélicos e da igreja católica. Eles têm redes de rádio e TV que estão nos demonizando o tempo inteiro, demonizando nossas práticas, demonizando nossas divindades, demonizando nossos rituais. Então é impensável que nós abramos mão de comunicar pras pra sociedade que que a gente não tem que a gente não pega o mal não, Entende? Então, eu sou muito aberto da proteção do orô daquilo que acontece no pátio de sangue, daquilo que acontece dentro da comunidade, que só a comunidade que eu sabia, mas daquilo que a cerimônia publicada sim, isso tem que ser, eu sou a favor de levar isso para o mundo. E as redes sociais são uma oportunidade que a gente tem de potencializar nossas vozes. Eu sou muito a favor disso.

Pesquisador: mediante a isso o senhor acredita que a gente vai superar o preconceito?

Babalorixa3: Olha, eu sou de uma religião, de uma religiosidade, onde os meus ancestrais, eram chicoteados por querer cultuar suas divindades. Onde no pós abolição foram impedidos à força da lei inclusive né? A capoeira foi impedida, candomblé foi impedido, E aí aqui, nos anos sessenta, setenta, as casas de axé precisavam se reportar à delegacia, para poder fazer seus toques. E ainda assim, dependendo do humor do delegado, não era permitido que a gente partia para a

clandestinidade. E aí nós tínhamos nossos cultos interrompidos, Os atabaques que pra nós são instrumentos sagrados eram furados, sequestrados da casa de axé. Mulheres apanhavam na cara, homens eram presos e apanhavam e eram procurados. Única exclusivamente por serem pessoas, por serem homens e mulheres de axé. Recentemente no Rio de Janeiro, a polícia está devolvendo pro candomblé, para as pessoas de axé, os instrumentos, ibás, atabaques, assentamentos que o pra gente é tão sagrado, que foram apreendidos durante investidas que eram realizadas nas casos de Axé, isso se reproduziu Brasil a fora. Eu não sei, eu não sei, se eu vou viver vou pra ver o fim do racismo religioso. Mas que estou trabalhando exaustivamente, para que o fim do racismo religioso, da intolerância religiosa do racismo, enquanto o sistema do poder, termine eu estou trabalhando, eu estou fazendo, estou me desdobrando enquanto, cidadão, tenho me desdobrado enquanto profissional, tem me desdobrado enquanto sacerdote, tenho me desdobrado enquanto pessoa de axé, tenho me desdobrado muito para que as pessoas, o papel do sacerdote também é educar né? O papel do sacerdote é educar e educar sua comunidade religiosa para entender os mecanismos que o racismo age. E como a gente pode fazer para combatê-lo? É entender que o vestir uma roupa branca de sexta-feira, em homenagem a Oxalá é um ato político, usar um fio de conta nos espaços que a gente frequenta é um ato político, ser de candomblé por si só é um ato político e aí nós estamos vivendo nos tempos, tenebrosos do Brasil, onde o último governo, legitimou ataques a terreiros, onde nós vemos crianças sendo apedrejadas, onde nós vimos terreiros sendo invadidos, queimados, pessoas de axé, sendo atacadas na rua ou tendo por exemplo direito cerceados, seu direito de quando motoristas de Uber não atendem com esse aplicativo né, não atendem ou se recusam a transportar pessoas por pouco porque estão indo pra casa de axé pro terreiro, ou porque estão trajando seus suas vestimentas. Tudo isso foi legitimado inclusive, inclusive aí eu estou fazendo uma denúncia mesmo, inclusive a maior autoridade do Brasil, antes desse governo Lula, disse que governaria para os cristãos, isso ele disse numa entrevista, que ele governaria para os cristãos e aqueles que não se adequassem podiam ir embora do Brasil. Essa fala dele enquanto maior autoridade política do Brasil naquele momento, legitimou esses ataques ele é tão culpado quanto aquela pessoa que, ele ajudou a acender a tocha e botou fogo no terreiro. Ele ajudou a erguer a mão do cara que jogou a pedra na cabeça da Kailaine. Ele ajudou, ele ajudou a matar as Iyalorixá.

Portanto, com o discurso dele, ele ajudou a fazer todas essas atrocidades. Isso é terrível. Nós estamos tendo um avanço aí da extrema-direita no mundo, não só no Brasil, mas no mundo. E a gente sabe muito bem o que isso quer dizer. Eu não tenho a certeza que eu virei o fim da intolerância religiosa, do racismo religioso, do racismo enquanto sistema de poder. Eu não tenho essa certeza. Mas que eu vou morrer e eu vou deixar muita semente para que pessoas, depois da minha ancestralização, possam seguir lutando, assim como fizeram nossos ancestrais. Ah, isso eu tenho certeza. Estou criando um monte, de pessoas, um monte de pessoas aí, um monte de sementes, “empiolhando” pessoas para serem mentes pensantes. Mentes pensantes e antirracistas.

Pesquisador: Se o senhor acha que o Estado brasileiro é parte no projeto contra, no projeto racista, né? Contra o candomblé.

Babalorixa3: Totalmente, totalmente. Historicamente, sempre foi, né? Inclusive, a força da lei. Existiram leis que visavam proibir, tornar legal tudo o que era feito pela gente preta. O samba, a capoeira, o rap, a macumba. Então, o Estado sempre foi o maior agente de fomentação do racismo que a gente teve. Sempre foi, segue sendo. Apesar de ter avançado alguma coisa, tem muita coisa para ser feita aí. Enquanto a gente não garantir que todos os cidadãos possam professar sua fé livremente, aliás, isso está na carta magna, né? A Constituição de 88 nos garante isso. Mas o Estado não consegue garantir. Enquanto nós tivermos um terreiro sendo apedrejado, enquanto nós tivermos pessoas sendo impedidas de entrar num carro de aplicativo, enquanto nós tivermos terreiros sendo invadidos, como acontece aí em alguns lugares do país, que pessoas interessadas na terra querem tirar o terreiro. Inclusive, recentemente, a Casa Branca, que é tombada, estava sendo ameaçada por um prédio que estava sendo construído ao redor. Duvido, duvido, isso seria feito se fosse uma

igreja tombada. Duvido, eles ergueriam, teriam conseguido erguer. Cinco andares já tinham levantado. Eu duvido, o Estado, a lei por si só não garante nada. Mas ainda hoje a gente precisa delas para ter um mínimo de respaldo. A gente já tem aí delegacias especializadas no princípio raciais, a gente já tem organismos legais que tentam nos proteger, mas que o Estado muitas vezes fecha os olhos, e dizem, ah, disso eu tenho certeza, tenho certeza. É muito mais fácil a polícia ir até um terreiro por uma denúncia de barulho do que por uma denúncia de que o terreiro está sendo atacado. E a polícia representa quem nesse caso?

Pesquisador:. O senhor já sofreu algum tipo de intolerância, barra, racismo religioso? houve denúncia?

Babalorixá 3: Eu citei o caso das cestas basicas aqui de casa. E naquela época, como é uma coisa que não tem como comprovar, a gente fica refém dessas coisas, porque cabe a quem denuncia o ônus da prova. Então ficou uma coisa muito mais simples. O Babalorixá 3, eu sempre transitei por ambientes onde eu era sempre muito respeitado, até porque eu sempre me posicionei. As pessoas poderiam até não gostar, mas me respeitar. No meu trabalho, por exemplo, toda sexta-feira eu vou de branco. Eu vou para o meu trabalho com fio de conta. E nunca, nunca, pelo menos assim na hora, na minha frente, nunca tive uma cara enviesada, nunca tive um olhar torto, porque as pessoas sabem que aqui vão encontrar um paredão e aí a gente vai partir para todas as instâncias possíveis. Vou para a denúncia de processo disciplinar. Ah, eu faço a "quiçaça" na vida da pessoa. Mas, fico muito atento às minhas crianças e adolescentes. Esse sim. Já que existem relatos de adolescentes, de crianças e adolescentes que foram na escola, foram chamadas de macumbeiro, disseram que um outro amigo, um dos meus meninos aqui de casa, cultua o diabo. Entende? E aí eles são educados para se defenderem. E aí, o me encheu de orgulho, quando a mãe dele me relatou, ele respondeu para o amigo, “olha, como meu pai de santo fala, o diabo para a gente nem existe. Então, vocês que criaram ele, deem conta dele aí.” Então, isso, até é isso que eu estou falando. Eu estou criando pessoas conscientes para que essa briga não morra, não se encerre quando eu fechar meus olhos. Entendeu?

Pesquisador: Quais as tecnologias de enfrentamento ao racismo da comunidade do senhor, com exceção da própria pessoa sacerdote?

Babalorixá 3: Conhecimento, educação. Educação, sou professor, né? Sou professor. Então eu acho que o conhecimento é uma das maiores armas que nós temos para lutar contra o racismo e contra o racismo religioso. Quando você tem conhecimento daquilo que você pratica, quando você tem conhecimento dos seus direitos, quando você tem conhecimento da sua fé, do que embasa a sua fé, tudo isso te respalda e te municia para a luta. Para a luta. É muito difícil dar em “nó “com um filho meu aqui. Muito difícil. Porque aqui eu falo e falo muito. Mas o conhecimento é o que... É o primeiro tópico, é a primeira tecnologia, ou melhor, a tecnologia mais essencial para que a gente combata a intolerância religiosa, o racismo religioso. A educação, o conhecimento, é a nossa mais poderosa arma. Perfeito.

Pesquisador: por que as pessoas negras não estão no candomblé?

Babalorixá 3: Primeiro, eu entendo, que o candomblé não precisa ser universal como as outras religiões querem ser. O candomblé é, só é. Candomblé não bate na porta de ninguém, domingo de manhã, está perguntando se você quer conhecer a palavra de oxaguian. Se você quer conhecer a palavra de Exu, se você quer conhecer a palavra de Oxum. O candomblé respeita as pessoas. E aí, nós não podemos desconsiderar que muitos dos nossos foram ensinados a odiar tudo aquilo que é da sua ancestralidade. E é uma forma eu entendo que seja uma forma inclusive de se proteger ainda hoje. Uma estratégia de proteção. Porque quando você assume a sua negritude e quando você assume que você é terreiro, é como se você tivesse triplicado, quintuplicado, o alvo que você se torna. Você vira algo muito mais fácil. Quem é que quer ser atacado o tempo inteiro? Quem é que quer ser comparado com pontuador de uma figura demoníaca o tempo inteiro? Quem quer ser demonizado o tempo inteiro? Ninguém quer. Então para essa parcela de pessoas pretas que ainda não encontraram a palavra de Oxalá, para essa parcela de pessoas pretas é mais fácil

manter se longe daquilo que esse te compõe. E a quem candomblé quer o quê? Devolver a África que existe em nós. Ó que poético isso. Essas pessoas preferem manter-se protegidas é uma forma também de autoproteção. Então eu entendo isso, respeito, respeito,

Pesquisador: Como Candomblé mudou a vida do Senhor

Candomblé apresentou o homem da minha vida. ...apresentou oxaguian. Oxaguian é meu pai. Um pai que eu nunca tive. Eu tenho uma questão com meu pai biológico, que já não está mais nesse plano. Ele me abandonou duas vezes. Quando eu tinha a minha adolescência. Então eu tenho muitos problemas. Tive muitos problemas quanto a isso. E eu falo que o amor de pai... que eu conheci na minha vida... foi o candomblé que me trouxe. Foi oxaguian. Candomblé me transforma. Porque a partir do momento que eu entendo... um homem preto... a partir do momento que eu me vejo no terreiro... eu começo a me entender como um homem preto. E o candomblé é quem possibilita a minha existência... porque rompe... porque rompe... um ciclo de mortes prematuras na minha família. Na minha família. Todos os meus irmãos...dos meus irmãos... aqueles que conviveram comigo... minha mãe e seus setes filhinhos... Os meus irmãos chegaram uns trinta anos. Eu já estou com quarenta e cinco. O candomblé... Quem garante a ruptura com esses ciclos de mortes prematuras aqui na minha família. Então... sem o candomblé, hoje talvez... eu nem estivesse aqui pra conversar com você. É isso.

Pesquisador: Axé!

11.5 Levantamento De Dados

Formulário Google Forms levantamento de dados

Este formulário, é parte integrante de uma pesquisa acadêmica sobre o racismo religioso no território de Bauru, a ideia é mapear de forma simples, Terreiros na Cidade, afim de criar um breve registro de quantidade e saber se estes terreiros possuem regularização Jurídica(CNPJ), O nome do terreiro não será divulgado, o que pretendemos aqui é contabilizar dados e se destina somente a Religiões de Matriz Africana. Umbanda, Candomblé, Quimbanda, Jurema, entre Outro...
O terreiro, não corre nenhum risco com a pesquisa, nem adquira qualquer vantagem financeira nas respostas
Qualquer Informação Necessária, podem entrar em contato comigo
Instagram: @7Gargalheii
WhatsApp:(14)991888007
Gabriel Henrique Vitorino- PPGMiT-UNESP BAURU

Gráfico 1:

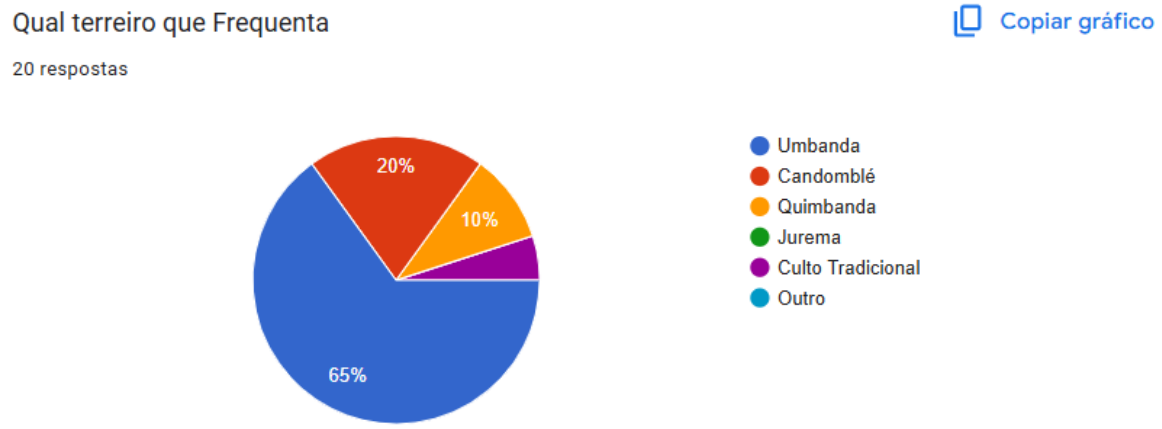


Gráfico 2:

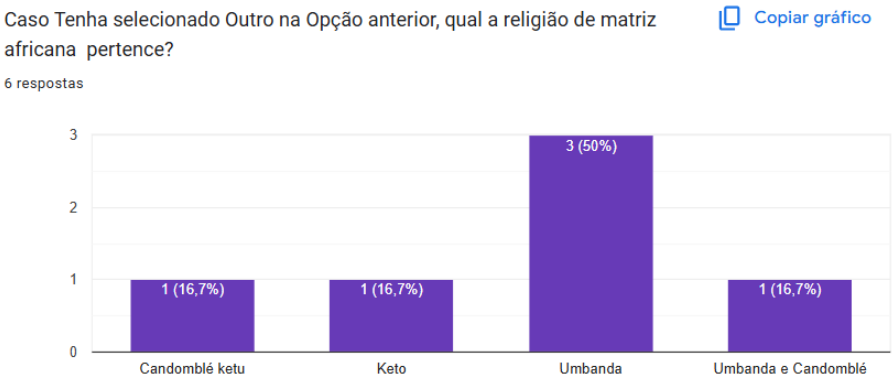


Gráfico 3:

SEU TERREIRO POSSUI CNPJ ?

Copiar gráfico

20 respostas

